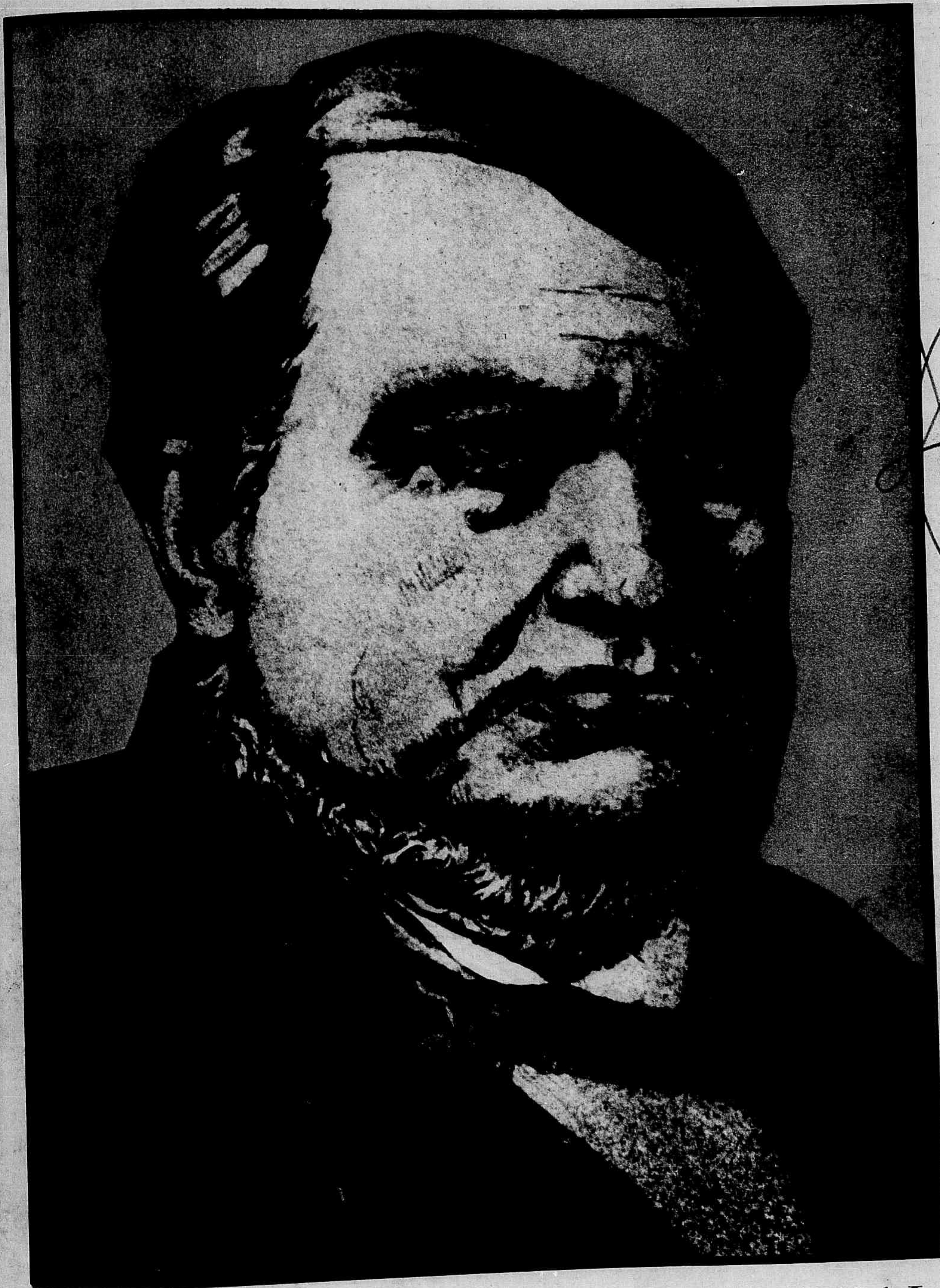


Revista da Semana

ANO XLIV --- N. 37 --- Cr\$ 1,50 em todo o Brasil --- 11 de Setembro de 1943



CONGRESSO JURÍDICO NACIONAL

Reportagem de texto

ARAMIFICIO CARDOSO

Ao lado: Um aspecto da mesa de doces oferecida aos convidados à festa de inauguração do Aramifício Cardoso. Em baixo: Os diretores do grande estabelecimento metalúrgico, fotografados entre os empregados da fábrica.



A foto acima é um flagrante do ato inaugural, vendo-se o Sr. Manoel José Fernandes ao cortar a fita simbólica. Na gravura aparecem ainda o Sr. A. Lopes Cardoso e o Rvmo. Padre Mario Couto.



O Aramifício Cardoso, estabelecimento industrial que vem, desde 1915, servindo ao comércio de arames e tecidos metálicos do Brasil, acaba de inaugurar novas e bem montadas instalações fabris à rua São Luiz Gonzaga, 200, para melhor atender a crescente procura de seus produtos nos mercados nacionais. Assim poderá o sr. A. Lopes Cardoso, proprietário desse grande estabelecimento industrial, atender com presteza a sua numerosa clientela, que cresce dia a dia.

Ao ato inaugural das novas instalações do Aramifício Cardoso, compareceram, além do industrial Sr. Manoel José Fernandes, paraninfo da solenidade, e do Rvmo. padre Mario Couto, que lançou a bênção à fábrica, inúmeros amigos do Sr. A. Lopes Cardoso, jornalistas e clientes do grande estabelecimento. Entre os presentes estavam os Srs. Manoel C. de Carvalho, José Monteiro de Rezende, Armando Bastos, Capitão Vicente Spena, Armindo Reis, Saul Garcia Cal, Belmiro Monteiro, Ismael Tavares, Alvaro de Carvalho, Manoel de Souza, Virgílio Antunes, Eduardo Marques de Souza, Tertuliano Guimarães, Bernardino Casimiro, A. L. de Moraes, David Araujo, Emiliano Machado, Francisco Carrapatoso, Dr. Newton Barroso, Francisco Pereira de Oliveira, Manoel Ferreira Leal, Humberto Carvalho da Conceição, Arnaldo Vieira e outros elementos do mundo da indústria e comércio e do jornalismo carioca.

Usou da palavra na ocasião o Padre Mario Couto, que em bela oração exortou o Sr. A. Lopes Cardoso e seus dois filhos e cooperadores, os Srs. Arthur e Oswaldo Cardoso, a continuarem o seu trabalho construtivo e empreendedor, com o mesmo entusiasmo e vigor.

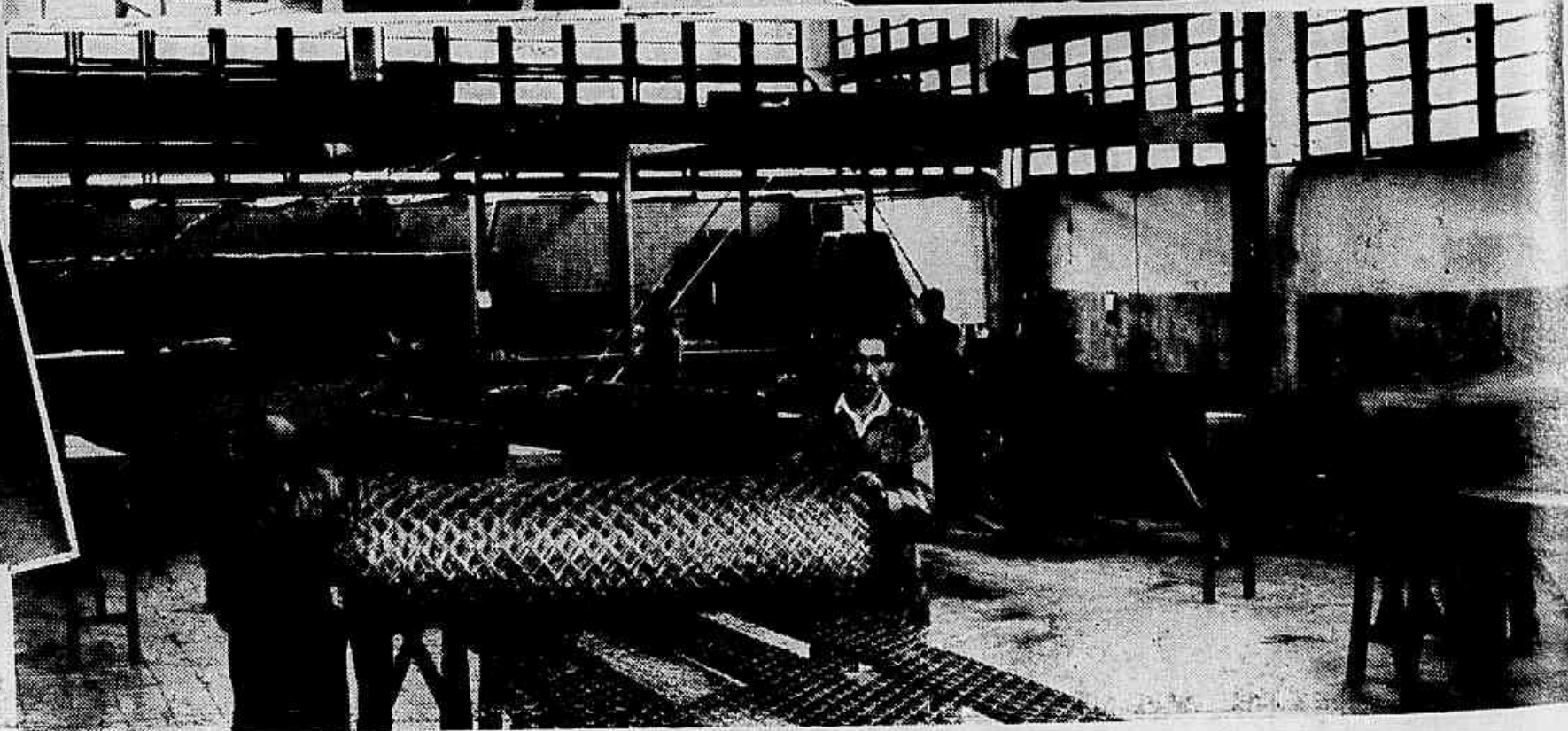
Ao término das solenidades, foi oferecida aos presentes lauta mesa de doces finos.

Grupo onde aparece o industrial Sr. A. Lopes Cardoso, proprietário do estabelecimento, cercado de membros de sua família.



As tres fotos que aqui reproduzimos bem demonstram a amplitude da produção alcançada pela nova fábrica do Aramifício Cardoso.

Vemos ao lado, um grupo de elementos dos mais representativos do nosso mundo comercial e industrial, que compareceram à inauguração do importante estabelecimento fabril.



Baixemos as cabeças para os berços

Anselmo Macicira

A criança é o contemporâneo do dia de amanhã. Esses milhões de pequenos seres são a matéria prima do futuro, os donos do mundo novo. Dai a necessidade de tomá-los em nossas mãos e imprimir-lhes um sentido de vida. De uma vida mais pura, mais forte do que a nossa. E' preciso que cada geração compreenda seus erros e contribua para o aperfeiçoamento da espécie.

Que idéia fará do mundo essa infância que está começando a viver? Que dúvidas já estarão manchando os cérebros meninos? Por certo, em todos os lares, as crianças recebem a educação cristã, as normas que vêm orientando até agora a civilização ocidental. Mas, indagamos nós, acreditarão ainda nesses valores? Não falará mais alto às sensibilidades fragilíssimas o létrico realismo dos fatos?

Ante um mundo convulsionado, no qual a única virtude admirada e admirável é a força de ferir, a capacidade de matar. Quando cidades centenárias transformam-se em ruínas com a mesma rapidez com que se esconde o sol. Frente à cena danlesca de uma humanidade que está dinamitando sua civilização — acreditarão as crianças no que lhes ensinam? Na fraternidade, no amor ao próximo, no respeito à personalidade humana?

Creemos que não. E' entretanto devemos fazer com que elas acreditem. Nossa geração não pode renunciar a este último sacrifício. Um esforço para preservar, na infância de agora, a continuidade de uma cultura e de um patrimônio inatingível. Nós, que não logramos construir o que desejávamos, não podemos, por isso, renunciar à transmissão da mensagem de uma experiência e de uma idéia ao futuro.

As gerações, como os homens, vivem para o que há de vir.

Não se ganham as guerras, apenas, nos campos de batalha. Os povos bravos que se desinteressam dos problemas do após-guerra acabam esmagados pelo próprio peso desses problemas.

Paradoxal o destino dos homens! As civilizações crescem conduzindo no ventre a fórmula de sua morte. Dir-se-ia pairar no destino dos povos a estranha maldição de destruírem aquilo que eles mesmos ergueram, com a inteligência de seu cérebro, com a força de seu braço.

No cemitério das cidades extintas, outras humanidades percorrem — sempre — o mesmo roteiro, no delírio das plenitudes transitórias. Vivemos ciclicamente. Símbolos e concepções velhíssimas ressurgem a todo momento, como se não fizessemos mais nada do que erguer ao sol das idades o espelho das formas recentes.

No entanto, reparai. Vede a imensa vaidade da espécie, na luta pela sobrevivência. Túmulos, templos, palácios... Contemplai uma pirâmide egípcia e uma catedral medieval. São arquiteturas distintas, idéias diversas corporificadas na pedra. Mas apresentam um traço comum. Um anseio único identifica os espíritos perenizados nos dois monumentos.

Apuremos os sentidos e chegaremos a descobrir na História o avermelhado relume dos incêndios, o estrupidar dos exercitos, a música infinitesimal das nevroses sucessivas. História é movimento. Uma luta pela vida no plano universal das coisas. Desenvolve-se em nome de alguns princípios — para determinados fins.

A essência de qualquer movimento é um objetivo para esse movimento. Não há o gesto sem a idéia.

Crear significa subir. Ascensão é progresso que vive no sentido da forma. Consiste na combinação cada vez melhor dos processos técnicos, no domínio crescente dos homens, sobre as forças da natureza. E' o velho segredo dos Telchinos, filhos do Sol e de Minerva. Este progresso produziu a máquina, o cimento armado, o papel celofane — e a guerra.

O outro progresso é o aperfeiçoamento moral da espécie, o desprezo das formas bárbaras de viver, dos atos violentos, em benefício de um proceder mais compreensivo, mais humano. Materializa-se mais na sinceridade dos homens do que na excelência das doutrinas, no brilho das teorias.

Progredimos, pelo menos no primeiro sentido da expressão. Hoje, apertamos um botão elétrico e aparece um mundo. E' uma versão prosaica, mas — e isto é o principal — verdadeira, da lampada maravilhosa dos contos de fadas. Ouvimos, pelo rádio, os países longínquos, os povos distantes. Os mares, esses terríveis mares de que nos falamos, assustados, os primitivos navegantes, estão reduzidos a horas, no boletim das companhias de aviação. Na ausência de distâncias caracteriza-se o mundo moderno.

Vivemos uma época em que todos os valores reduziram-se a um valor único — o tempo. Redescobrimos, agora, que ele é o supremo tesouro da Terra. Os povos que vivem felizes são aqueles que empregam melhor o seu tempo. Qual será o melhor ou o pior emprego do tempo? Alguns povos entregam-se, de pés e mãos, à produtividade industrial. Afinal — crêem eles — ter ao alcance um perfeito refrigerador elétrico, uma cadeira moderníssima, que se desloque a um simples manejo de alavanca — são prêmios capazes de justificar toda a nossa atividade. De resto, esse conforto material — que o cinema universalizou — excita os homens, sensualiza as multidões. Abandonou-se a introspecção, buscando-se no mundo físico as sugestões renovadoras. Dai o amoralismo da época. Essa afinidade tão íntima entre o sexo e a máquina; a idéia geral de que podemos sentir a civilização — na própria carne.

A materialidade das coisas sugere concepções vitais, substituindo o que descobriam outrora, por uma ginástica mental.

Ousamos discordar de tudo isso. Existe um ideal de simetria para o progresso. As transformações que se processarem, desprezando o segredo dos equilíbrios sutis, subvertem o ritmo dos fatos históricos. Dai o aparecimento dos falsos ídolos, das doutrinas falazes. A desordem social decorre, basicamente, de uma desordem interior.

Preparemos as gerações novas para o dia de amanhã.

Na Europa em guerra, as crianças foram deslocadas em massa das grandes metrópoles, fugindo aos bombardeios. Essa vida longe dos lares há de influir profundamente, lançando nos cérebros juvenis uma sombra triste. Os orfãos, também, recolheram-se aos



asilos. Na Alemanha, adolescentes de 14 anos, já estão rumando para o campo de batalha.

Nota-se, em toda parte, que os jovens estão sendo chamados a participar vivamente da tragédia.

Que poderemos esperar de uma juventude assim formada?

Nós, brasileiros, no entanto, ainda estamos em tempo de preparar a infância, para a olimpíada árdua do após guerra.

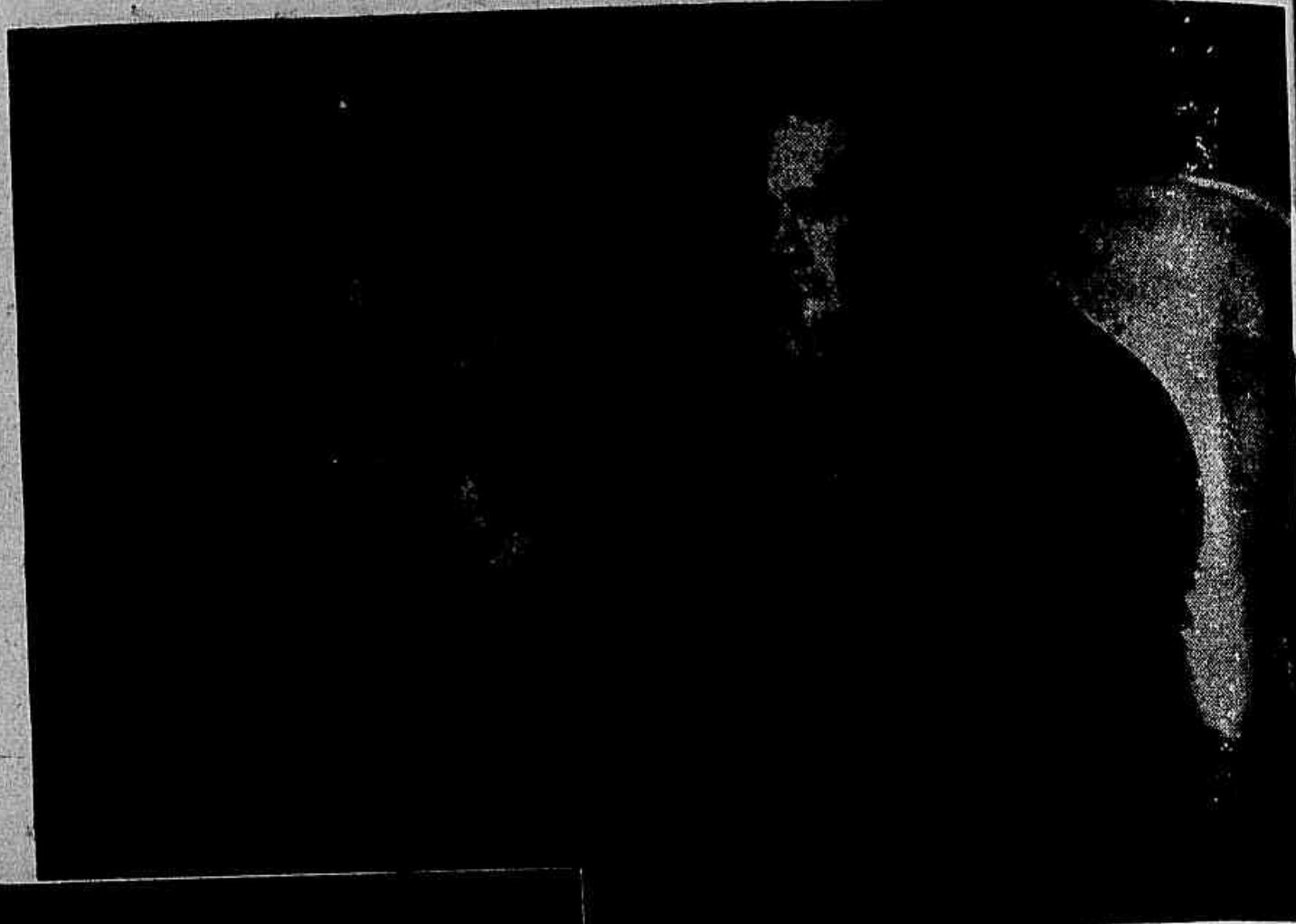
De revesti-la com a couraça de um ideal, porque só existe força creadora onde existe crença.

Eduquemo-la no culto do nosso passado, numa quasi religião da Pátria. E' preciso até ensinar o Tupi, porque só através do doce idioma ela poderá perceber, na sua expressão mais alta, a alma nacional. Mas o nacionalismo não exclui o sentimento de humanidade, não impede uma compreensão ampla de tudo, uma maneira humana de sentir o mundo.

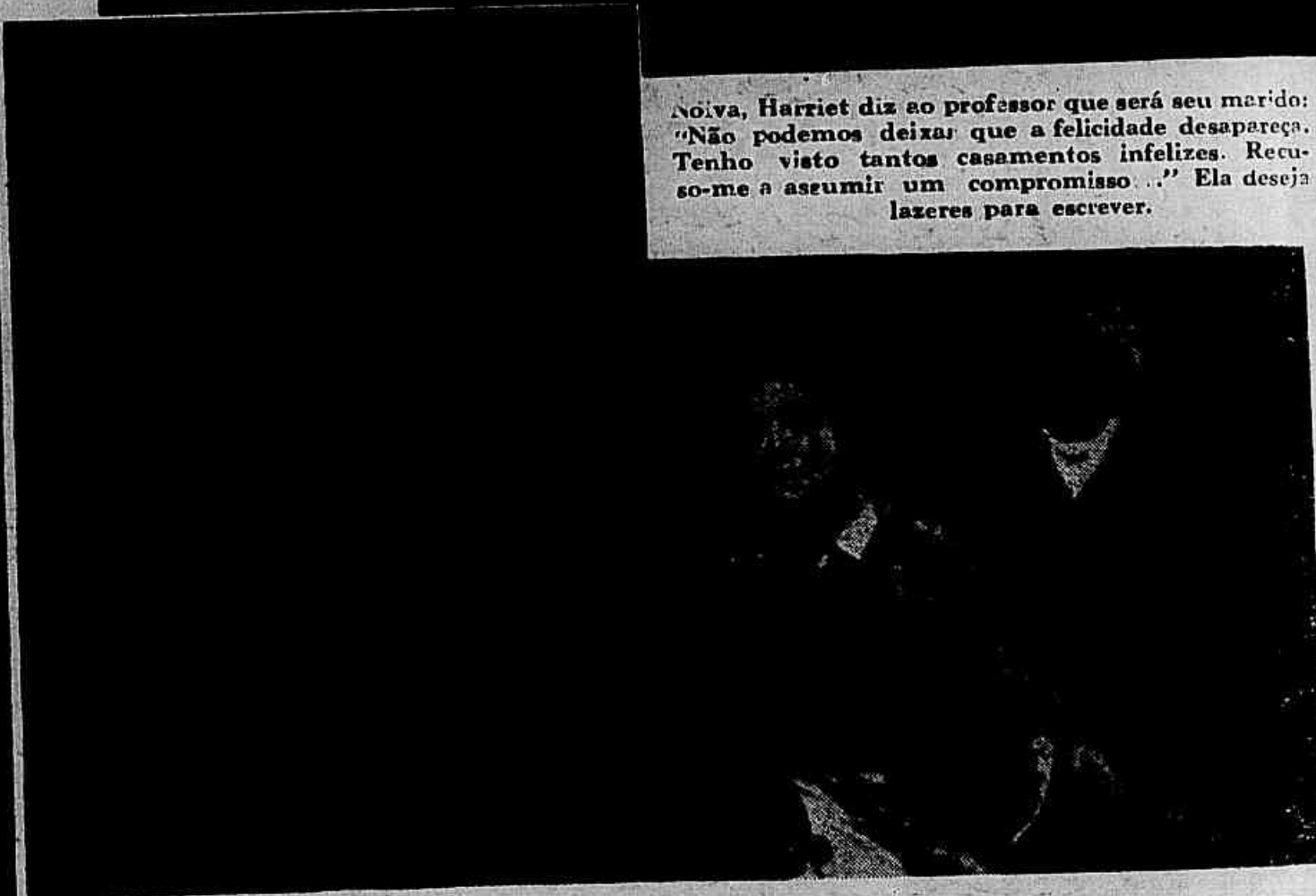
Nós, ibero-americanos, principalmente, temos uma missão na História — iniciar a tradição da paz. Este objetivo só será atingido criando-se uma mentalidade nova.

Na infância reside a esperança. Que os jovens corações aprendam, desde cedo, a amar a terra, fonte da vida e da beleza. E que os olhares inocentes, se ergam ao infinito, na mesma atitude clara das estatuas antigas, das estatuas gregas. Porque há um Absoluto que espera por nós.

A mulher que provocou uma guerra



Noiva, Harriet diz ao professor que será seu marido: "Não podemos deixar que a felicidade desapareça. Tenho visto tantos casamentos infelizes. Recuso-me a assumir um compromisso..." Ela deseja lazes para escrever.



Os anos de pobreza começam a desfilar e até mesmo a felicidade evapora-se. Por fim seu filho mais velho é envolvido numa rixa, vê os bandidos da fronteira matarem um escravo, e ela diz a seu marido: "Você precisa tirar-nos deste lugar horrível!"

De HAL BORLAND

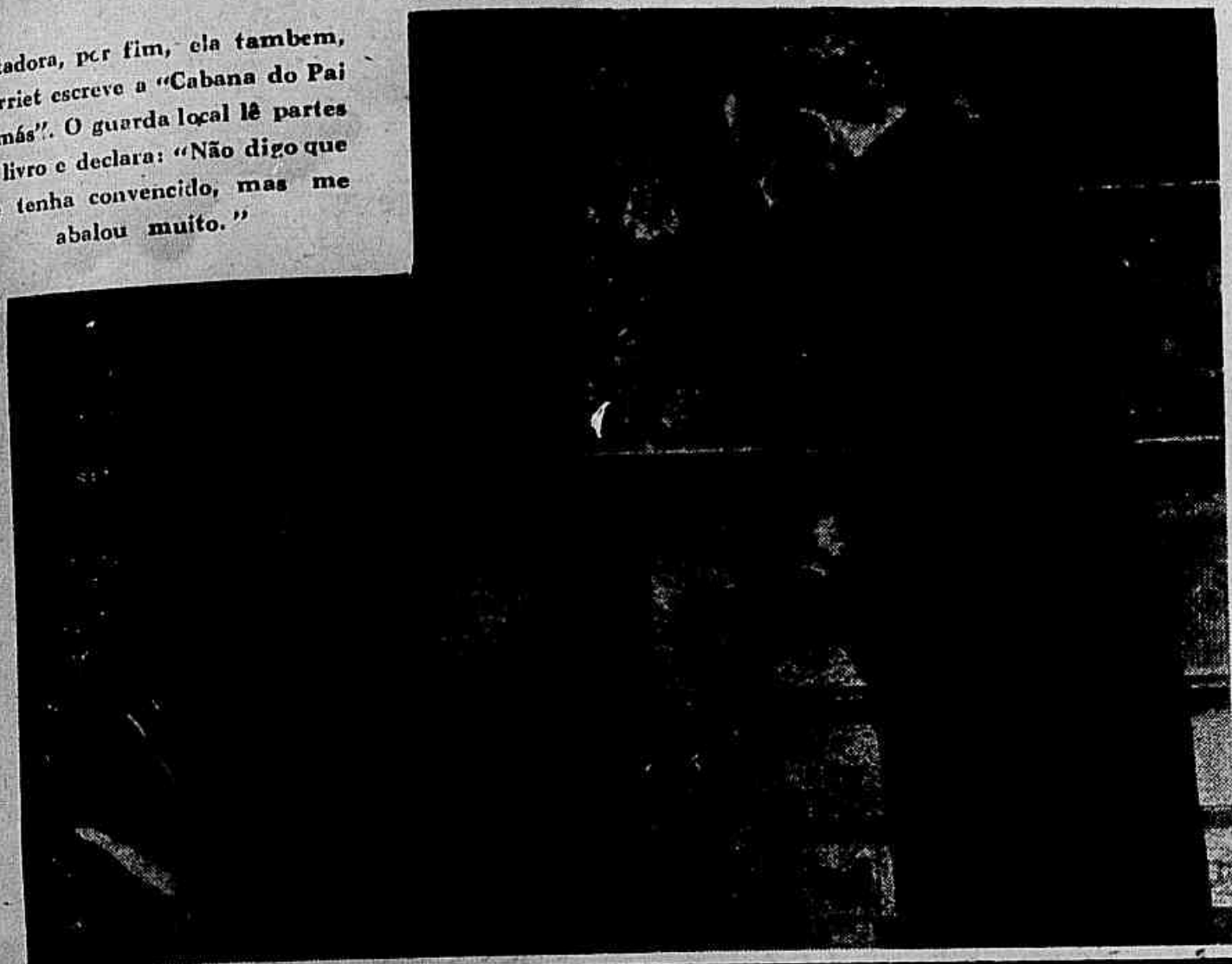
Escrevendo "Harriet", a nova peça de Helen Hayes, Florence Ryerson e Colin Clements foram ao começo da Guerra Civil Americana para salientar a liberdade e as mais altas aspirações humanas. A personagem central, representada por Miss Hayes, é Harriet Beecher Stowe, a quem Lincoln chamou a "Pequena Dama que provocou uma grande guerra", e a ação da peça gira em torno de sua vida.

Entre os Beechers revolucionários, Harriet aparece, nas primeiras cenas, como a única que não tem nenhuma paixão pelas reformas. Noiva, ela escreve contos apenas pelo dinheiro que pode ajudá-la a libertar-se da pobreza. Odeia a luta, foge das pugnâncias na fronteira em Cincinnati para a paz relativa do Maine. Entretanto, até aí ela sente o problema escravista. Por fim ela escreve "A cabana do Pai Tomás" com o objetivo de harmonizar o Norte e o Sul, e evitar a guerra entre ambos. O livro tráz-lhe riqueza, fama e — a guerra. Finalmente ela aceita seu papel como símbolo da abolição e porta-voz da liberdade, e vê Lincoln em seu real aspecto. Só então ela pode dizer: "Estamos aprendendo que um mundo no qual cabe a uns felicidade e a outros miséria não pode perdurar".



Eventualmente, retiram-se para o Maine. Aí uma escrava fugitiva torna a perturbar a calma de seu lar. Harriet abriga-a e diz: "Não permitiremos que lhe aconteça nenhum mal". Mas a Lei não tarda a trazer a fugitiva para o cativeiro.

Lutadora, por fim, ela também, Harriet escreve a "Cabana do Pai Tomás". O guarda local lê partes do livro e declara: "Não digo que me tenha convencido, mas me abalou muito."



Publicada em livro "A Cabana do Pai Tomás" é um grande sucesso. Harriet consegue enfim o vestido de seda que sempre sonhara. Mas suas filhas afastam-lhe das mãos todas as cartas ofensivas.

Só quando Forte Sumter é atacado, Harriet compreende que a guerra é inevitável. A notícia chega-lhe quando seu filho mais velho voltando do colégio pede-lhe permissão para alistar-se. Agora é impossível voltar atrás.



Figura internacional, é chamada a Washington, vê o Presidente e volta para achar sua família, os Beechers lutadores, orgulhosos de si. O irmão Thomas, um capitão do exército, diz-lhe: "Você surpreendeu a todos nós!"

Aclamada pelo povo de sua cidade natal, que lhe pede para falar sobre o Presidente, Harriet chega à janela e diz: "Sempre houve tiranos. Mas sempre houve também almas nobres que deram suas vidas pela liberdade."



Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e queimadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Revista da Semana

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00

O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Enderço telegrafico: "REVISTA"
Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas.

A NOSSA CAPA

A fotografia que ilustra a nossa capa de hoje é de Augusto Teixeira de Freitas. Especialmente cedida à REVISTA DA SEMANA pelo sr. dr. Camilo Guerreiro, secretário da Faculdade de Direito de Niterói e grande admirador do juriconsulto brasileiro. Augusto Teixeira de Freitas, emérito jurista patricio, nasceu na cidade de Cachoeira, na Bahia, no ano de 1817. Bacharelou-se em Direito na Academia de Olinda no ano de 1837. Habil juriconsulto era frequentemente consultado pelas maiores notabilidades do país e deu solução a importantes questões de Di-

reito, em que era primeiro entre os seus mais ilustres cultores.

Vitima da sua inteira dedicação e aplicação ao estudo da ciencia juridica, de que é figura de imperecível grandeza, viu-se privado da razão no correr do ano de 1833.

Elaborou o "Projeto do Código Civil" que, aceito no Brasil com algumas restrições, mereceu dos juristas platinos e do governo da Republica, aprovação sem que o trabalho do mestre que honra as letras juridicas brasileiras sofresse qualquer emenda.

Devemos ainda a Augusto Teixeira de Freitas os seguintes trabalhos: Formulário dos Contratos e Projeto do Código Civil.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça frouxa. FIXO-DENT, um novo pó para polvilhar a dentadura postiça, prende-a com mais firmeza na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXO-DENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

Para
a mãe e
o filho



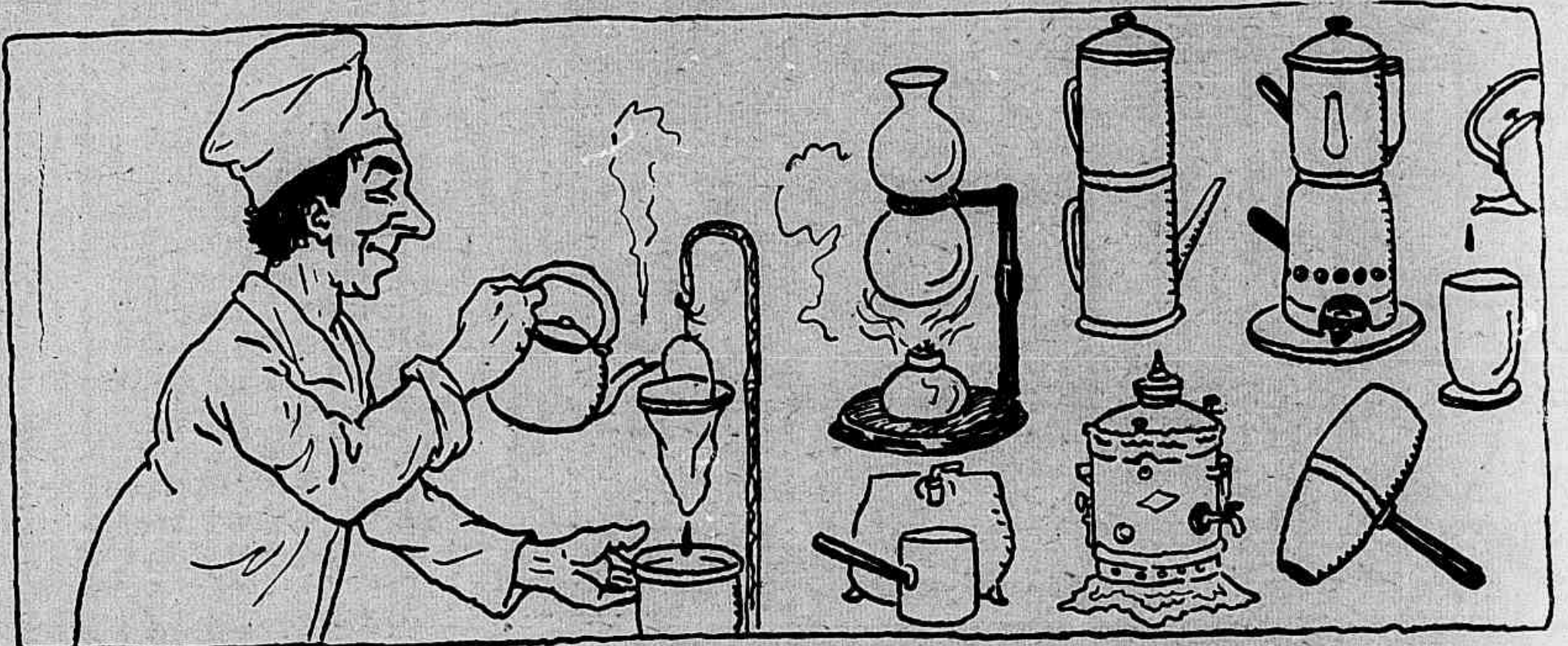
MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE

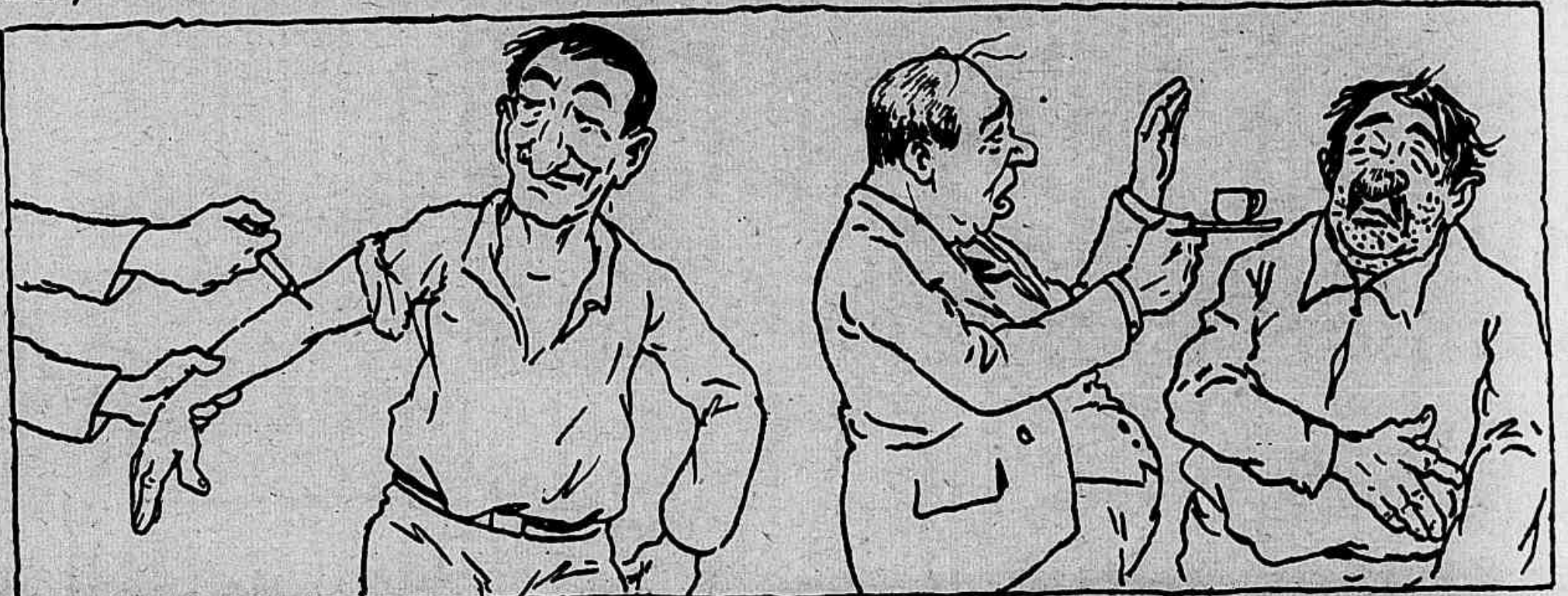


T. FARQUINO

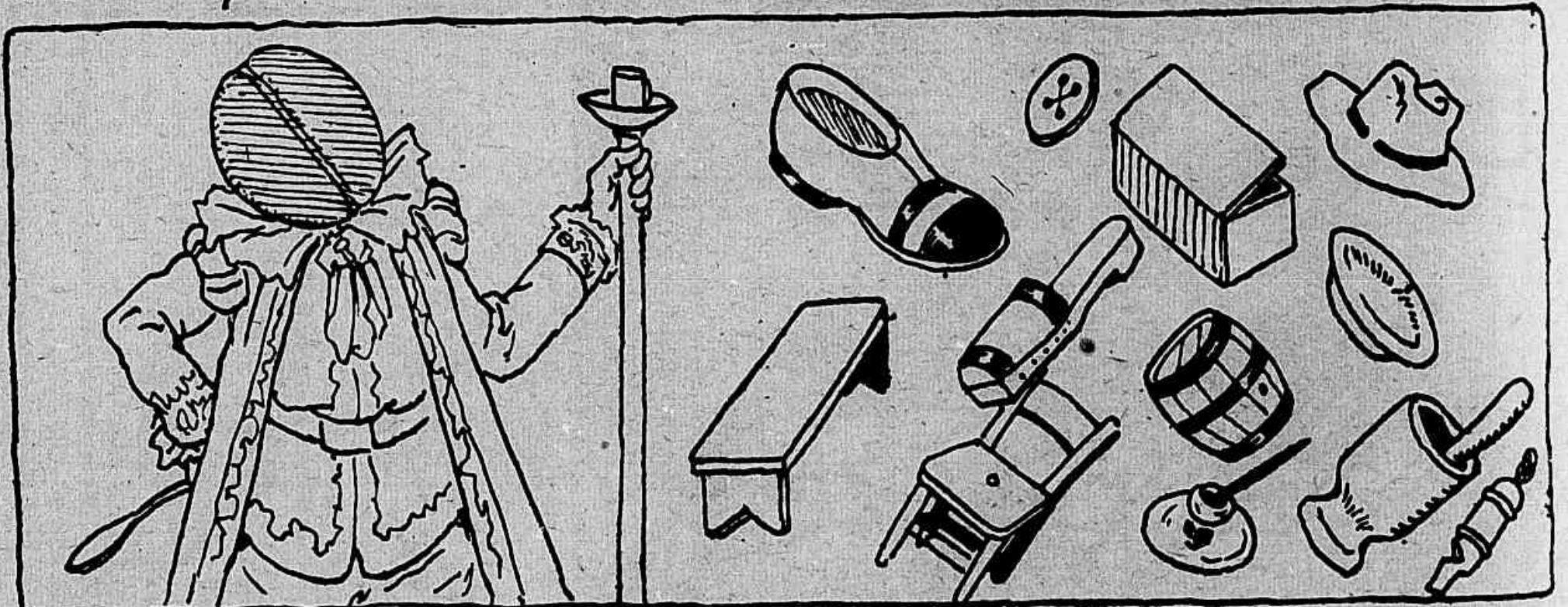
El-rêi café



A princípio bebia-se coado em saco e outros aparelhos.



Dava a cafeína retemperante. Sem açúcar curava camuêcas.



S. Magestade alcadorou-se! Serve para fazer mil objetos úteis



E' até' co' construções! Que economia! Basta um torrão de açúcar e... também parêdes!

GOVERNANTE

MARGARET KENNEDY

(Traduzido do inglês, especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

Todos na pequena cidade pesqueira de Porthkerran estavam esperando sofregamente a chegada da mulher de Bart Anderson. Queriam saber como ela era e o que faria quando descobrisse como Bart se havia portado com Miss Christina Fortescue. Era o caso mais sensacional que ocorrera em Porthkerran durante muitos anos.

Quando Bart aparecera na cidade fora tomado por um solteirão. Bob Myers, o pintor de paisagens, trouxera-o para dansar no pequeno Clube das Artes, perto do cais. E todas as mulheres com um coração livre cederam-no imediatamente a ele, pois Bart era uma pessoa de aparência atraente e de indescritível encanto. Em Porthkerran há muitos corações devolutos porque os rapazes são raros. Portanto foi uma injustiça que ele dansasse toda a noite com Kirstie Fortescue, que era a pequena mais bonita da cidade e já havia prendido todos os galãs disponíveis. Mas as águas só correm para o mar e Kirstie apossou-se do maravilhoso recém-vindo.

No dia seguinte, soube-se que ele era casado e pai de cinco filhos. A mulher e a família chegariam assim que ele arranjassem casa. Diante disso, a maioria das pequenas de Porthkerran deixou de se interessar por ele. O que elas queriam era um homem que as arrancasse da cidade natal o mais breve e para o mais longe possível. Mas não deixavam de imaginar que desapontamento não teria sofrido Kirstie Fortescue.

Se ela estava desapontada não o demonstrou. Continuou a dansar com ele todas as noites, no Clube das Artes. Andava com ele por toda parte. Ajudou-o a arranjar um "cottage" com um estúdio no jardim, no Rochedo Ocidental. Estava posando para um retrato. Em suma, começava a se tornar evidente que Kirstie, que todo o mundo tinha julgado sempre ser uma pequena direita, estava tendo um caso com um homem casado.

Kirstie era realmente uma pequena direita. Não era nem uma vamp nem uma ofendida nem uma destruidora-de-lares; tinha perdido pé, como acontece eventualmente às pessoas mais dignas, e não sabia como nadar. Naquela primeira noite ficara tão apalxonada por Bart que não pôde fazer nada quando soube que ele era casado. Lutara e pensara um pouco para depois deixar de se preocupar com o que poderia decorrer de tudo isso.

Estava vivendo num sonho, numa espécie de mundo de bolha de sabão, que flutuava miraculosamente no espaço, remoto e intacto, longe dos fatos sórdidos e sólidos que o teriam destruído. Tudo era um pouco irreal, exceto Bart e ela. Ele dissera-lhe, convencerá-a de mil modos, que ela era tudo para ele. E se ela era tudo, então a mulher e os filhos não poderiam ser coisa alguma. E se eram nada para ele eram nada para ela. Estavam fora do seu mundo. Não lhes prestava mais atenção do que aos suspiros reprovativos da mãe, ao terno e ansioso olhar do pai, aos olhares maliciosos das amigas. Todos tentavam irromper dentro do seu sonho e ela estava a salvo de todos. Bart era a única pessoa que poderia magoá-la. Não tinha medo dessa mulher desconhecida que chegou afinal, através do vento e da chuva, no trenzinho que restolegava beirando a costa, do cruzamento de St. Chad a Porthkerran.

A longa viagem de Londres, com cinco meninos ainda convalescendo de coqueluche, não fora um piquenique para Dora Anderson. Ela não tinha ama para ajudá-la; não podia manter uma ama. Bart era muito pobre, coisa de que ninguém desconfiaria ao vê-lo e de que ninguém desconfiaria ao ver-lhe a mulher e os filhos. Sua existência era uma labuta contínua, porém Dora tinha aprendido a tirar-se de dificuldades. Era uma criatura grande, moletrona, de olhos castanhos e uma expressão de grande bom humor. Embora estivesse ficando um pouco gorda de mais, tinha um certo estilo e uma pose que emprestavam um efeito de elegância no vestido mais usado, mais surrado. Nunca levantava a voz e raramente estava apressada.

A carga desse dia tinha sido suportada por duas pequenas enérgicas, chamadas Helena e Jackie, que nobremente a tinham ajudado a cuidar das crianças durante a coqueluche e vinham agora para acomodá-la no "cottage" do Rochedo. As duas tinham acudido ao enjô das crianças, acalmado acessos de choro, assoado narizinhos gotejantes e enxugado baba de bombons das pequenas bocas. Fizeram isso tão bem que Dora pôde ficar sentada e ler três quartos de um romance policial. Quando o trem entrou em Porthkerran, foram Helena e Jackie que sacudiram as crostas dos sandwiches e tiraram da rede todas aquelas esquisitas trouxas e embrulhos com que somos obrigados a viajar se temos um bando de meninos e somos pobres.

Se o dia estivesse bonito, muita gente estaria na estação para testemunhar a chegada. Mas, as torrentes de chuva prenderam todos em casa exceto um pequeno grupo dos mais curiosos que se abrigaram no escritório e ficaram espiando através da janela. Bart permaneceu sozinho na plataforma, a bonita cabeça nua ao tempo inclemente. Viu a mulher antes do trem parar e deu com a mão. Ela acenou também. Quando ele abriu a porta do carro uma avalanche de mulheres, crianças e bagagem se precipitou na plataforma, com um ar de refugiados fugindo duma cidade em saque.

Bart tratou com elas rapidamente e com imparcialidade, como se fosse algum membro operoso de um Comité de Socorro. Foi impossível aos observadores certificarem-se de qual das mulheres era sua esposa, pois beijou todas elas: mas as apostas foram por Jackie, que lhe tomara o braço ostensivamente, ao saírem da estação. Ele as levou para cima e depois para fora até um carro que estava esperando e dentro do qual meteu Dora, as crianças, a maior parte da bagagem e se meteu também. Não havia mais lugar para Helena e Jackie, e estas receberam instruções para subirem a pé o Rochedo Ocidental, carregando o resto das trouxas.

— E como vão as coisas? — perguntou Dora, ao atravessarem a cidade. Ele disse que tudo ia bem. Porém ela pôde ver que ele estava sucumbido. Tinha visto isso mesmo antes do trem parar.

— Para que foi que você quis trazer Helena e Jackie? — perguntou. — Você sabia que elas vinham. Isso foi combinado há tempos. — Eu sabia que Helena vinha. Você não me disse nada sobre Jackie. Eu acho que algumas vezes nós temos o direito de ter a nossa casa só para nós.

— Bem, — prometeu Dora — eu mandarei Jackie embora, assim que puder dispensá-la. Eu não a convidei por tempo indeterminado.

Não era fácil falar, pois estavam sufocados debaixo das crianças que lhes esperneavam nos joelhos e interrompiam.

— Você já começou a pintar? — perguntou Dora, no meio da balbúrdia. — Oh, sim. É um bom estúdio, bem em cima do rochedo, no fim do jardim. Uma boa luz do norte. Já tenho pintado um bocadinho.

— O que? Aqueles desenhos para... — Não. Eu não vou pegar neles durante uma ou duas semanas. Tenho pintado apenas para me distrair... um retrato...

— De quem? — perguntou Dora, flegilientemente, e então percebeu que havia exposto uma mina.

— Oh, meu Deus! Você vai começar um interrogatório mal chega? Onde foi que eu estive? Que é que eu tenho feito?...

— Meu bem! — murmurou ela e não disse mais nada.

Absolutamente ele não estava em si. Fosse quais fossem seus defeitos, e esses eram muitos, não era, de regra, mau humorado; sua maneira de tratá-la era amável e afetuosa. Nunca lhe falava grosseiramente, salvo se... salvo se... seu calmo coração estacou por um momento, depois recomeçou o ritmo normal. Um ressentimento momentâneo era tudo o que restava, agora, dos tremendos sobressaltos que sofrera antigamente com a inconstância de Bart. Nos primeiros anos de seu casamento tinha sido bem dife-



rente. Então ela havia muitas vezes pensado em fugir e afogar-se. Só uma coisa aproveitara desse período de sua vida: conservara-se magra. Enquanto fora infeliz ficara como uma sílfide. Mas, assim que deixara de se incomodar com o que Bart fizesse, assim que principiara a distrair-se, começara a engordar. Agora pesava perto de oitenta quilos, o que era demais, porém, não era, no fim de contas, um preço muito grande a pagar pela paz de espírito.

Ficara ressentida porque era uma amolação e ela havia esperado acomodar-se na casa nova, antes que qualquer coisa desse gênero lhes acontecesse. Confiara nos Myers para o conservarem alheio a complicações. A coisa não podia, no entanto, ter ido muito longe, pensava, lembrando-se de que aquela depressão e aquele mau humor marcavam sempre um estágio precoce nos seus casos. Mais tarde viria uma fase em que se sentiria extremamente feliz e cheio de vivacidade. E depois disso uma grande febre de trabalho. Eu queria saber quem é... será casada?... será uma pequena?... um retrato... provavelmente... Tomara que não seja outra pequena... embora, se ela for casada, vá durar muito mais tempo. Mas estas pobres pequenas! É tão duro para elas... Pobre Helena! Pobre Jackie!...

Helena e Jackie, que não gostavam muito uma da outra, meteram-se na chuva em silêncio. Helena desprezava Jackie pelo modo como se portara com Bart na estação. Jackie estava certa de que ele queria levá-la no carro; desconfiava de que Helena e Dora estivessem conspirando para a afastarem dele. A colina para o Rochedo Ocidental era muito íngreme, as trouxas muito pesadas e elas estavam ficando muito molhadas.

Quando afinal chegaram, acharam tudo numa confusão irremediável. Não havia fogo aceso, nem camas feitas, nada fora tirado das malas, as crianças estavam chorando e não havia uma migalha de comida na casa, nem sequer um colher de chá. Bart tinha ficado com Bob Myers até essa manhã e não pensara em arranjar coisa alguma. Tinha ajudado o cheffeur a carregar toda a bagagem para dentro e depois, quando viu como tudo estava molhado e confuso e como as próximas horas iam ser desagradáveis, disse:

— Eu acho que vocês preferem que eu não atrapalhe enquanto arrumam as coisas. Vou dar o fora, sim?

Assim foi-se embora e Dora se sentou numa mala esperando que as amigas chegassem. Não era ela que se matasse com trabalhos excessivos. Quando as outras chegaram, observou muito animada que uma das duas devia meter-se de novo na chuva para trazer coisas da cidade: comida, sabão, fósforos e óleo.

— Onde está Bart? — perguntou Jackie lamentosamente. — Saiu por aí. As camas não são suficientes. Alguém terá de dormir no assoalho do estúdio.

— Eu durmo — disse Jackie animando-se. — Eu vou adorar dormir no estúdio. Não me importo absolutamente.

Uma quantidade de situações não impossíveis altamente desagradáveis, surgindo desse plano, dardejou-lhe no espírito.

— Vocês duas terão que dormir no estúdio — disse Dora brandamente. — O.K. para você, Helena?

Helena fez uma careta e disse que era O.K. para ela. Havia envergado de novo a capa e apanhou um grande cesto, pois via que era quem tinha de sair para fazer as compras. Se mandassem Jackie teriam de esperar por ela a vida inteira para jantar; tudo o que Jackie faria seria rondar por todos os cantos procurando Bart.

Depois que Helena saiu, Dora fez a pobre Jackie tirar as roupas das malas e preparar as camas até que as costas lhe doessem tremendamente. Pelas janelas Jackie podia ver o jardim enevoadado pela chuva e o estúdio lá adiante. Estava convencida de que Bart se achava lá esperando para ver se ela iria procurá-lo. Estava sempre perguntando se não devia levar os cobertores e a roupa de cama para o estúdio e Dora dizendo sempre que havia tempo de sobra. Passou-se mais de uma hora antes que pudesse dar uma fugida.

A chuva tinha passado e as nuvens vinham rolando do mar. Quando sala correndo de casa o sol poente rompeu e as gotas sobre a sebe de tamargueira cintilavam como

diamantes ao soberbo clarão. Ela voou pelo passeio atijolado até o estúdio e escancarou a porta.

Bart não estava. Não havia ninguém. Somente os pincéis e a palheta jaziam espalhados como se ele tivesse estado trabalhando recentemente. E no cavalete, meio acabado, um retrato de uma jovem lindíssima.

Jackie olhava para ele boquiaberta. Sentou-se num degrau do estrado do modelo e ficou contemplando o retrato. Depois começou a chorar. Estava com fome, com frio e sem coragem. Ficou ali sentada, as lágrimas rolando-lhes pelas faces até que um som de passos no lado de fora a assustou. Olhou em torno e, de pé na porta, radiante contra o sol poente, estava o original do retrato.

Kirstie não pretendia aproximar-se do "cottage" do Rochedo nesse dia. Tinha andado vagando sozinha pelos rochedos, dentro da chuva, sentindo-se profundamente infeliz. Agora ele está na estação, ficava pensando o tempo todo. Agora o trem vai chegando. Agora está chegando ao "cottage". E pela primeira vez começava a imaginar como seria a mulher dele. A necessidade de vê-lo, para se tranquilizar, tornou-se cada vez mais forte. Deviam encontrar-se no dia seguinte: ele lhe pedira que fosse na sua companhia a Kyle Cove. Porém ela começou a sentir que com certeza não poderia esperar até amanhã. Devia vê-lo, só por um minuto, essa noite.

Assim marchou pelos rochedos para o "cottage". Podia atingir o estúdio sem passar pela casa, pulando o muro do jardim em certo ponto onde o muro era baixo. Se Bart não estivesse no estúdio devia abandonar a idéia e ir para casa de novo. Espiou pela janela e não viu ninguém, estava muito escuro lá dentro, depois do esplendor do ocaso no exterior. Assim deu volta para a porta, para se certificar e se achou de frente por essa desconhecida criaturinha, de olhos inchados de choro.

Uma olhou para a outra e antes de se falarem já eram duas inimigas. Kirstie, recusando, começou uma espécie de desculpa.

— Que é que você quer? — perguntou Jackie ferozmente.
Kirstie nunca formara uma imagem muito nítida da mulher de Bart, porém não esperara que fosse tão áspera e infantil. Ficou imensamente chocada e apenas pôde gaguejar:

— Eu... eu não sabia que havia alguém aqui.
— Não é razão — disse Jackie — para andar se metendo pelos estúdios alheios. Quem é você?
— Sou Christina Fortescue — disse Kirstie com arrogância. — Mr. Anderson está pintando meu retrato.
— Não a esta hora da noite, com certeza?
— Não. Eu queria falar com ele.
— A respeito de que?
— A senhora é... a senhora é Mrs. Anderson?

Houve uma breve pausa durante a qual Jackie pareceu considerar se era ou não. Depois disse amargamente:

— Não. Ela está lá na casa. Bart saiu.
— Oh! — disse Kirstie, perfeitamente cônica da possessiva inflexão da voz de Jackie.
— Eu direi a ele que você veio cá.
— Oh, obrigada. Não se incomode. Amanhã eu o verei.
— Você não viu Dora na casa? Ela não lhe disse que ele não estava?
— Eu não vim pela casa, — Kirstie teve de explicar. — Pulei o muro.
— Oh, realmente?
— Eu pulo sempre.
— Que coisa estranha!

Jackie acompanhou Kirstie para fora do estúdio e esperou para vê-la pular por cima do muro. Do lado do jardim era um bocado trabalhoso; Kirstie nunca o fizera sem que Bart a ajudasse, embora sempre saltasse para dentro, do nível mais alto do rochedo. Sentiu que seria muito humilhante experimentar e fracassar sob os olhos dessa pequena odiosa.

— Creio, — disse ela, contendo-se, — que voltarei pela casa e explicarei a Mrs. Anderson.

— Vá, — disse Jackie.
Fosse lá como fosse, Dora não poderia ser pior do que esta. Kirstie atravessou o jardim e chegou à porta que levava ao living-room. Uma loura alta, delgada, estava tirando dum grande cesto embrulhos de gêneros. Voltou-se quando ouviu Kirstie e lhe lançou um olhar direto e indagador:
— Como está? — disse Kirstie. — Vim apenas...
Um guincho vindo da cozinha interrompeu-a.
— Desculpe-me! — disse a loura e desapareceu.
Todas as portas estavam abertas e Kirstie pôde ouvi-la na cozinha restabelecendo a ordem:

— Pare com isto, João. Você não se machucou. Jeremias! Se você der mais pontapés em alguém tem de calçar botas de lá como o bebê. Agora pare com isto! Meninos horrorosos! Se vocês não se portarem direito eu atiro vocês pelo rochedo abaixo.
Kirstie começou a refletir se não poderia esgueirar-se e sair da casa. Mas, antes de alcançar a porta da rua, a loura reapareceu e disse:

— Puxa! Você está apressada?
— Não, — disse Kirstie ambigualmente.
— Porque se pode dispor de um minuto... é que eu tenho de armar a caminha do bebê e são precisas duas pessoas. Você se importaria de ajudar?
Era impossível recusar. Seguiram para a confusão ainda pior dos dormitórios, onde um bebê estava pacificamente dormindo na cesta da roupa. A jovem curvou-se para puxar o chale mais para cima e, à sua visão, Kirstie sentiu uma súbita falta de ar. Este, pensou ela, é o bebê dele. E ela é a mãe. E eu...
— Agora qual destas coisas você aparafusa primeiro? — perguntou a outra moça.
— Nunca posso me lembrar.

Apontou para os pedaços esparsos de uma daquelas armações de cama de lona que parecem tão fáceis de reunir e são de fato tão complicadas. As duas juntas, com muito puxão e muita discussão, armaram a cama. E aí raiou entre as duas o começo de uma amizade instintiva, tal como acontece a criaturas que colaboraram em qualquer tarefa.

— Muito obrigada, — disse a loura gravemente. — Não sei como me arranjará sem você. Quem é você?

— Sou Christina Fortescue, — disse Kirstie. — Penso que seu marido está pintando meu retrato.

Ela queria dizer que pensava que o homem que estava pintando seu retrato fosse o marido da loura. Vermelha de confusão, corrigiu-se:

— Quero dizer... ele está pintando meu retrato.
— Oh, você se refere a Bart! — disse a loura. — Ele não é meu marido.

Kirstie ficou calada de espanto.
— Eu sou Helena Hervey. Vim para ajudar Dora nas arrumações.

— Oh?
— Creio que não sei ao certo onde Dora se meteu. Ela estava aqui há poucos minutos. Eu direi a ela que você veio cá; foi muito gentil da sua parte. Ela ficará muito agradecida.

Helena parecia pensar que Kirstie tinha vindo com alguma oferta de auxílio e Kirstie não soube como corrigir essa impressão.

Despediram-se com sorrisos cordiais e Kirstie pôs-se a descer a colina, procurando convencer-se de que não vira ainda a mulher de Bart. Duas vezes seguidas pensara tê-la encontrado, mas fôra um engano. Essas falsas investidas eram desconcertantes. Estava satisfeita por se ter enganado com Jackie porque Jackie era terrível. E estava

satisfeita por se ter enganado com Helena porque Helena era tão agradável. A meio caminho, descendo a colina, encontrou Dora, que escapulira quando a chuva tinha parado para respirar um pouco de ar puro. Mas Kirstie estava muito preocupada para notá-la. Ela ia lutando com uma impressão fantástica, horrível, de que Bart tinha três mulheres.

No dia seguinte encontrou Bart na forja acima da cidade, como tinham combinado. Marcharam juntos para Kyle Cove. Ele parecia o mesmo, como de costume e assegurou-a de que a amava como sempre. Mas tinha uma nuvem no íntimo, como ela viu logo e afinal explodiu:

— Você não tem idéia do inferno que vai pelo "cottage". Dora trouxe com ela um bando horrível de pequenas.

— Que pequenas? — perguntou Kirstie procurando não parecer muito interessada.
— Quem são elas?

— Oh... apenas amigas de Dora. Nós não podemos ter uma criada, você sabe. Assim elas se congregam numa crise e trabalham como uma espécie de governantes.

Era assim que Bart considerava o assunto. Ele tinha a memória muito fraca.
— É muita bondade delas, — disse Kirstie secamente. — Você não gosta delas?

Ele hesitou. Fraca como fosse sua memória, essa lhe fornecia assim mesmo razões para não falar muito asperamente de Helena e Jackie.

— Elas são agradáveis, à sua maneira — admitiu ele.
O vento em Kyle Cove era muito frio para uma permanência demorada. Tinham que enxugar o nariz muitas vezes e andar rapidamente.

— Mas a luz não está muito ruim, — disse ele. — Vamos voltar para o estúdio e eu continuo seu retrato.

Assim regressaram pelo rochedo àquele lugar onde sempre saltavam por cima do muro do jardim. Mas o muro estava agora coberto com cacos de garrafa cimentados recentemente. Jackie havia trazido argamassa dum edifício em construção na vizinhança e as garrafas dum montão de lixo. Tinha passado uma manhã muito agradável tornando o muro infranqueável.

Isso era demais. Bart teve uma discussão acesa com Jackie nessa noite. No dia seguinte ela voltava para Londres derramando torrentes de lágrimas.

— Portanto estamos agora desfalcadas, — queixou-se Dora a Helena. — E ainda não temos metade da arrumação feita.

— Oh, ela atrapalhava mais do que ajudava, — disse Helena. — Ela não tem muito jeito. A gente precisa estar empurrando todo o tempo, para se conseguir que faça alguma coisa. Ela não sabia o que devia fazer, Jackie não sabia. É uma vantagem estarmos livres dela.

— Contudo, há muito serviço para nós duas sozinhas, — suspirou Dora. — E eu não me sinto absolutamente bem. Não me admiro se estiver para ter um dos meus ataques de estômago.

— Você comeu muitos doces no trem, minha cara.
— Eu sei que comi. Mas, como você vai se arranjar se eu cair doente?
— Eu apelo para Fortescue.
— Quem?

— Você sabe... a moça de quem lhe falei, que me ajudou com a cama. Ela vai aparecer por aqui muitas vezes, porque Bart está pintando o retrato dela.

Dora pareceu pensativa e concordou que havia possibilidades em Fortescue. Mais tarde sugeriu que Fortescue poderia trazer as compras do armazém todas as manhãs, o que lhes pouparia terem de descer a colina. Seria pouco trabalho para Fortescue fazer

(Continúa na pag. 51)

CABELOS SEDOSOS, BRILHANTES,
FINAMENTE PERFUMADOS.

Quina
Petroleo
ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

EM TODA O BRASIL

Figuras e Fatos

CAPITÃO AMILCAR DUTRA DE MENEZES

— Por ocasião do seu aniversário natalício, ocorrido a 30 de agosto p. p., o capitão Amílcar Dutra de Menezes, Diretor Geral do Departamento de Imprensa e Propaganda, foi alvo de várias homenagens dos diretores, chefes de serviços e demais funcionários do D. I. P.

O diretor e os redatores da Agência Nacional ofereceram-lhe um churrasco, tendo comparecido, especialmente convidados, todos os diretores da Divisão. O jornalista Renato Barbosa usou da palavra em nome dos promotores da homenagem, agradecendo em rápidas palavras o capitão Amílcar Dutra de Menezes. Encerrando a cerimônia o jornalista Jacy de Souza Lima, levantou o brinde de honra ao sr. Presidente da República.

De regresso ao seu gabinete, o diretor Geral do Departamento de Imprensa e Propaganda, recebeu os cumprimentos dos funcionários.

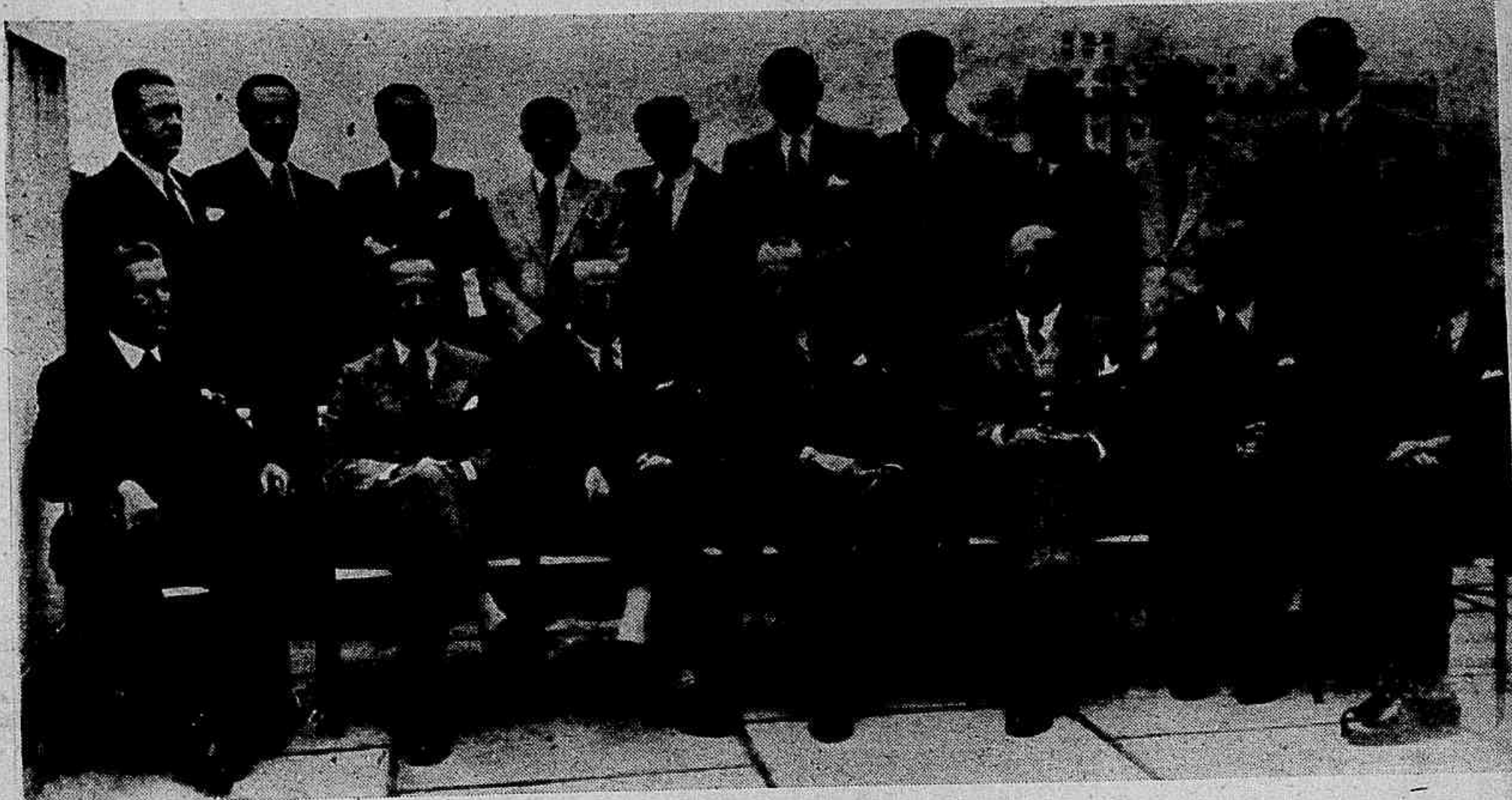
No "cliché" abaixo um aspecto da homenagem.



HOMENAGEM DO DR. BARBOSA LIMA SOBRINHO AOS MEMBROS DA COMISSÃO DE MARINHA MERCANTE — Realizou-se, no dia 28 de agosto último, no restaurante do Instituto do Açúcar e do Alcool, o almoço com que o Dr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente daquela instituição, homenageou os membros da Comissão de Marinha Mercante.

Além do Presidente e membros dessa Comissão, Sr. Comandante Fróes da Fonseca, Srs. Andrade Queiroz e Antonio Ferraz e Comandante Mario Celestino, estiveram presentes as seguintes pessoas: Sr. Luiz Debeux, presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco; Sr. Joaquim Bandeira, presidente da Associação Comercial de Recife; Sr. Clemente Mariani, representante dos usineiros da Bahia; Sr. Luiz Rollemberg, representante dos usineiros de Sergipe; Srs. Gil Maranhão e Nilo Alvarenga, diretores da Cia. Usinas Nacionais; Sr. Julio Reis, gerente do Instituto de Açúcar; Sr. Breno Pinheiro, Secretário da Presidência do Instituto; Sr. Pedro Loureiro Bernardes, chefe do Departamento de Alcool Motor; Sr. Leal Sampaio, usineiro em Pernambuco; Sr. Jayme Salazar, representante da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco; Sr. Collares Moreira, representante da Comissão de Vendas de Alagoas; Sr. José Vieira, plantador de canas em Pernambuco; Sr. Fernando Guena, chefe da Seção de Alcool Industrial, e Antonio Guia de Cerqueira, chefe da Seção de Estatística do Instituto.

A' sobremesa, o Sr. Barbosa Lima Sobrinho usou da palavra saudando os homenageados e agradecendo-lhes os relevantes serviços prestados ao Instituto, destacando os seus esforços no sentido de manter os transportes marítimos do açúcar, em condições as mais difíceis, empenhando-se sempre por merecer a confiança que lhes é confiada. Agradecendo o discurso do Presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, falou o Comandante Flores da Fonseca que declarou ter sido possível a continuação do transporte marítimo em virtude do eficiente apoio do Instituto. A foto que aqui reproduzimos fixa um grupo formado por ocasião desse almoço.



ASPECTOS TOMADOS QUANDO O SENHOR CARLETON SPRAGUE SMITT, chefe da Divisão de Música da Biblioteca Pública de Nova York e um dos mais admirados ensaístas entre os modernos escritores dos Estados Unidos, pronunciava a sua primeira conferência, de uma série de três, sobre o seu país e tendo como tema geral a frase da Declaração da Independência: "Vida, Liberdade e a Busca da Felicidade"

RESTAURANTE E BAR
CHURRASCOS TÍPICOS A GAUCHA
COSINHA INTERNACIONAL

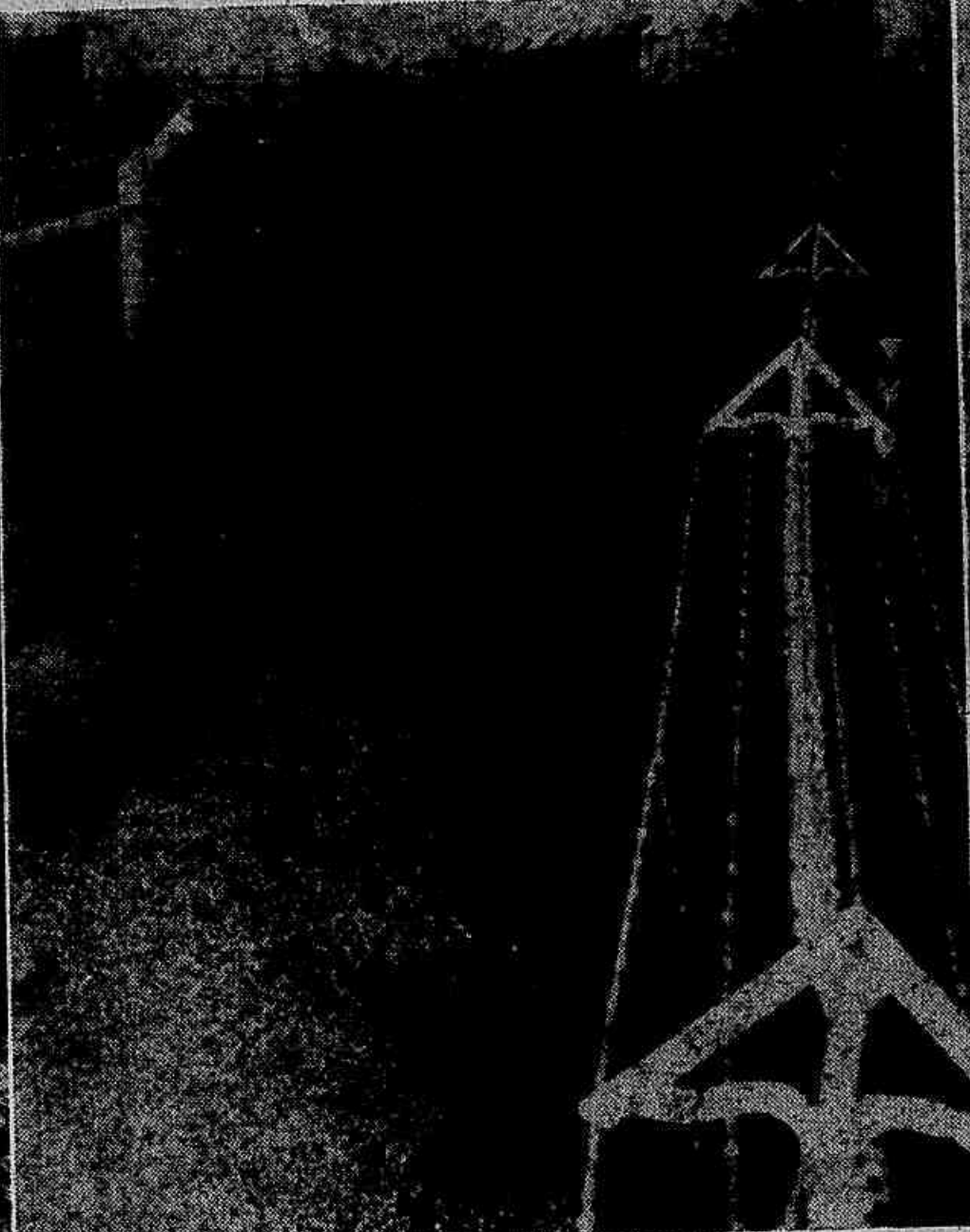
CHURRASCARIA
SÃO BORJA

EXECUTAM-SE CHURRASCOS EXTERNOS
PRAIA DO FLAMENGO, 64-A. Fone-25-5134
A BERTO DIA E NOITE

Soldados de 4 patas



A UNIÃO FAZ A FORÇA... Um homem e um cão valem mais que dois homens. O cão pôde presentir e atacar qual quer pessoa a duzentos pés do posto.



SENTINELA SOLITARIA... Este cão desempenha sozinho as funções de sentinela patrulhando a dupla cerca do forte MacArthur. Cada cão encarrega-se de uma faixa de duzentos pés. Outra pessoa que não sejam os soldados que o cão conhece é atacada ao penetrar nesta zona.



TRUQUES DE SERPENTE. O cão deve atravessar todo obstáculo que não possa rodear. Esta massa de arame farpado é um obstáculo formidável, mas o cão, graças a seu pelo, atravessa-a com pequenos arranhões.

Quando "aquele homem" gritou "Isca!" e soltou os cães da guerra, ele sabia que era um jogo no qual dois podiam jogar. Mas ele pensou que poderia jogá-lo melhor do que qualquer pessoa no mundo. Ele começa a descobrir que até mesmo um "ditador super-homem" pode enganar-se e enganar-se muito.

Mas, não queremos gastar mais tempo falando a respeito dele. Este pequeno ensaio ilustrado trata de cães de quatro patas que são os melhores amigos do homem, e não de cães de duas patas que mereceram o nome de "inimigos do homem".

Quando nossas forças armadas começaram a empregar cães no esforço de guerra, muitas pessoas viram nisso uma blague da publicidade — uma moda que nada queria dizer. Enganavam-se. Pois os cães provaram desde então seu valor em muitos departamentos tanto do Exército como da guarda costeira. Hoje os cães trabalham como sentinelas, guardas,

mensageiros e, em alguns lugares, puxam pesos. Em muitos postos isolados os cães valem tanto quanto as sentinelas que dão guarda à noite. Os sentidos de um cão são muito mais aguçados que os do homem. Ele pode descobrir a presença de um estranho muito antes do homem e pode atacar mais silenciosamente e com maiores possibilidades de sucesso que o homem.

No Forte MacArthur, perto de Los Angeles, faz-se grande uso desses soldados de quatro patas. Foi aí que se tomaram as fotografias desta página, mostrando alguns destes soldados caninos em ação, em treinamento, e preenchendo suas funções. Embora todas as raças de cães sejam passíveis de aceitação pelo exército, os "Airedales" e os Pastores Alemães são geralmente os preferidos. O que se exige desses cães é que tenham de dezesseis meses a cinco anos de idade, que pesem 70 libras e que sejam fortes.



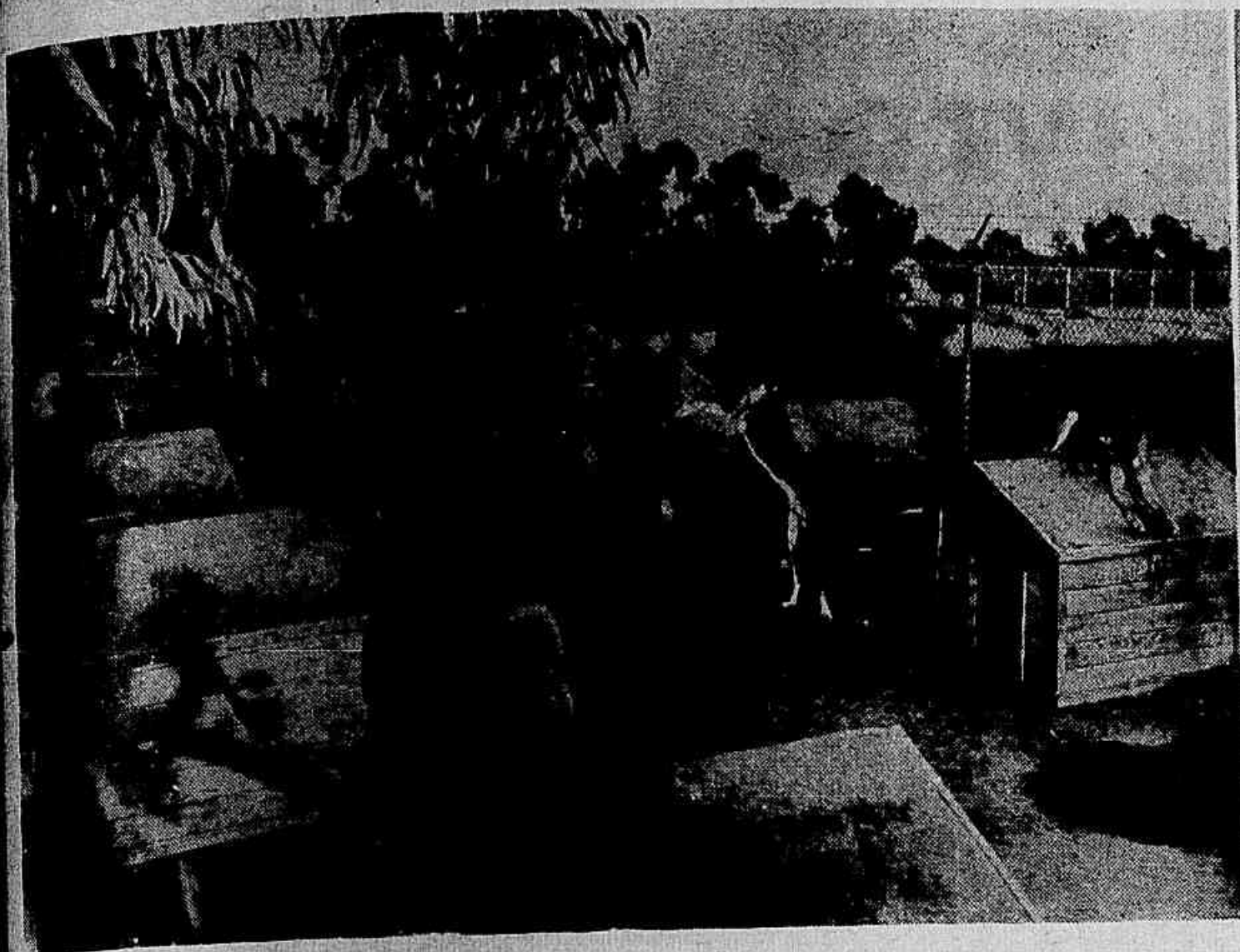
TREINAMENTO. Os cães não recebem treinamento durante os dias de trabalho. Trabalham 12 horas por noite, e têm de descansar durante o dia. No entanto dois ou três dias por mês são dedicados ao treinamento. Aqui vemos um cão numa dessas faixas.



UPA! UPA! Este é um difícil obstáculo, composto de uma taboa sem saliências, que o cão tem de pular.



TREINO DE COMANDOS. Os cães de guerra têm de passar por um treino semelhante ao que se dá às tropas dos comandos, onde tem muita importância as qualidades de obediência e agilidade. Ordena-se ao cão que salte e ele salta.



BARRACAS... Os cães do forte MacArthur são alojados tão cuidadosamente como os soldados de dois pés. Cada um tem seu canil individual com quatro pés de largura. Os cães são alimentados de manhã cedo quando têm que montar guarda à noite. Para isso repousam durante o dia. Nunca são alimentados antes do trabalho à noite.



NAS MÃOS DO MEDICO. Os cães são cercados de minuciosos cuidados médicos. São vacinados contra a raiva, pelo menos uma vez por ano. Seus olhos, ouvidos e pés são inspecionados diariamente, assim como o pelo é limpo de toda espécie de parasitas. Os cães não devem tomar banho mais do que uma vez por mês — e menos no inverno.



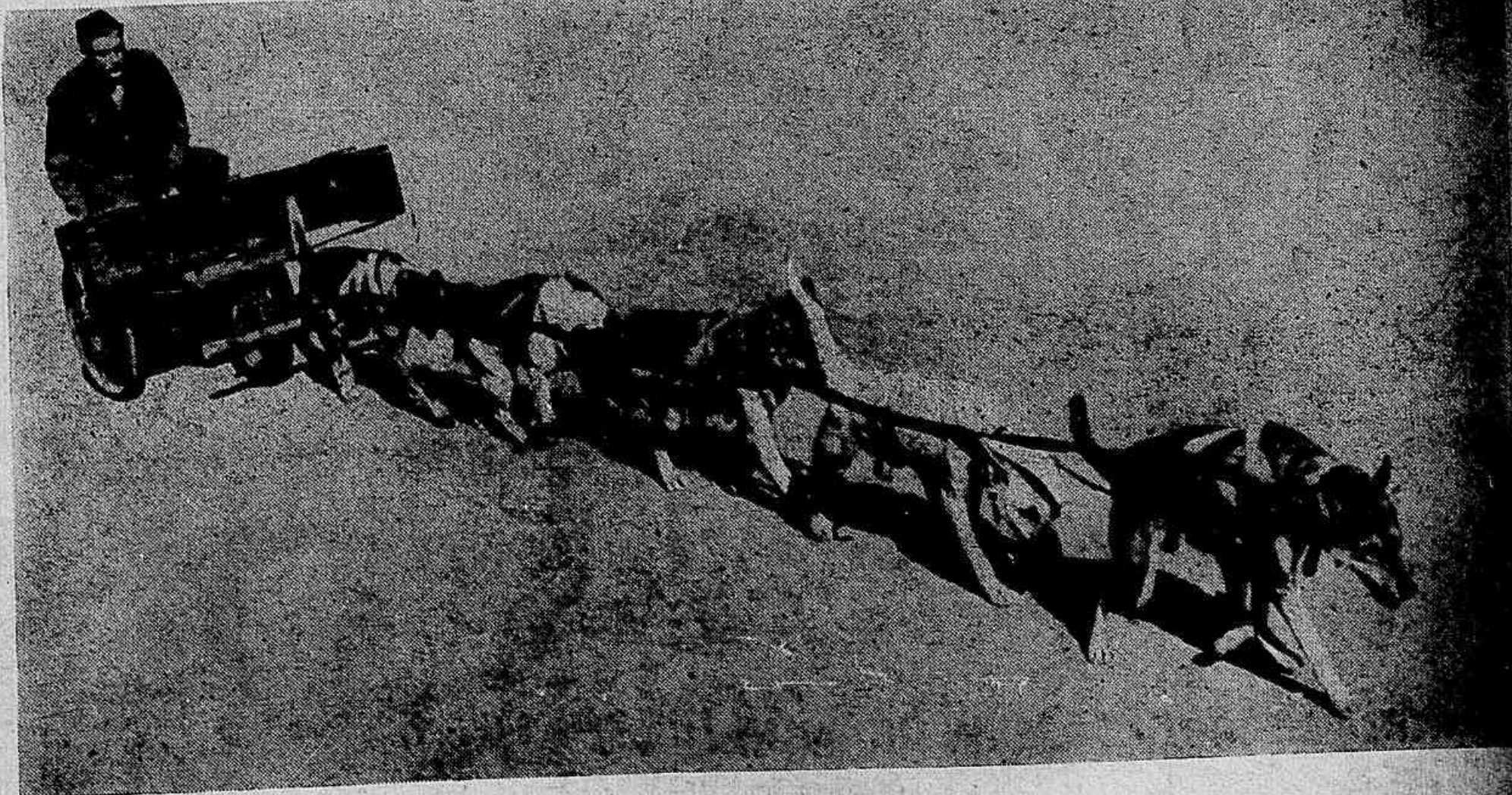
FOGO! Os cães a princípio têm medo dos tiros. Os cães do exercito são treinados para não temer explosões e fumaça. Descarregam-se revólvers perto deles até que se acostumam às armas de fogo.



PEGA! Os cães dos soldados são treinados para pular alto e morder a mão do revólver de seu adversário. Um cão de 50 libras pode jogar no chão um homem de 200, se saltar corretamente sobre ele. O treinador é cuidadosamente defendido para que o cão não morda seu braço.



MISSÃO DE SOCORRO. Alguns cães são treinados para especializarem-se em missões de socorro, em procurar e achar soldados feridos. O cão transporta na coleira um equipamento de socorro urgente. Põe-se de modo que o soldado ferido possa utilizar-se dos remédios que carrega. Feito isso, procurará socorro.



ENCOSTA ACIMA. Os cães que trabalham em funções de utilidade e transporte, desempenham um papel mais modesto, porém muito útil em Fort MacArthur. Estes cães estão transportando uma caixa de munições. Arrastam pesos até 200 libras.

Nenhum RELOGIO lhe dará
tanta SATISFAÇÃO

como o
CYMA



Antimagnético
de Fama Mundial

CYMA

NAVIO SEM PORTO, contos de Lia Corrêa Dutra — Rio de Janeiro, 1943

Por estes contos, qualquer leitor atribuirá a Lia Corrêa Dutra uma esforçada, penosa e longa experiência da vida... Só os "trabalhos", como diziam os nossos maiores, para indicar tudo quanto se sofre no mundo; só os trabalhos e a idade extensa duma criatura que muito estudou as outras e muito se contemplou a si mesma, dão tal conhecimento da verdade humana e tal maneira de a sentir no coração...

Com efeito Lia Corrêa Dutra sabe muito, pensa profundamente e sempre o seu juízo se reveste duma bondade superior a todas as maneiras de entender e apreciar. Os seus olhos de observadora descem ao fundo das almas, surpreendem os mais ocultos ou mais disfarçados segredos da emoção. E' uma psicóloga de singular acuidade; os seus recursos de penetração e apreensão atingem, por assim dizer, o prodígio divinatório. Diz-nos o que se passa na intimidade duma criança como se lá estivesse, e aquela vida e a sua se comunicassem, se identificassem de maneira a esta, agora, poder traduzir a outra como se a si própria, no momento, se retratasse. Assim a narradora transmite, tanto à nossa compreensão quanto à nossa sensibilidade, a dolorosa confusão dum Henrique, de seis ou sete anos, que, por efeito do vocabulário doméstico e das conversas de todos os dias, só vem a chorar pela morte da avózinha, que o adora, quando começa a ouvir chamarem-lhe "a finada D. Aninhas"; duma Juracy da roça, que vem para a cidade servir de "pagem", logo é crismada Maria e entra a padecer, infligido por toda a gente da casa, inclusivamente pelos meninos, um martírio de humilhações, privações, escárnios, com o qualificativo de "burra, burra" entrando-lhe nos ouvidos constante e implacavelmente, como uma maldição do destino... Doutros seres pequeninos ou maiorzinhos nos conta este livro as histórias impressionantes; não menos, porém, nos empolga, pela veemência da interpretação, a clareza e firmeza da expressão, a figura duma desgraçada da rua, presa de noite numa "canao" policial

Livros Novos

e que tem em casa uma filhinha de tres mezes — conto que faz lembrar *l'Enfant*, de Maupassant, mas no qual a nota comovedora, mais acentuada, exerce mais viva eloquência... E na *Questão de dignidade* é um ancião enganado — naturalmente! — pela amante moça em cuja casa ele resumiu a doçura, os sorrisos da sua exequível ventura e a quem, informado da felonía, perdoa, para não perder de todo aquele refúgio, aquele recanto suave, para poder, dalgum modo, continuar. Logo o primeiro conto, o que dá o título ao volume, nos enche de piedade pela gente expatriada e perseguida, que anda pelos mares do mundo à procura duma terra misericordiosamente hospitaleira, mas só encontra portos fechados, leis, regulamentos, convenções de negativa e de repulsa. E, mais patéticas ou mais brandas; tocando o desespero ou findando em resignação; roçando até, às vezes, pela alegria pura, todas estas páginas exalam ampla e intensamente a vida.

Não, Lia Corrêa Dutra não conhece a vida há muitos decênios nem sequer ha bastantes lustros. Pode pensar, vibrar e escrever assim, porque tem vivido aceleradamente, multiplicadamente, por si e pelos outros; porque se entrega à sua inspiração e aos seus assuntos com a paixão de os engrandecer, enobrecer, sublimar; e porque, sendo ela a excelente rimadora das páginas de *Sombra e luz*, tendo embora deixado de fazer versos, em verdade cada vez sente mais e melhor exerce a poesia.

EMQUANTO NÃO SURGE O DIA, romance de Louis Bromfield, tradução de Miroel Silveira — São Paulo, 1943.

Cada um emprega e faz valer o seu patriotismo como pode. E ha realmente muitas maneiras de sentir e praticar o patriotismo, até quando se não trate rigorosamente da nossa patria.

Roxie Dawn, artista norte-americana de *music-hall*, está em Paris quando a capital é ocupada pelos alemães vitoriosos. Amava a França deveras, mas sem saber que lhe queria tanto. Aquela derrota, aquela humilhação, aquele martírio acabam de a tornar francesa. O espectáculo das ruas por onde os vencedores brutalmente ostentam a sua força e dão largas aos seus instintos produz nos nervos e no sentimento da alegre estrela de revista um efeito de revelação. Levam-na a conhecer-se melhor ou, antes, a verdadeiramente se conhecer a si mesma. E ei-la fazendo parte, de corpo e alma, dum grupo que conspira contra o dominio alemão, organiza atentados, mantém um jornal clandestino, trabalha, luta, sofre, até onde possível contribuindo para a acção oculta, mas continua e sempre veemente, do grande exército esparso que prepara o combate e a desforra de amanhã.

Nenhum romancista, principalmente dos que visam o exito de livraria, deixaria de introduzir em tal assunto um caso de amor. O autor de *Enquanto não surge o dia* imaginou até duas paixões e tão diversas uma da outra como diferentes são, pela raça e pelas condições de vida, os personagens que elas envolvem. Roxie tem uma grande ternura pelo seu companheiro Nicky, russo, um tanto aventureiro, um tanto fantasista, capaz no entanto de se dedicar a uma mulher ou a uma causa, até ao heroismo e ao último sacrificio. E o alemão major von Wesselhoft, ajudante de ordens do Governador Militar de Paris, mas na pratica — naturalmente — um espião como outro qualquer, prende-se à artista americana por um desejo complicado, mórbido, inspirado por certa semelhança doméstica do tempo da meninice. Nicky é preso e fuzilado. A amante prepara a sua vingança e, como artista de cena que é, teatralmente a executa.

A vida de Paris sob a ocupação nazista é frequentemente apresentada nos seus aspectos mais curiosos ou mais impressionadores. E a tradução do sr. Miroel Silveira interpreta quer o jogo dos diálogos quer a nota descritiva com desenvoltura e naturalidade raras, hoje em dia, neste género de trabalhos...

J. L.



menos, porém, nos empolga, pela veemência da interpretação, a clareza e firmeza da expressão, a figura duma desgraçada da rua, presa de noite numa "canao" policial



QUINA E PETRÓLEO
"RIO de JANEIRO"
DE MENDEL

Os mais finos produtos para
conservação e beleza
dos cabelos!

Distribuidor geral: LEONCITO AMBRAN
Av. Rio Branco, 109 - 4.º andar - Tel. 22-3947 - RIO



O produto incomparável que restaura a vitalidade da pele, restitui a circulação dos capilares atrofados pela idade ou por doença e que, em consequência, a pele velha, amurchecida e cheia de manchas torna a alisar-se, recupera a sua cor natural e saudável, fazendo desaparecer as pregas, rugas e os pés de galinha. O mais poderoso defensor da epiderme.

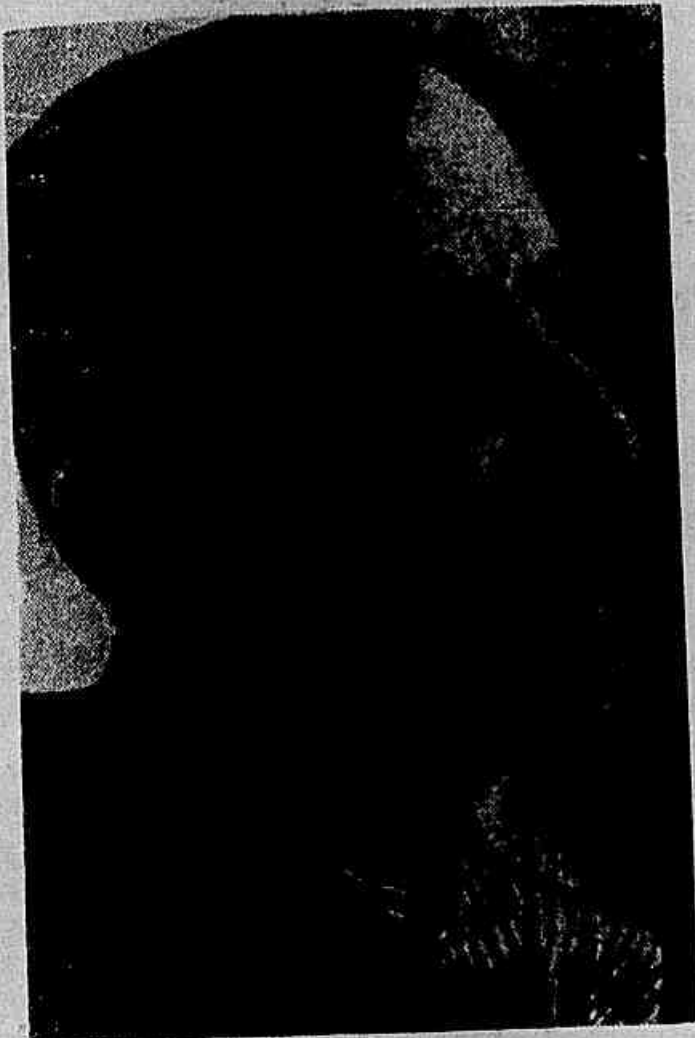
LEITE DE AMENDOAS
MENDEL

Distribuidor exclusivo
LEONCITO AMBRAN
AV. RIO BRANCO, 109-4.º andar
Telefone: 22-3947 - RIO
São Paulo - SANTOS NEVES Co.
Tel. 2-1046. Livro Badurá, 443-5.

OS DOIS MUNDOS DE STEFAN ZWEIG

De JOSEPH WOOD KRUTCH

STEFAN ZWEIG viveu em dois mundos tão diferentes que um deles bem podia ter estado na lua. A nossa grande maioria que não é bastante jovem para dizer a mesma coisa de si mesma, esquece, no entanto, que existe uma nova geração de homens cuja mentalidade despertou após a primeira guerra mundial e que, por isso, nunca conheceu um mundo que não fosse perturbado, inseguro e apreensivo. Zweig não o esqueceu. Escreveu suas memórias particularmente para aquela geração e antes de tudo afim de explicar-lhe o que era a vida nos dias em que os homens imaginavam que toda mudança era lenta e para melhor.



STEFAN ZWEIG

Por natureza e educação, Zweig era obviamente um intelectual no sentido especial e estreito da palavra, interessado antes de tudo na arte, especialmente sem dúvida na arte literária, e feliz no mundo semi-boêmio de dramaturgos, poetas e novelistas que só pôde existir numa sociedade estável. Em parte porque nascera em Viena, onde se acreditava que os jovens progrediam na carreira das letras, como se progredisse em qualquer outra profissão, foi acolhido, ainda jovem, nos meios intelectuais, colaborando nos jornais mais importantes, publicando seus primeiros versos numa boa editora alemã, e tendo suas peças representadas nos melhores teatros pelos melhores atores. Vivia suficientemente bem financeiramente falando para poder locomover-se para Berlim, Paris e Londres, à guisa de seu desejo e buscar os homens e as idéias que mais o interessavam. Muitos daqueles importantes que ele conheceu já foram quase esquecidos; outros tornaram-se rapidamente envelhecidos. Quem lê agora Arthur Symonds ou Emile Verhaeren? Mas o próprio fato de Zweig mencioná-los como tendo sido tão importantes serve para lembrar-nos o quanto vai longe esse mundo em que havia tempo para "decadência", um luxo caro, e uma época em que a boa vontade de um Verhaeren podia parecer suficiente a impedir a força destrutiva das realidades nacionais.

Devido a seu temperamento e educação, Zweig nunca pretendeu ter desempenhado outro papel senão o de vítima nos dramas violentos que foram representados num palco onde desejava representar peças de diferente feitio. Seus objetivos não eram de modo nenhum políticos; tanto quanto eram sociais, em qualquer sentido, eram meramente humanistas e humanitários. Aquêles para quem a política e a economia são naturalmente interessantes hão de acusá-lo provavelmente de incapaz de compreender o que aconteceu ao seu mundo ou de contribuir à construção de um mundo novo — não sem dúvida porque carecesse de boa vontade, mas porque meditava sobre cultura e entendimentos internacionais e não sobre organizações sociais ou políticos. E é verdade que, embora levasse sua história até o começo da guerra presente e descrevesse certos personagens políticos e certos fatos políticos como os viu, contudo, mesmo recordando sua vida era antes de tudo literária e artística.

Mas sem dúvida, assim é como devia ser num livro cujo propósito declarado não é explicar o mundo presente, mas recordar algo de um mundo que já passou; e talvez sua parte mais interessante tanto quanto a mais valiosa é aquela em que Zweig traça um retrato realmente brilhante da Austria antes da primeira guerra, quando todos buscavam segurança e esperavam obtê-la. Nós, como ele diz, aprendemos a não nos surpreendermos por qualquer interrupção de bestialidade; esperar que cada

(Continua na página 52)

Sua narrativa toma a forma de autobiografia, mas, apenas, para que ele pudesse desempenhar o papel do narrador numa conferência ilustrada. Observou que ao narrar a alguns jovens certos episódios da época que antecedeu à primeira Grande Guerra, suas perguntas sempre revelavam o quanto lhes era incompreensível o que para ele era óbvio, e acreditou com razão que estava melhor equipado do que muitos para descrever como morrera o velho mundo: "Como austríaco, judeu, escritor e pacifista sempre me mantive na justa encruzilhada onde essas convulsões eram mais violentas. Por três vezes derrubaram minha casa e minha existência, separaram-me de meu passado e de tudo que existia para mim, e arremessaram-me com dramática força no vácuo, no "não sei onde" que eu tão bem conheço. Fui, eu próprio, o contemporâneo das duas maiores guerras da humanidade e passei através de ambas em frentes diversas, uma delas na frente alemã outra na anti-germanica. Antes da guerra conheci o mais alto grau e a mais alta forma de liberdade individual e mais tarde o nível mais baixo que ela atingiu nos últimos cem anos; fui louvado e desprezado, liberto e prisioneiro, rico e pobre. Todos os lívidos corcéis do Apocalipse cavalgaram através de minha vida."

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 19 horas

**DEPOSITOS
DESCONTOS
CAUÇÕES**

ALFANDEGA, 50

UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA
A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!



A VENDA EM TODO O BRASIL

ESCRAGNOLLE DORIA

Num Centenario Juridico

CELEBRA o Instituto dos Advogados Brasileiros centenario de installação a 7 de Setembro de 1843, data provavelmente escolhida adrede para memoria mais funda de solene abertura de vida.

No Rio de Janeiro de 1843 a classe dos advogados era assaz numerosa, militando tambem no fôro solicitadores e procuradores, alguns deles pela pratica forense bem versados nas estradas largas do Direito e nos meandros da chicana.

Celebrando principio de sessões em casa particular da rua do Cano, ora Sete de Setembro, o Instituto novel chamou à sua presidencia Francisco Gé Acayaba de Montezuma, tanto cuidando de cousas juridicas como de outras polfíticas que o levariam a ministro de Estado, a senador do Imperio, a visconde de Jequitinhonha no Segundo Reinado, do Primeiro havendo a dignitaria do Cruzeiro por serviços na Independencia.

A primitiva diretoria do Instituto dos Advogados era toda de profissionais qualificados. Nela figuravam dous causidicos cujos nomes se encontram incrustados na historia patria do seculo XIX: Teixeira de Freitas e Carvalho Moreira, barão de Penedo, um fiél á jurisprudencia, outro luminar da diplomacia. Nesta o Direito das Gentes era, repita-se, um livro indispensavel no presidir relações, entre gentes, isto é entre povos dotados de respeito mutuo, as nações não alheias à elevação de alma no manifestar dos bons sentimentos.

Aos livros de Direito das Gentes, os de cabeceira do diplomata, correspondiam outros da mesma especie para os dedicados à lida forense; tais livros eram os codigos a consubstanciar o melhor da cultura juridica epoca por epoca.

A efemeride centenaria do Instituto dos Advogados Brasileiros deve ser grata a quantos se graduaram ou graduam em Direito, sobretudo naquelas Faculdades de Norte e Sul por sua vez centenarias. Nas mesmas a ancianidade, o farto das tradições gloriosas lhes confere especial privilegio de reverencia, a devida aos decanos.

Dissemos os codigos livros de cabeceira dos juristas. A espaços foi-lhes às mãos, ao estudo, ao comentario o Codigo Criminal, o Codigo do Processo e o Commercial. No Imperio seria longa, e ardua, variavel ou procrastinada a conquista de um Codigo Civil.

Não destôa da celebração do centenario do Instituto dos Advogados, antes lhe dá homenagem, ligeiro esboço do caminhar de um Codigo Civil nosso até 1889.

A Constituição do Imperio, que com ele viveu e morreu, prometera um Codigo Civil. Mas segundo proverbio italiano entre o prometer e o fazer o mar se interpõe. Por muito tempo o nosso Direito recorreu bastante ao Direito Romano, traçador de muita regra que bem observada tornaria a vida um centro de dignidade se não de felicidade. Recorreu igualmente o nosso Direito à legislação portuguesa, aos civilistas e praxistas lusitanos depois seguidos de outros nossos.

Cumpria o advento de alguém para desbastar o cipoal juridico. Esse alguém veio, chamou-se Augusto Teixeira de Freitas, membro do Conselho Diretor do Instituto dos Advogados de 1843.

Consolidando as nossas leis civis e classificando toda a legislação patria, Teixeira de Freitas deitou pedra angular ao Codigo de tanta aspiração. A obra derivou de contrato em 1855 celebrado entre o governo imperial e o jurisconsulto. Novo contrato o incumbio de apresentar um Codigo Civil até 31 de Dezembro de 1862. Na data, avisado o poder legislativo de achar-se o Codigo em ultimação, votou premio de cem contos de réis ao seu autor, prorogando o prazo da entrega do Codigo até Junho de 1864, o projeto do codigo já em parte impresso.

Por motivos expostos por Teixeira de Freitas, a sua obra, ainda assim monumental, ficou em meio. Por contrato achou-se incumbido da redação do Codigo Civil o conselheiro Nabuco, devendo apresentá-lo dentro de cinco anos. Mal iniciara a obra Nabuco morreu deixando inicio de trabalho.

Retomou-o o dr. Joaquim Felicio dos Santos apresentando apontamentos para o projeto do Codigo, isto em Março de 1881. Convocados cinco jurisconsultos, Lafayette Ribas, Ferreira Vianna, Justino de Andrade e Coelho Rodrigues reconheceram o merito do trabalho de Felicio dos Santos, mas não o adotando porém.

O governo propôz á comissão, acrescida do proprio Felicio dos Santos, organizar projeto de codigo. Interrompidas as reuniões da comissão, o governo a dissolveu em 1886.

Subindo à direção do Estado o ministerio 7 de Junho de 1889, o visconde de Ouro Preto formador do gabinete apresentou ao poder legislativo um programa de governo no qual se incluiu a promessa da elaboração de um Codigo Civil. Da palavra o ministerio passou à ação, nomeando mais uma comissão de jurisperitos encarregados de realisar a promessa. Desta vez não parecia interpôr-se o mar entre dizer e fazer. Os conselheiros de Estado Dantas, Olegario de Aquino e Castro e José da Silva Costa e os doutores Coelho Rodrigues e Albuquerque Barros compuzeram a comissão. Presidida pelo imperador, as sessões se realisariam no Paço Imperial.

Na tarde de 12 de Julho de 1889, no Paço da Cidade, ora Repartição Geral dos Correios e Telegrafos, reunio-se pela primeira vez a comissão, à qual se ajuntára o conselheiro Afonso Penna, então em Minas. O ministro da Justiça, o senador Candido de Oliveira, leu aos colegas minudente exposição das tentativas de um Codigo Civil.

Passando-se á discussão das divisões do trabalho a emprehender, o barão de Sobral Albuquerque Barros ficou incumbido da parte geral do Codigo. A parte especial com-gosta de quatro livros ficou assim distribuida: Direito das Cousas (ao conselheiro Olegario), Direito das Obrigações (ao conselheiro Silva Costa), Direito de Familia (ao dr. Coelho Rodrigues) e Direito Sucessorio (ao dr. Afonso Penna).

Tratando-se do Direito de Familia ninguém mais competente para dizer da materia do que o conselheiro Lafayette, sem duvida chamado à comissão de 1889 se não tivesse ido a Washington, membro de missão especial para celebração de tratado de comercio

interessam de perto não só o jurisconsulto e o advogado como o historiador. As atas permitem aos dous primeiros o conhecimento do que pensava o Direito da epoca; ao historiador nas mesmas atas não será difficil encontrar algo que o seduza. As opiniões e os pareceres da comissão têm lado psicologico e a psicologia dá muita alma á historia. Ainda as atas da comissão mostram que ela entendia dos assuntos, o que nem sempre sucede às comissões, inutil exemplificar.

Presidindo todas as sessões da comissão, o imperador não só ouviu as discussões como interveio nelas com discrição, a exemplo de Napoleão, mas este preponderando, quando se tratou de redigir o Codigo que lhe conserva o nome.

Uma das questões muito cuidadas pela comissão foi a da liberdade de testar. Tratando-se da devolução de heranças a parentes de linha colateral, Silva Costa propoz que se limitasse a devolução até o 6.º gráo segundo o modo de contar do direito vigente, parecendo demasiada a extensão até o 10.º gráo estabelecido para o direito hereditario. Era levar muito longe a presunção chamar a sucessão parentes de gráo tão remoto, de ordinario verdadeiros desconhecidos.

Na ausencia de herdeiros vinculados ao *de cujus*, pelo sangue ou pelo matrimonio, seus bens deveriam aproveitar a instituições locais por elas naturalmente o extinto se interessando, de presumir, no caso de testamento, que as preferisse ao Estado.

Lembrou o barão de Sobral a Silva Costa que em sessão anterior o imperador já havia sugerido a mesma idéa.

Uma das discussões mais alongadas e interessantes versou a incapacidade da mulher. A capacidade do direito é comum a todo ser humano desde que nasce até que morre, O sexo na ordem civil nada influe, nem na capacidade de direito, nem na de fáto.

O casamento, porem, restringe a capacidade para os atos juridicos. Toda restrição de capacidade é incapacidade relativa. A civilização ha muito prescreveu a *manus* dos Romanos, o poder marital como ainda o admitiram as Ordenações Filipinas; mas em toda parte do mundo o homem ainda é o chefe da familia, o protetor natural de sua companheira, a quem comunica, geralmente, a propria nacionalidade, o proprio domicilio e o defende em juizo.

Com estas e outras considerações respondia o barão de Sobral a reparos dos illustres colegas sobre pontos do seu trabalho relativo à Parte Geral do projeto de Codigo Civil que lhe fôra confiado.

A incapacidade civil do surdo-mudo e a dos religiosos professos levantaram discussão. Pensava Silva Costa que processos modernos tornaram o surdo-mudo susceptivel decultura intelectual, o surdo-mudo podia, pois, figurar entre os que tinham capacidade civil limitada.

Coelho Rodrigues concordava com a supressão proposta da incapacidade concernente aos religiosos e entendia que a capacidade civil da mulher não podia deixar de ser limitada. Depois de citar opinião alheia, Silva Costa por conta propria não se conformava absolutamente com a idéa de contemplar a mulher casada entre os incapazes civis, a seu vêr isto um romanismo inaceitavel.

E' sabido o interesse de D. Pedro II pelas ciencias, letras e artes no paiz ou no estrangeiro. Negalo é vaniloquio, tanto a afirmação pulula de provas.

No debate do projeto de Codigo Civil, prestou o imperador especial atenção ao que se referia ao reconhecimento juridico da propriedade literaria. Não se contentou D. Pedro II com atenção, disse, na sessão de 30 de Agosto de 1889. Ponderou ser o

assunto da propriedade literaria merecedor de muita reflexão e detido exame.

Textualmente exprimio-se assim o imperial preopinante:

"O pensamento não pôde ser objeto de propriedade como as cousas corporeas. Produção da inteligencia, participa da natureza dela, é um atributo da personalidade garantido pela liberdade da manifestação, direito pessoal. Uma vez manifestado ele entra na comunhão intelectual da humanidade, não é suscetivel de apropriação exclusiva. O pensamento não se transfere, comunica-se.

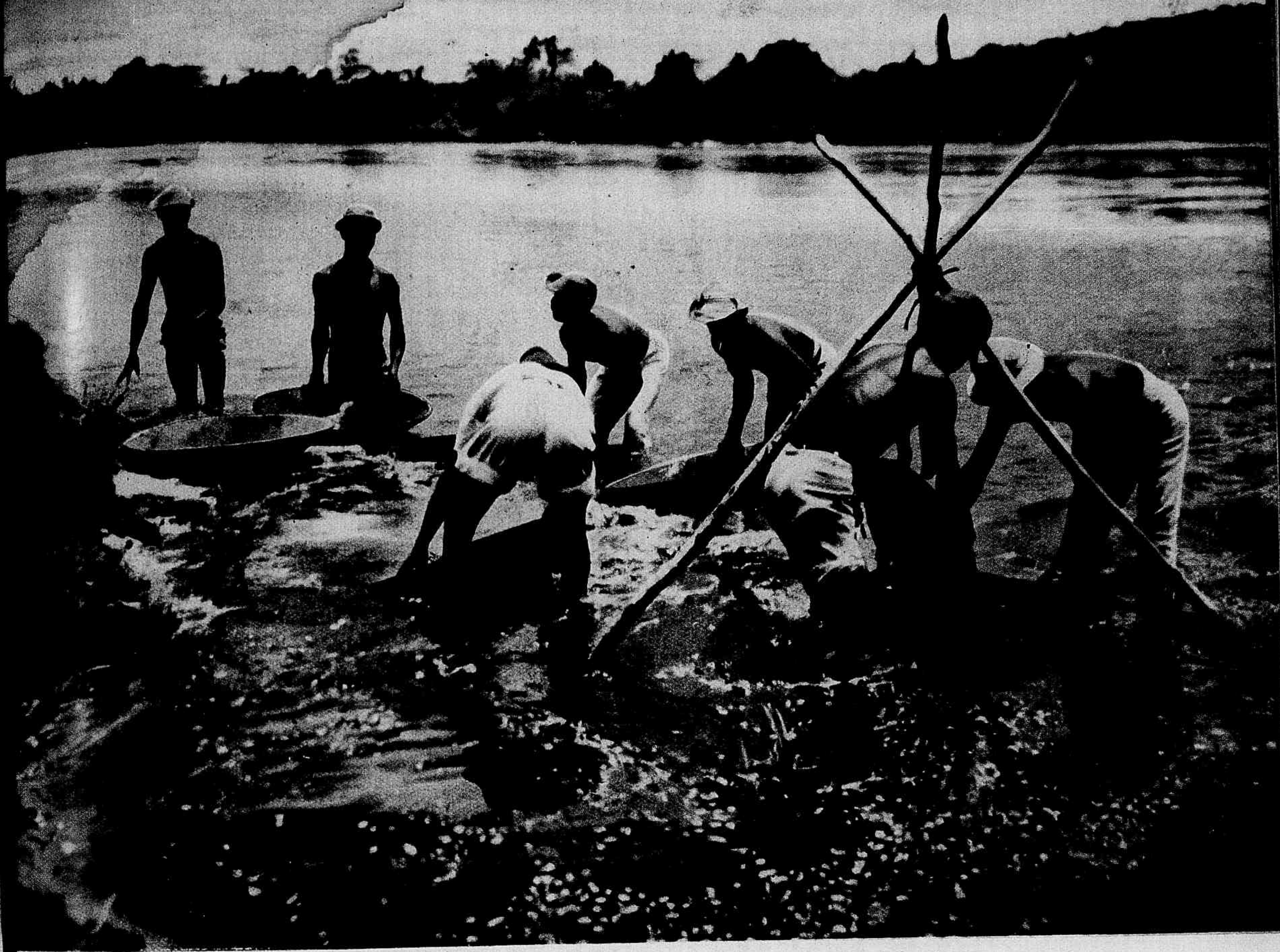
Dessa comunhão tira o autor, um genio que seja, grande parte dos elementos do seu trabalho, e com as idéas proprias e comuns elabora o seu manuscrito, imprime o seu livro. Não se contesta que esse manuscrito, esse livro, expressão material do produto da inteligencia, é sua propriedade, e que dela pôde livremente dispôr, mas, transferido o livro, publicadas as idéas, só em virtude de privilegio, e por exceção aos principios gerais da propriedade, poder-se-ia limitar o direito do comprador do livro, e manter o conteúdo deste na posse e dominio do autor".

Convinha que a lei protegesse as produções científicas, literarias e artisticas, chamando o imperador a atenção da comissão sobre a necessidade de harmonisar os direitos do autor com os da sociedade, lembrando que em parte alguma lhe é conferido o direito de propriedade perpetua; em geral é preferido o sistema do privilegio temporario e muitos escritores julgam preferivel o sistema de premios. Ponderou ainda o imperador que em Portugal, cujo exemplo, homens de grande autoridade na ciencia, como Alexandre Her-culano, impugnaram a inclusão do direito de autôr no Codigo Civil como propriedade.

Assim se expressou, segundo ata, o imperador a 30 de Agosto de 1889, quando havia quem por isto ou por aquilo lhe negasse dotes de razão e de memoria...



AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS, o conspícuo membro da 1.ª diretoria do Instituto dos Advogados Brasileiros.



Nossa Terra

OS brilhantes guardam para os olhos todo o estranho magnetismo de um pouco de luz materializada. Podemos sentir entre as mãos, como em sonho de avaro, a carícia demorada e longa da luz contida na pedra preciosa, escrínio mágico de indisfarçável beleza. Mesmo ao ser colhido pelo garimpeiro, inda não burilado pela mão do artista que lhe revela as facetas e suavisa os ângulos, já impressiona pela auréola de mistério e de romance, de luxo e pompa que evoca de súbito, preso na rude mão do caboclo aventureiro, de olhar firme e ânimo decidido.

Em pouco a gema de límpido fulgor correrá o mundo, levada pela cobiça dos homens, pela vaidade eterna das mulheres... Ador-

ará o branco róseo de colos nus, arfando de leve, estará na opulência das festas, será a ruína de muitos e a alegria de outros. E muito provavelmente ninguém terá para o garimpeiro anônimo um só pensamento: para ele que por certo, atendendo mais à inspiração da aventura do que ao desejo de acumular riqueza, terá retornado ao rio de águas espelhantes para um novo esforço e para nova conquista.

A fotografia tomada por Avanistic Pinheiro, em Andaraí, Estado da Bahia, às margens do rio Paraguassú, é uma esplêndida mostra da obstinação na procura da ambicionada pedra.

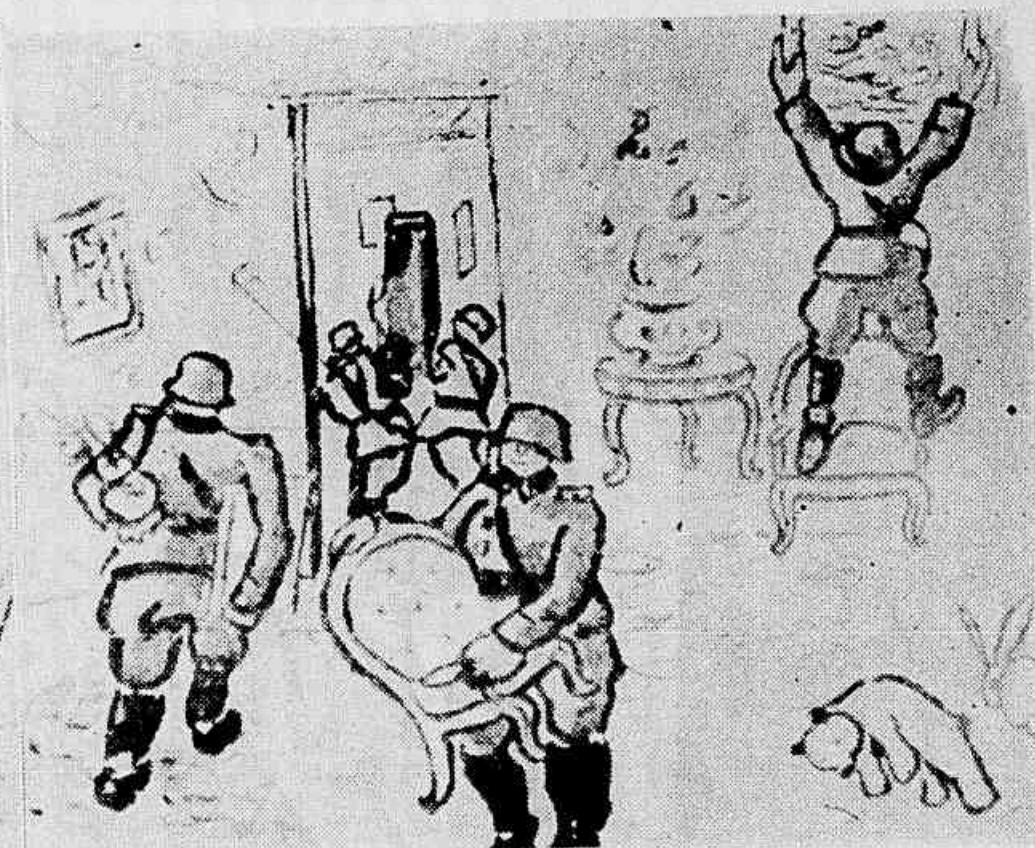
LAVANDO CASCALHO



**PARA VENCER A GUERRA
O BRASIL PRECISA DE DINHEIRO**
Empreste ao BRASIL com o
BONUS DE GUERRA
CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



“As autoridades alemãs já resolveram perfeitamente o problema da alimentação em Paris.” — Berliner Tageblatt.



“O governador de Paris tomou a peito proteger as obras de arte.” — Das Reich.



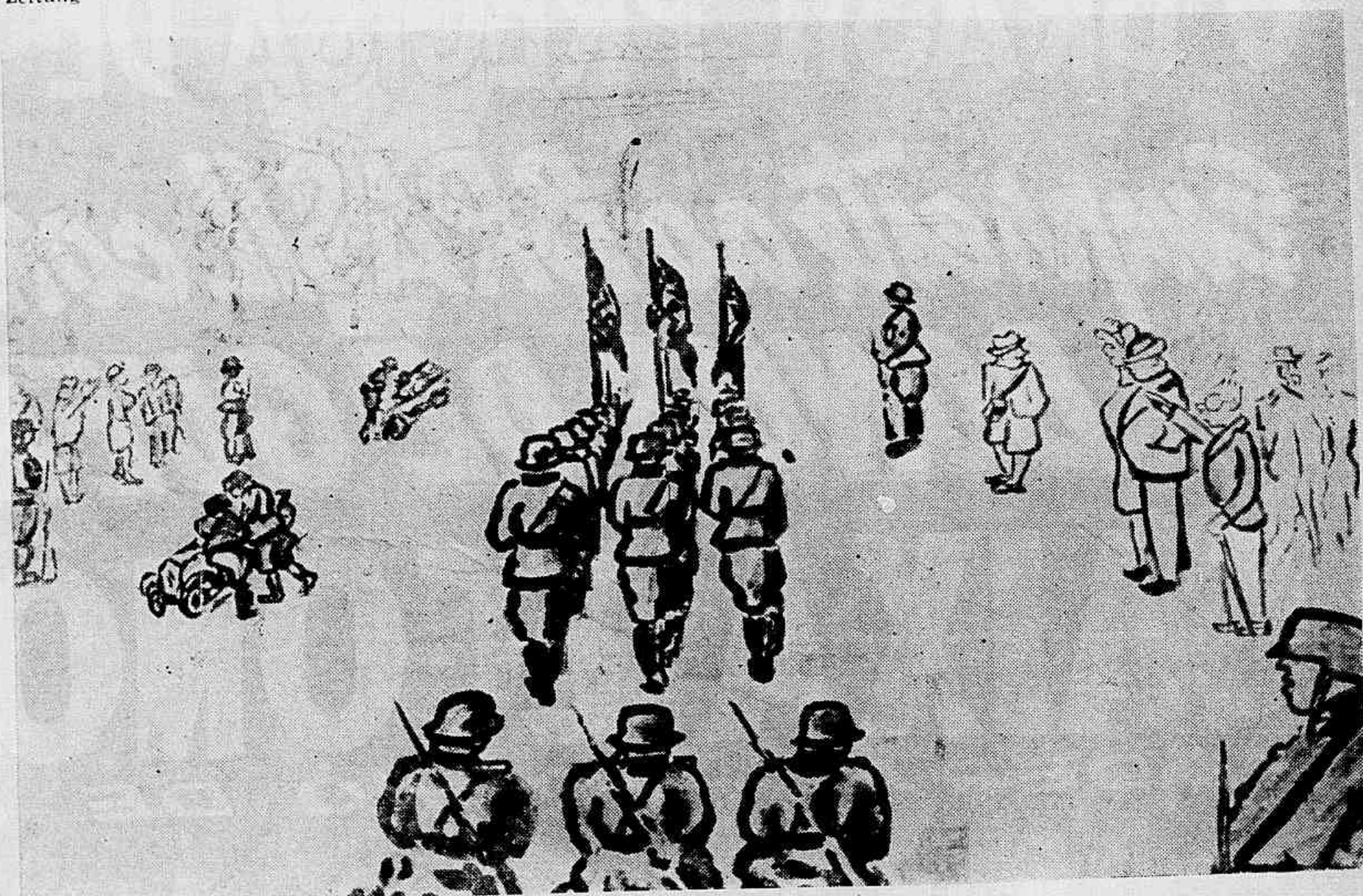
“Perigosos terroristas foram detidos por ordem do general Stuepnagel.” — Parizer Zeitung



“Os parisienses fraternizam com as nossas tropas nos cafés dos Boulevards.” — Radio-Berlim.

Paris de HITLER

Gabriel Spat é um artista francês. Por muitos anos ele pintou Paris — felicidade e sol, árvores floridas, as sombras de Notre Dame, vagabundos nos bancos do Sena e fontes murmurantes nos jardins do Luxemburgo. Suas aquarelas, seus retratos, seus croquis foram reproduzidos e exibidos em muitos jornais franceses. Repentinamente em junho ele encontrou-se no sul da França com centenas de milhares de refugiados de Paris. Durante dois anos ele permaneceu ali; depois sentiu que devia voltar. Por tres meses viveu em Paris na casa de um amigo — pois a sua havia sido destruída. Passeou pelas ruas, mas pareceram-lhe novas. Fôra-se a luminosidade daquelas manhãs, fôram-se os vadios, fôram-se as travessas mi-dinettes. Agora ele passou a pintar com o ódio e a dureza de um ser primitivo. Nestas páginas publicamos algumas das aquarelas que trouxe consigo quando fugiu há alguns meses. São mais eloquentes que fotografias; mais convincentes que palavras.



“Sob as aclamações da população parisiense, nossas valentes tropas desfilaram ontem nos Campos Eliseos.” — Frankfurter Zeitung.

*Papoulas variadas**Croívor*

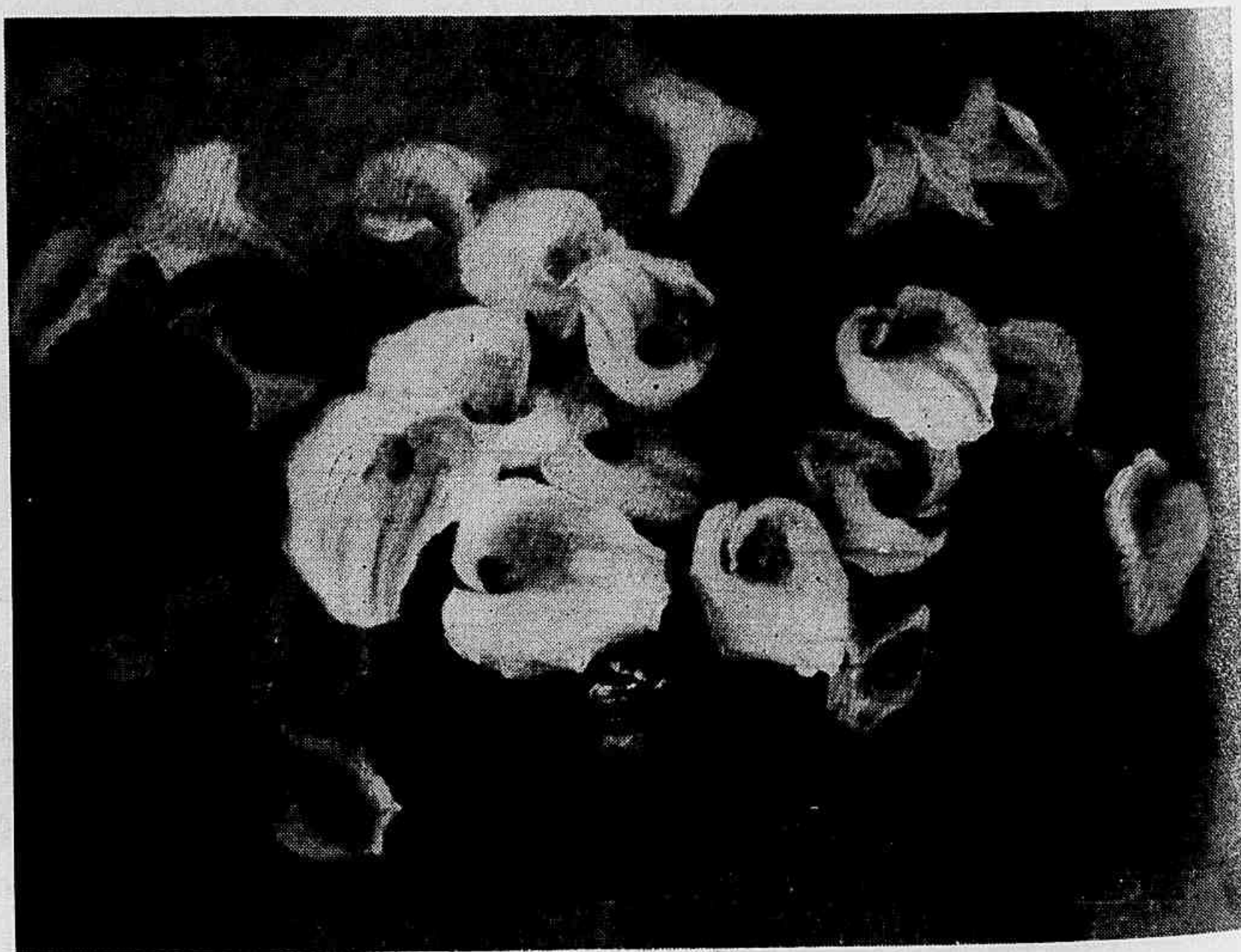
Exposição **LUCÍLIA FRAGA**

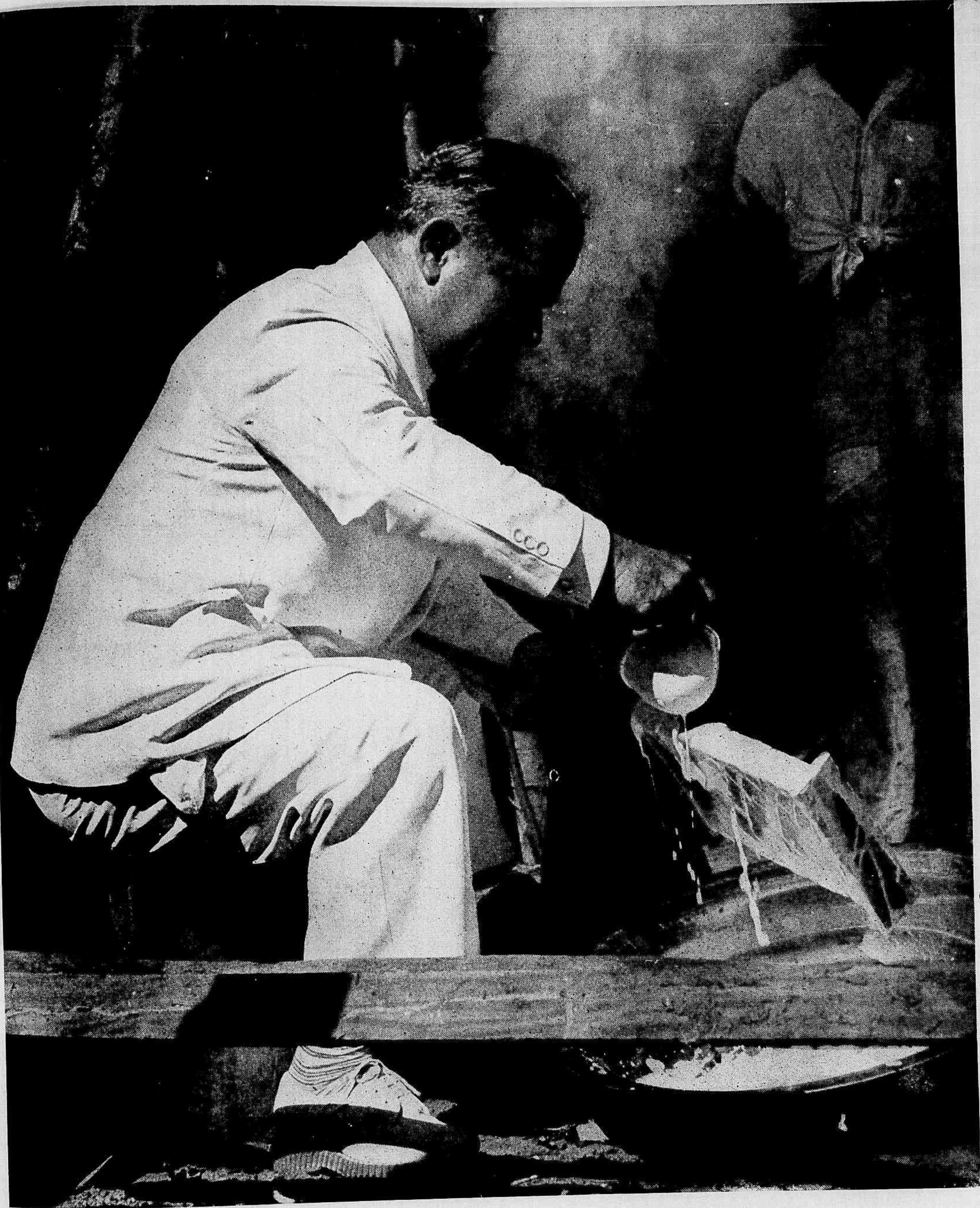
*Copos de leite**Rosas e vaso azul*

Estivemos presentes à inauguração da mostra de arte da pintora patricia Lucília Fraga, no salão nobre do Palace Hotel. Numerosas pessoas acorreram à exposição demorando-se longamente diante dos quadros dispostos com invejável delicadeza, esmerando-se a artista em criar para os olhos dos visitantes um delicioso jardim onde floriavam as mais belas rosas, abrindo-se como por milagre, dentro do inverno mascarado de neblina.

Falando da sua carreira artistica, Lucília Fraga não esconde o entusiasmo por Pedro Alexandrino, o brasileiro que foi um grande mestre da natureza morta e a quem devemos os mais belos quadros tocados da pureza que lhe valeu a perenidade da nossa admiração. Foi pela mão do mestre insigne que a pintora entrou nos caminhos da arte, mostrando-se capaz de formar entre os seus pares com o mesmo brilho e espontaneidade. Lucília Fraga realizou varias exposições em São Paulo e no Rio, assim como também em Buenos Aires, tendo merecido da critica as melhores referencias.

A artista mereceu medalha de bronze e medalha de prata, no Salão de Belas Artes do Rio, e pequena e grande medalha de prata no Salão Paulista.

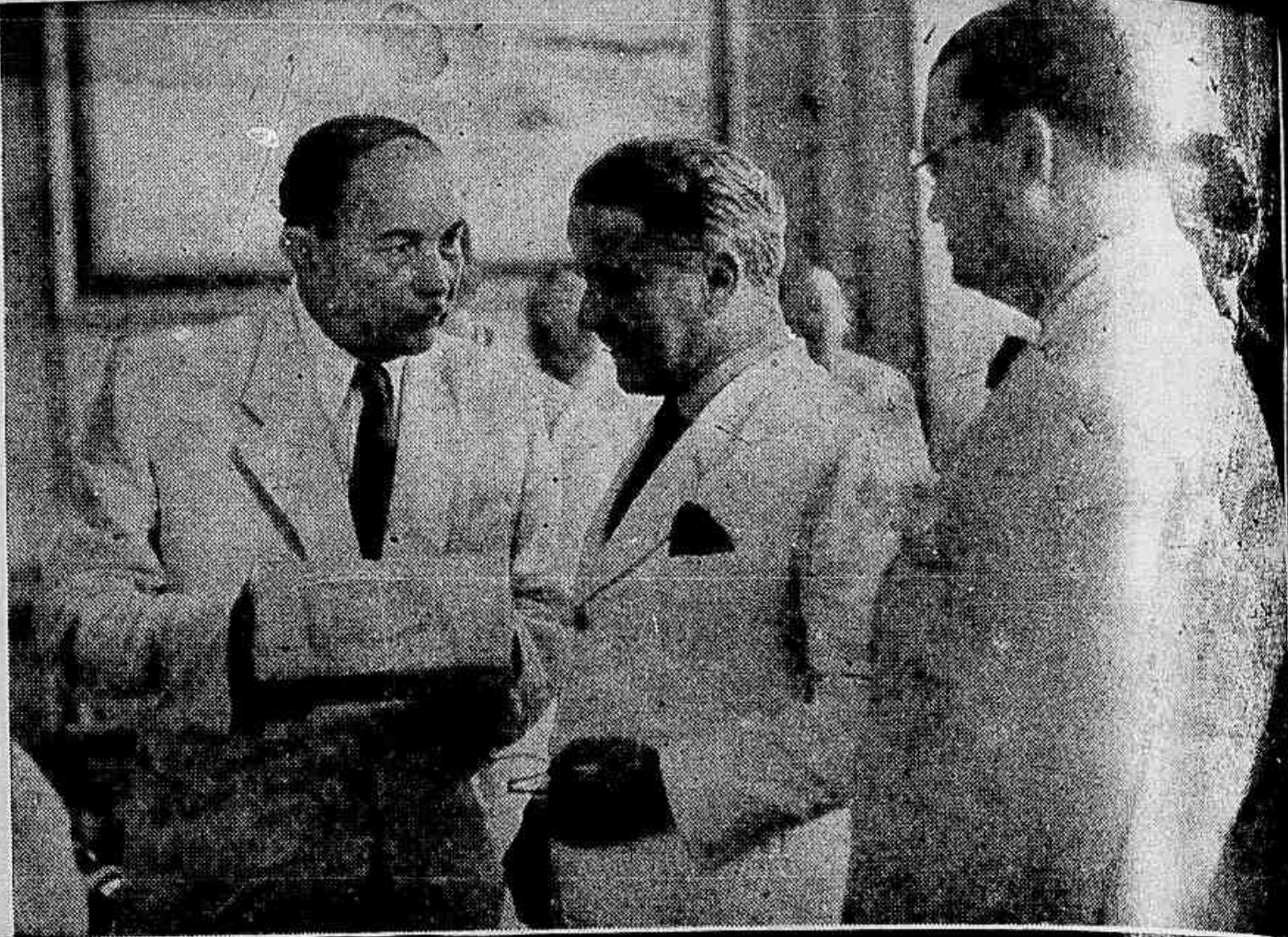




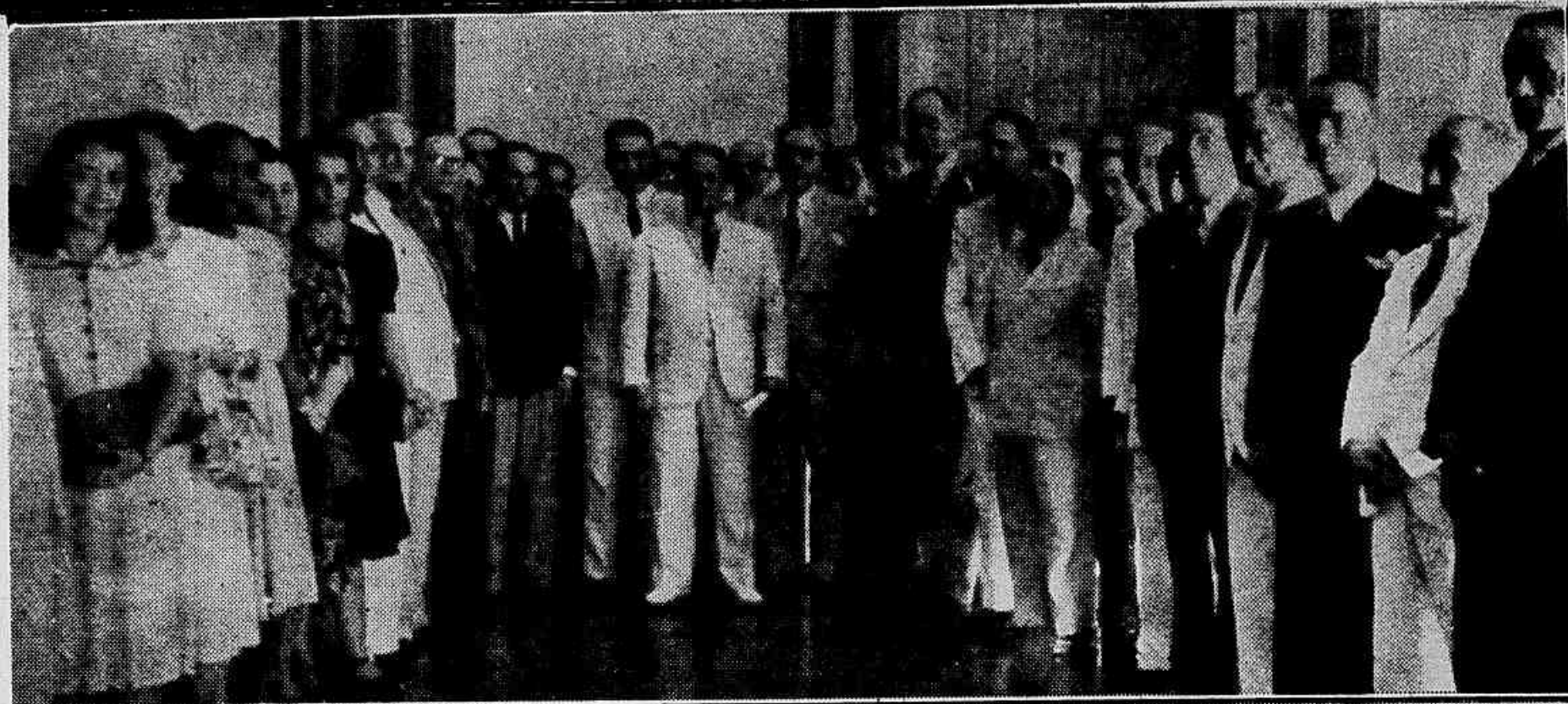
O interventor coronel Magalhães Barata defumando o leite de seringueiras paraenses pelo sistema denominado "Pá-agronômico", durante uma visita ao Instituto Agronômico do Norte.

(Reportagem de M. MENDES DA COSTA).

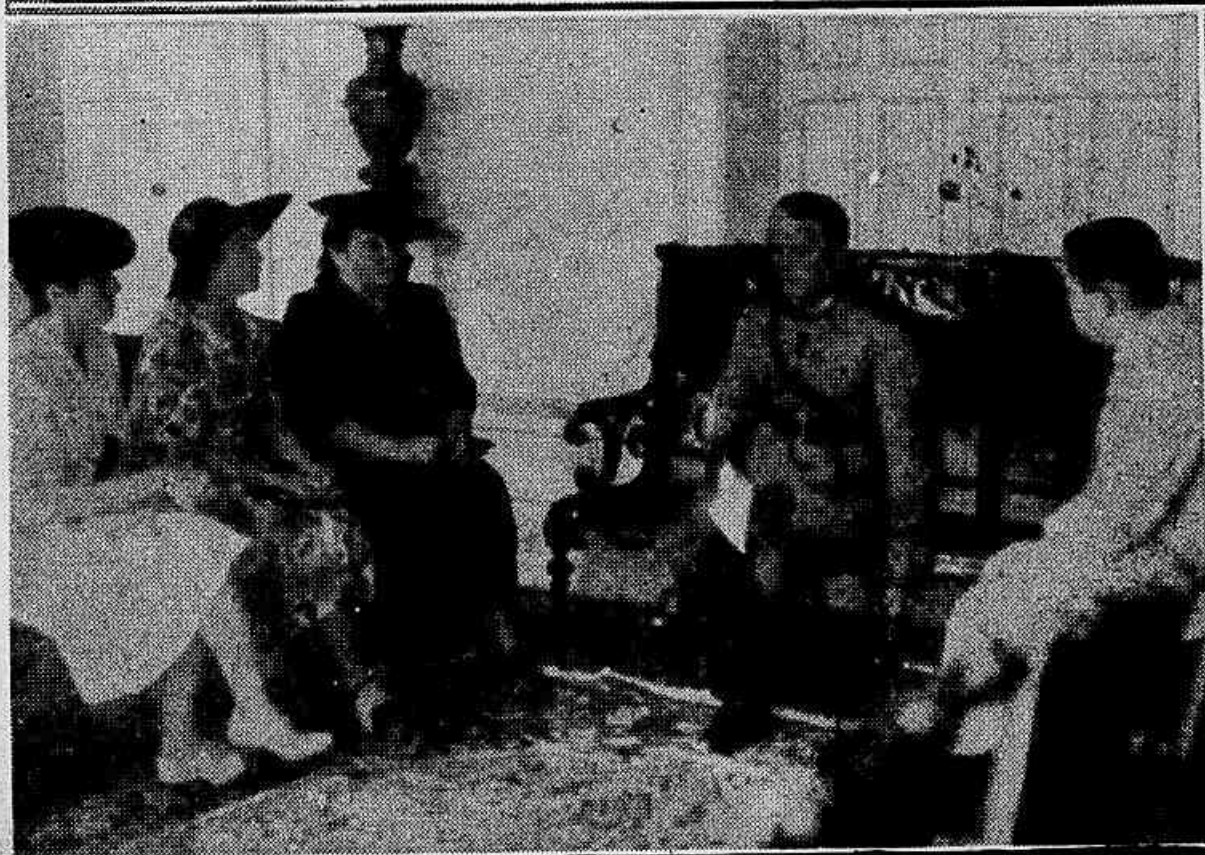
AS ATIVIDADES DO INTERVENTOR PARAENSE



Quatro flagrantes interessantes. Um nos mostra o interventor coronel Magalhães Barata entregando ao comandante das forças norte-americanas, coronel Arnould, uma bandeirinha brasileira, após um almoço de cordialidade que fôra oferecido àquele oficial yankee, durante o qual foi erguido um brinde de honra ao Presidente Getúlio Vargas; outro, focaliza o ato da entrega, pelo presidente da Associação Comercial, ao coronel Magalhães Barata, de doze mil cruzeiros para serem distribuídos aos pobres. Na foto a seguir vemos o chefe do Executivo Paraense, no "Dia do Trabalho", depositando uma corôa no pedestal do monumento ao Trabalho e, ao lado, S. excia. falando de uma sacada a milhares de



Nas fotos que aqui estampamos vemos: o interventor Magalhães Barata recebendo significativa homenagem da Associação dos Farmacêuticos do Pará; um grupo de senhoras da alta sociedade paraense, pertencentes ao Rotary Club daquele Estado, entrega a S. excia. um cheque de dez mil cruzeiros, a serem distribuídos entre as instituições de caridade; e, por último, o almoço oferecido pelo interventor paraense, no palácio governamental, às classes armadas, reunião esta que terminou com um brinde de honra ao Presidente Getúlio Vargas.



As fotos que aqui reproduzimos bem demonstram o contacto direto e permanente que mantem o coronel Magalhães Barata com o povo de sua terra: 1) O ilustre interventor ao ser saudado por um colegial; 2) ouvindo uma velhinha numa audiência pública; 3) atendendo a um garoto que também compareceu a uma dessas audiências; 4) acariciando as crianças de uma escola que visitou.



operários reunidos aos ferroviários da Estrada de Ferro de Bragança, quando lembrou a todos os benefícios que devem ao benemérito Presidente Getúlio Vargas.

REUNIÃO DOS FERROVIÁRIOS DA BRAGANÇA
ANTE BENEFÍCIOS DO CORONEL MAGALHÃES BARATA

DESDE que assumiu o governo do Pará, na sua segunda fase, o interventor coronel Magalhães Barata tem sido de uma atividade invulgar, não descansando um só dia, interessado profundamente no progresso e na felicidade daquele grande Estado nortista.

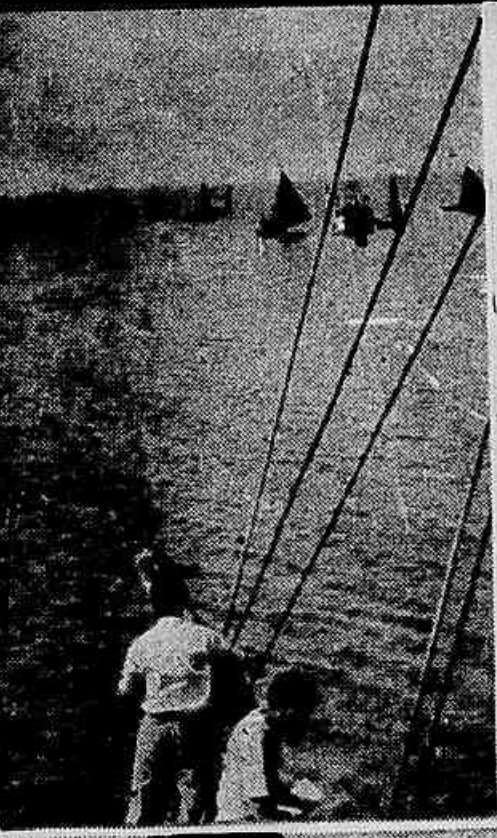
O povo paraense, que na primeira interventoria do coronel Magalhães Barata experimentou dias de verdadeira prosperidade, vendo tudo ressurgir para a vida e para o trabalho, conhecedor, portanto, da capacidade admirável de realização do eminente soldado, recebeu-o pela segunda vez num verdadeiro delírio, prestando-lhe grandiosa manifestação de apreço, como jamais se levou a efeito, ali, a um homem público. Essa imponente demonstração de simpatia envolveu ao mesmo tempo a pessoa do presidente Getúlio Vargas, a quem o povo da terra guajará não escondeu a sua imensa gratidão por haver tornado em realidade a sua máxima aspiração, devolvendo-lhe o interventor a quem o Pará deve, sem dúvida, todos os grandes empreendimentos que o tornam hoje um dos maiores Estados da União, enriquecido, saneado, semeado de escolas e de fabricas, com a sua infância protegida, os seus trabalhadores bem remunerados e a sua velhice amparada.

A infância e a velhice constituíram sempre preocupação carinhosa do interventor da terra guajará. Os leitores têm aqui aspectos expressivos atestando esta afirmativa: um nos mostra o eminente soldado, em visita à Creche Santa Teresinha, entre sadios pequerruchos; noutro vemos o chefe do Estado conversando com garotos de um bairro que lhe dizem do aproveitamento que têm na escola, e ainda outro flagrante apanhado quando S. Excia. acabava de prometer amparo a um velho que ainda se recorda de episódios da Guerra do Paraguai.





A população de Belem em geral e as classes operárias em particular, testemunhando o seu reconhecimento ao Presidente Getúlio Vargas, pelo feliz retorno do coronel Magalhães Barata ao Governo Paraense, levaram a efeito uma grande manifestação de confiança e apoio ao supremo magistrado da Nação, desfilando em massa pelas ruas da Capital guajarina, num brilhante espetáculo de civismo, a que assistiu comovido o eminente Interventor. Os flagrantes que aqui estampamos bem refletem o entusiasmo que

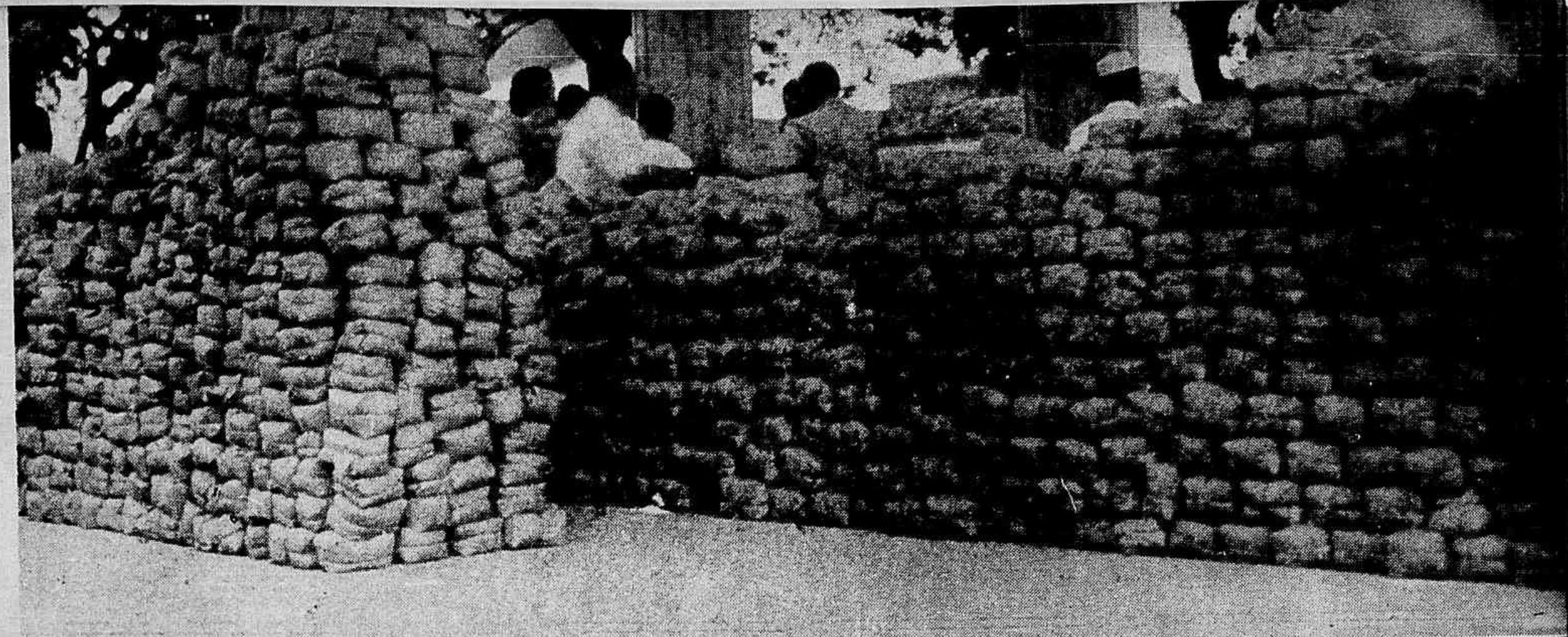
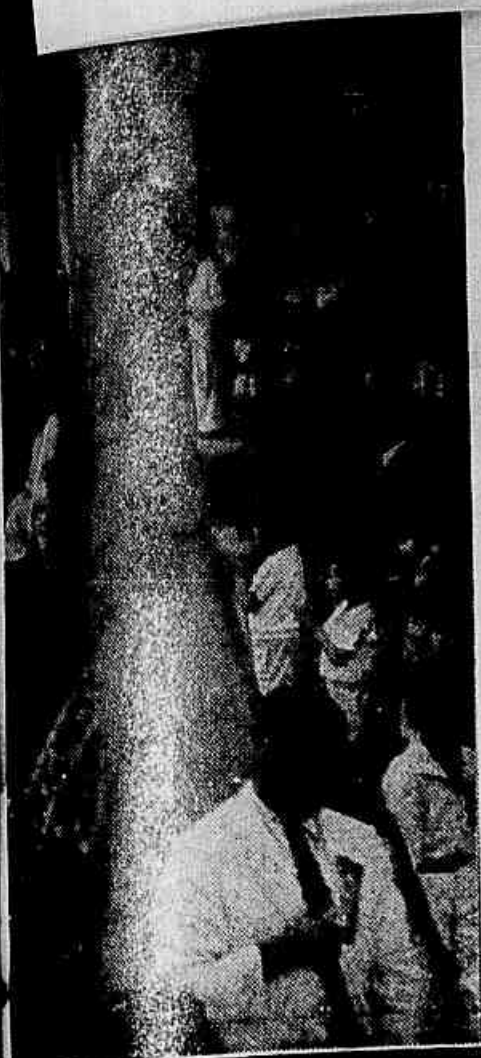


O "Dia da Pesca" no famoso lago Ariri, instituído pelo coronel Magalhães Barata, foi assinalado por festividades da mais alta significação. O chefe do Governo Paraense esteve nessa data entre as famílias dos pescadores, interessando-se por saber de suas condições de vida e, sobretudo, do progresso dos jovens nos estudos. Nesse dia festivo foi repetidamente lembrado o nome do Presidente Getúlio Vargas, através do rádio e de cartazes expressivos referentes aos festejos. Falando aos pescadores, por ocasião do "Dia da Pesca", o coronel Magalhães Barata dissertou eloquentemente sobre a obra do Chefe da Nação em favor da classe. Numa das fotos que aqui estampamos aparece a lendária cidade de Vigia, um dos maiores centros de pesca do Norte, habitada por milhares de pescadores.



Stampamos aqui vários aspectos de manifestações populares ao interventor coronel Magalhães Barata. Em todas essas demonstrações, num sentimento comovido de gratidão, jamais o esquece o nome do Presidente Getúlio Vargas, a quem deve a volta ao governo do Pará de seu conterrâneo extremecido.





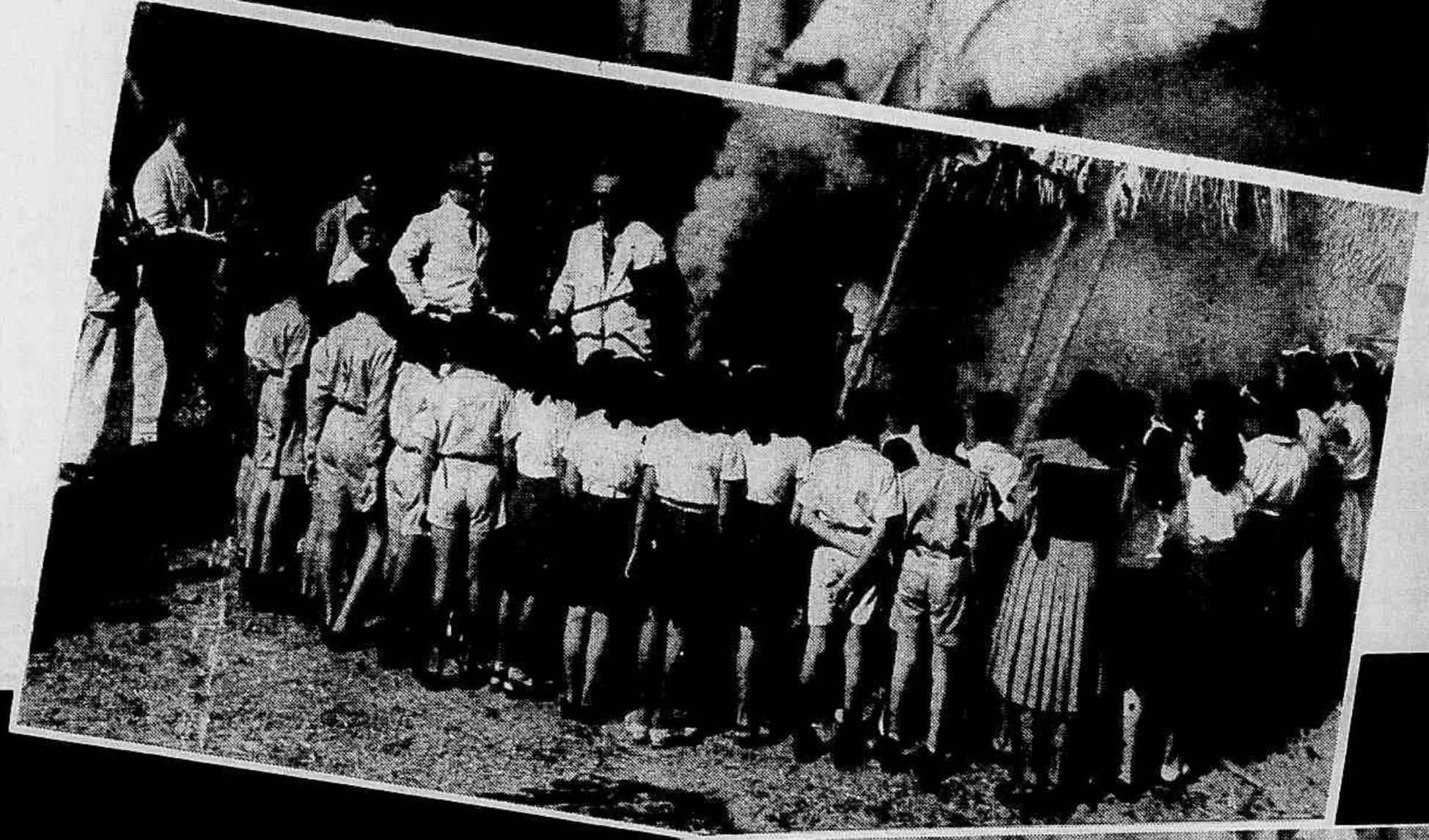
levou o povo de Belém a esta justa homenagem ao Presidente Getúlio Vargas e ao Interventor Magalhães Barata. Numa viva demonstração dos sentimentos de solidariedade humana e bondade de seu chefe, o Governo do Pará fez distribuir nesse dia milhares de óbulos à pobreza.

O Pará inteiro vive hoje satisfeito, a sua população contentíssima por ver à frente da administração pública um patricio digno, patriota, amigo dos pobres, fiel intérprete do programa fecundo de realizações traçado para todo o Brasil pelo presidente Getúlio Vargas.

O Estado encontra-se em excelente situação financeira, o funcionalismo estadual e municipal em dia com os seus vencimentos, bem como liquidados os compromissos assumidos para com os fornecedores, havendo ainda vultoso saldo de vários milhões de cruzeiros.

A Instrução, a Saude, os Transportes e a Justiça têm sido a preocupação constante do governo do coronel Magalhães Barata, que em poucos meses de administração infatigável conseguiu coordenar todos os setores de atividades para um funcionamento rítmico e inteligente, de maneira que todas as energias sejam aproveitadas no sentido do bem-estar comum e da grandeza economica, moral e política do Estado, dentro de um panorama de bellissimas iniciativas.

A REVISTA RA SEMANA, prestando sincera homenagem ao Estado que é hoje um dos mais prósperos do septentrião brasileiro, estampa neste número palpitantes instantâneos focalizando as atividades do militar cujo nome é citado em todo o Brasil como exemplo de patriotismo, convicção, trabalho e honestidade.

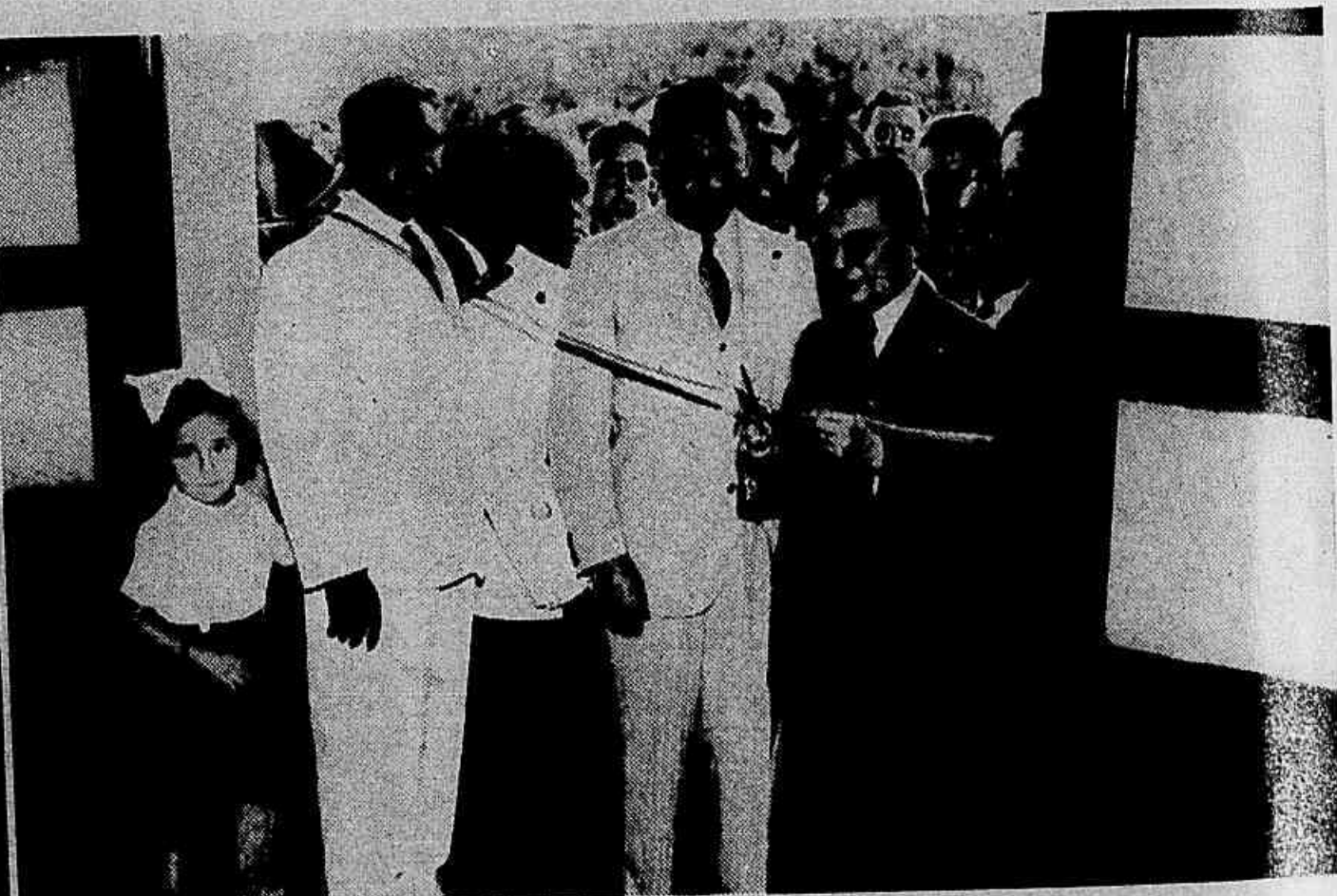


Interventor coronel Magalhães Barata falou sobre o torço de guerra e o que representa para a nossa pátria a Batalha da Borracha. Invocou em sua oração o nome do grande Presidente Getúlio Vargas, em quem o Brasil confia cheio de orgulho. Em seguida o chefe do Estado assistiu a várias demonstrações do tratamento da preciosa matéria prima que nos fornece a seringueira. Nessa ocasião um grupo de alunos de várias escolas conheceu também como é que se defuma a goma elástica.





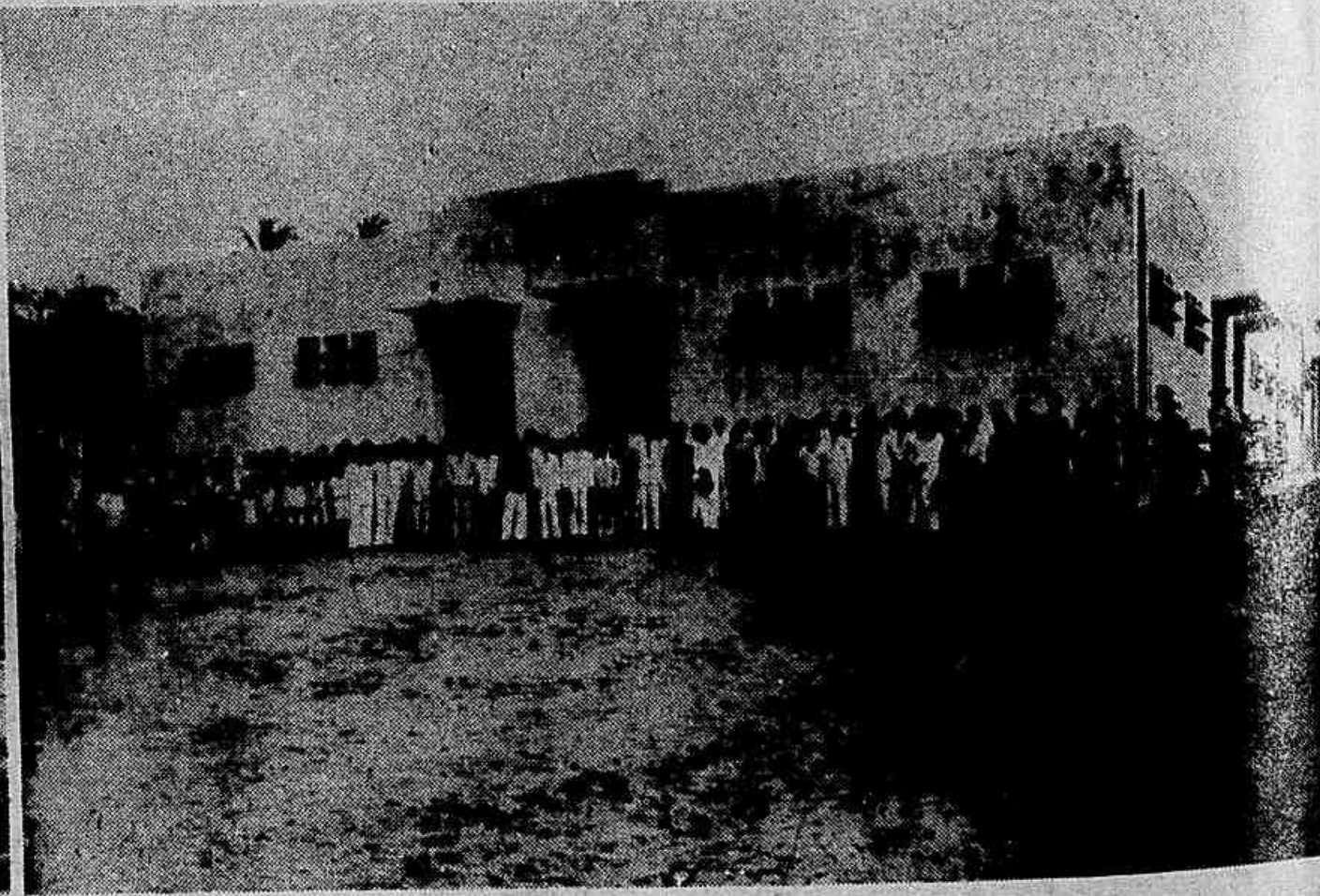
Noticias da Paraíba



No dia dezesseis de agosto proximo passado, em que transcorreu o terceiro aniversario da posse do Sr. Ruy Carneiro na Interventoria Federal do Estado da Paraíba, em face de uma resolução de S. Excia. não se realizaram festividades e sim inaugurações de obras publicas tanto na capital como no interior do Estado.

E nesta pagina estampamos alguns aspectos concernentes ás solenidades; da esquerda para a direita e do alto para baixo: Flagrante apanhado por ocasião da solenidade da abertura da Avenida Barão do Triunfo em direção á nova estação da Estrada de Ferro

Great Western, recentemente construida; aspecto colhido quando era inaugurado um grande estabelecimento industrial, com séde em Cabedelo, destinado a aproveitar o côco em todas as suas utilidades; o Manicomio Judiciario construido pelo Governo do Estado e inaugurado tambem a dezesseis de agosto proximo passado pelo Dr. Heitor Carrilho, que se vê ao lado tendo á sua direita o interventor Ruy Carneiro; inauguração da Escola Modelo "Augusto Trindade" na Colonia Agricola de Camaratuba, municipio de Mamanguape; e, afinal, o mercado publico desta cidade tambem inaugurado em homenagem ao aniversario do Governo.



Apólogo brasileiro sem véu de alegoria

por *Alcantara Machado* Ilustração de *GOULART*

O tremzinho recebeu em Magoari o pessoal do matadouro e tocou para Belem. Já era noite. Só se sentia o cheiro doce do sangue. As manchas na roupa dos passageiros ninguém via porque não havia luz. De vez em quando passava uma faúlha que a chaminé da locomotiva botava. E os vagões no escuro.

Trem misterioso. Noite fora, noite dentro. O chefe vinha recolher os bilhetes de cigarro na boca. Chegava a passagem bem perto da ponta ccesa e dava uma chupada para fazer mais luz. Via mal e mal a data e ia guardando no bolso. Havia sempre uns que gritavam:

— Vá pisar no inferno!

Ele pedia perdão (ou não pedia) e continuava o seu caminho. Os vagões sacolejando.

O tremzinho seguia danado para Belem porque o maquinista não tinha jantado até aquela hora. Os que não dormiam aproveitando a escuridão conversavam e até gesticulavam por força do hábito brasileiro. Ou então cantavam, assobiavam. Só as mulheres se encolhiam com medo de algum desrespeito.

Noite sem lua nem nada. Os fósforos é que alumiam um instante as caras cansadas e a pretidão feia caía de novo. Ninguém estranhava. Era assim mesmo todos os dias. O pessoal do matadouro já estava acostumado. Parecia trem de carga o trem de Magoari.

Porém aconteceu que no dia 6 de maio viajava no penúltimo banco do lado direito do segundo vagão um cego de olhos azues. Cego baiano das margens do Verde de Baixo. Flautista de profissão dera um concerto em Bragança. Parara em Magoari. Voltava para Belem com sete mil e quatrocentos no bolso. O taioquinha dele só dava uma folga no bocejo para cuspir.

Baiano velho estava contente. Primeiro deu uma colovelada no secretário e puxou conversa. Puxou atoa porque não veio nada. Então principiou a assobiar. Assobiou uma valsa (dessas que vão subindo, vão subindo e depois descendo, veem descendo), uma polca, um pedaço do "Trovador". Ficou quieto uns tempos. De repente deu uma coisa nele. Perguntou para o rapaz:

— O jornal não dá nada sobre a sucessão presidencial?

O rapaz respondeu:

— Não sei: nós estamos no escuro.

— No escuro?

— E'.

Ficou matutando calado. Claríssimo que não compreendia bem. Perguntou de novo:

— Não tem luz?

Bocejo.

— Não tem.

Cuspada.

Matutou mais um pouco. Perguntou de novo:

— O vagão está no escuro?

— Está.

De tanta indignação bateu com o cajado no soalho. E principiou a grita dele assim:

— Não pode ser! Estrada relaxada! Que é que faz que não acende? Não se pode viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o maior dom da natureza! Luz! Luz! Luz!

E a luz foi feita. Continuou berrando:

— Luz! Luz! Luz!

Só a escuridão respondia.

Baiano velho estava fúto. Urrava. Vozes perguntaram dentro da noite:

— Que é que há?

Baiano velho trovejou:

— Não tem luz!

Vozes concordaram:

— Pois não tem mesmo.

Foi preciso explicar que era um desaforo. Homem não é bicho. Viver nas trevas é cuspir no progresso da humanidade. Depois a gente tem obrigação de reagir contra os exploradores do povo. No preço da passagem está incluída a luz. O governo não toma providências? Não toma? A turba ignara fará valer seus direitos sem ele. Contra ele se necessário. Brasileiro é bom, é amigo da paz, é tudo quanto quizerem: mas bobo, não. Chega um dia e a coisa pega fogo.

Todos gritavam discutindo com calor e palavões. Um mulato propôs que se matasse o chefe do trem. Mas João Virgulino lembrou:

— Ele é pobre como a gente.

Outro sugeriu uma grande passeata em Belem com banda de música e discursos.

— Foguetes também?

— Foguetes também.

— Be-le-za!

Mas João Virgulino observou:

— Isso custa dinheiro.

— Que é que se vai fazer, então? Ninguém sabia. Isto é: João Virgulino sabia. Magarefe-chefe do matadouro de Magoari, tirou a faca da cinta e começou a esquartejar o banco de palhinha. Com todas as regras do ofício. Cortou um pedaço, jogou pela janela e disse:

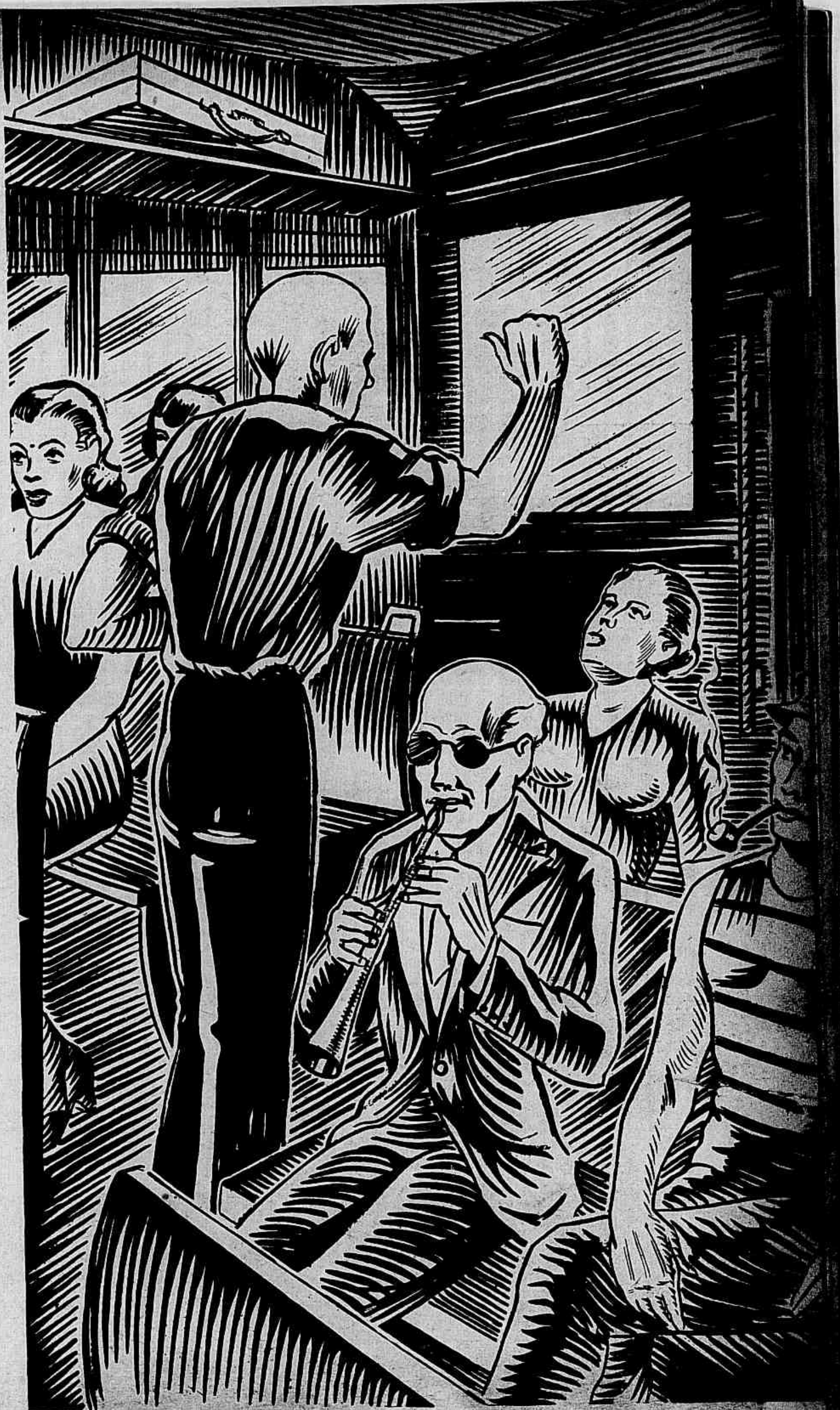
— Dois quilos de lombol!

Cortou outro e disse:

— Quilo e meio de tocinhol!

Todos os passageiros magarefes e auxiliares imitaram o chefe. Os instintos carniceros se satisfizeram plenamente. A indignação virou alegria. Era cortar e jogar pelas janelas. Parecia um serviço organizado. Ordens partiam de todos os lados. Com piadas, risadas, gargalhadas.

— Quantas rezas, Zé Bento?



— Eu estou na quarta, Zé Bento!

Baiano velho quando percebeu a história pulou de contente. O chefe do trem correu quasi que chorando.

— Que é isso? Que é isso? E' por causa da luz?

Baiano velho respondeu:

— E' por causa das trevas!

O chefe do trem suplicava:

— Calma! Calma! Eu arranjo umas velinhas.

João Virgulino percorria os vagões apalpando os bancos.

— Aqui ainda tem uns três quilos de colchão Mole!

O chefe do trem foi para o cubículo dele e fechou-se por dentro rezando. Belem já estava perto. Dos bancos só restava a armação de ferro. Os passageiros do pé contavam fações. Baiano velho tocava a marcha de sua lavra chamada "As armas, cidadãos!". O taioquinha embrulhava no jornal a faca surrupiada na confusão.

Tocando a sineta o trem de Magoari fungou na estação de Belem. Em dois tempos os vagões se esvaziaram. O último a sair, foi o chefe, muito pálido.

Belem vibrou com a história. Os jornais afixaram cartazes. Era assim o título de um: **Os passageiros no trem de Magoari amotinaram-se jogando os assentos ao leito da estrada.** Mas foi substituído porque se prestava a interpretações que feriam de frente o decoro das famílias. Diante do Teatro da Paz houve um conflito sangrento entre populares.

Dada a queixa à polícia foi iniciado o inquérito para apurar as responsabilidades. Perante grande número de advogados, representantes da imprensa, curiosos e pessoas gradas, o delegado ouviu vários passageiros. Todos se mantiveram na negativa menos um, que se declarou protestante e trazia um exemplar da Bíblia no bolso. O delegado perguntou:

— Qual a causa verdadeira do motim?

O homem respondeu:

— A causa verdadeira do motim foi a falta de luz nos vagões.

O delegado olhou firme nos olhos do passageiro e continuou:

— Quem encabeçou o movimento?

Em meio da ansiosa expectativa dos presentes o homem revelou:

— Quem encabeçou o movimento foi um cego!

Quiz jurar sobre a Bíblia mas foi imediatamente recolhido ao xadrez porque com a autoridade não se brinca.

Onde a dança mora

Reportagem de
FERNANDO
UCHOA



Posso afirmar em nome dos que gozam de boa compreensão artística que Eros Volúcia é a maior representante da dança brasileira. Imerecidamente, algumas vezes surge um crítico mal humorado com o fim de apupa-la; mas como do mau humor nada de agradável se pode esperar, não nos admiramos de certas referências menos elogiosas a seu respeito. Toda má vontade é inútil, pois o único crítico verdadeiro é o público e este mostra-se unânime em reclamá-la e aplaudi-la.

Eros Volúcia é a bailarina da intenção. Em seus bailados não manifesta apenas o ideal, mas realiza um programa de arte que é exclusivamente seu, sobre o qual tem a primazia. O ritmo e a técnica constituem o âmago de seus trabalhos que vêm sendo calorosamente recebidos pelo público.

Eros Volúcia presta agora sua atividade artística ao novo filme brasileiro, *Caminho do Céu*, e, ao mesmo tempo, trabalhadora incansável continua a dirigir a Escola de Dança, patrocinada pelo Ministério da Educação, e que funciona pela manhã no edifício do Teatro do Ginástico Português, à falta





de sede própria. Ai fomos procura-la numa destas manhãs de frio picante e de neblina.

Encontramo-la terminando a sua aula. A' sua voz as alunas executavam movimentos graciosos que eram magicamente repetidos pelas sombras. Outras tantas dansarinas no palco em claro-escuro. Finda a lição um intervalo. As alunas espalham-se pelos bastidores, esta atando os cordões do sapato mal apertado, aquela, num esforço pertinaz, ensaiando um *spacatt* ou um *entrechat*.

Eros Volússia senta-se a meu lado. Assesta sobre mim seus grandes olhos negros perturbadores. Espera. Enquanto preparo-me a interroga-la analiso sua graça morena, filha do trópico, onde se casam a suavidade das noites estreladas e a palpação de vida das manhãs brasileiras, cheias de sol e cantos de pássaros.

— Quais foram as primeiras manifestações de sua tendência artística?

— Obedeci a uma tendência sem limites, cega. Sou a única em minha família que se destinou à dança. Desde os primeiros anos da minha infância obedeci a essa força que, imperativa, modelou todo o meu destino. Passavam-se os anos e eu cada vez mais possuída pela arte que escolhi.

— Você tem outros artistas na família?

— Não sabe que sou filha de Gilka Machado? Meu pai é o poeta Rodolfo Machado, que escreveu o poema *Divino Inferno*. Ha ainda um violinista, Francisco Pereira da Costa, que entesourava melodias com a perfeição com que Gilka marmorizava versos. E, ainda, Tereza da Costa, artista de teatro que, sobre o palco, vivia as grandes criações da arte dramática. Arte, na família, é atavismo — concluiu graciosamente Eros Volússia.

Como todos eles, como aquele Moniz Barreto, seu ascendente que deixou na Bahia uma fama segura de poeta repentista, Eros é artista desde o berço. Arrastada pela tendência incontida de plasmar os ritmos barbaros que sentia no sangue, Eros, quasi só, procurou a principio disciplinar sua arte nas regras harmoniosas do *ballet* clássico. Compreendeu assim uma verdade que nem todos os artistas reconhecem:

que é preciso estudar muito para poder inovar um pouco.

— Você sonhava o que é hoje?

Eros deixa pairar entre nós a reticencia de um sorriso.

— A minha arte era tudo para mim, minha vida, minha paixão, uma irresistível exigencia espiritual. Por fim o grande sonho realizou-se. Sua fama rompeu, como a aurora estilhaçando de luzes o vidro negro do céu. Eros, a artista havia aparecido. As platéias da América atiraram-lhe flores e aplausos. O grande anseio tornou-se realização. A chama tornou-se labareda. Pela primeira vez, aos onze anos exhibia-se em público, no Teatro João Caetano e as arcadas do teatro veneravel, depositárias de tantas glórias do nosso proscenio, ainda guardam os ecos dessa noite memoravel.

Falando da sua atuação em *Rio-Rita*, pergunto lhe si não desejaria demorar-se mais tempo na América do Norte.

— O meu Brasil é único. Você não sabe como eu gosto desta terra... Regressei logo que se deu a declaração de guerra, de acordo com o que previamente estabeleci numa das clausulas de meu contrato.

— Teve receio da guerra?

— Não foi bem isso. Acho que nestes momentos de perigo nacional devemos estar todos juntos. Assim mesmo sofri um pouco os dissabores da guerra. O navio no qual vinha minha bagagem foi torpedeado. Não tive prejuizos materiais, tudo estava no seguro; quem me indenizaria, porem, da perda sentimental da destruição de objetos aos quais se prendiam minhas mais caras recordações? Minhas vestimentas tipicas foram-se com o navio, companheiras de tantos momentos inesqueciveis...

Mudamos de assunto, pois percebemos que essa lembrança confrangia ainda hoje o espirito sensível da mulher afetiva que ela é.

— Que pensa sua mãe da arte que você escolheu?

— Mamãe resistia à minha vocação e ainda hoje resiste. Preferia que eu me casasse. Pode ser, disse Eros com um sorriso jovial. No entanto, não me

(Continúa na pág. 55)





Em comemoração do Primeiro Centenário de Fundação do Instituto da Ordem dos Advogados, realizou-se, nesta capital, o Congresso Jurídico Nacional, do qual participaram representantes de todas as seções estaduais do Instituto além de numerosos delegados de entidades jurídicas nacionais.

O êxito do conclave não podia ser maior. Os congressistas estiveram reunidos em numerosas e importantes comissões, que discutiram problemas vários de interesse nacional, aprovando sugestões a serem oferecidas às autoridades, sobre assuntos jurídicos.

Presidiu ao congresso, como representante do sr. Presidente da República, o ministro interino da Justiça, dr. Marcondes Filho, cabendo a direção dos trabalhos ao dr. Miranda Jordão, presidente do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Em todos os ramos do Direito, compreendendo suas mais variadas atividades e funções, foram estudadas questões de momento, tendo se distinguido sobretudo a atenção dada aos problemas que dizem mais de perto à organização democrática do povo e governo brasileiro, procurando colocá-lo, dentro das supremas normas do Direito, ao lado das mais adiantadas nações que defendem o elevado ideal de Igualdade, Liberdade e Fraternidade. A este respeito nada foi esquecido. As soluções aprovadas nos debates das comissões especializadas constituem o melhor atestado do que foi feito, pelos juristas de nossa pátria, em benefício da Pátria.

Sessão inaugural no Palácio Tiradentes.



HOMENAGEM AO "JORNAL DO COMERCIO" — O Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil prestou significativa homenagem ao "Jornal do Comercio", tendo sido inaugurada na sede do Instituto uma placa de bronze. Falaram, nesta ocasião, os srs. Miranda Jordão, Alfredo Baltazar da Silveira, Vasco de Andrade e Elmano Cardim, diretor deste diário, agradecendo a homenagem. Da cerimônia são os aspectos que publicamos, vendo-se a mesa que presidiu a sessão e um aspecto da assistência.

Congre



COMISSÃO DE CADA comissão, vendo-se Massena.

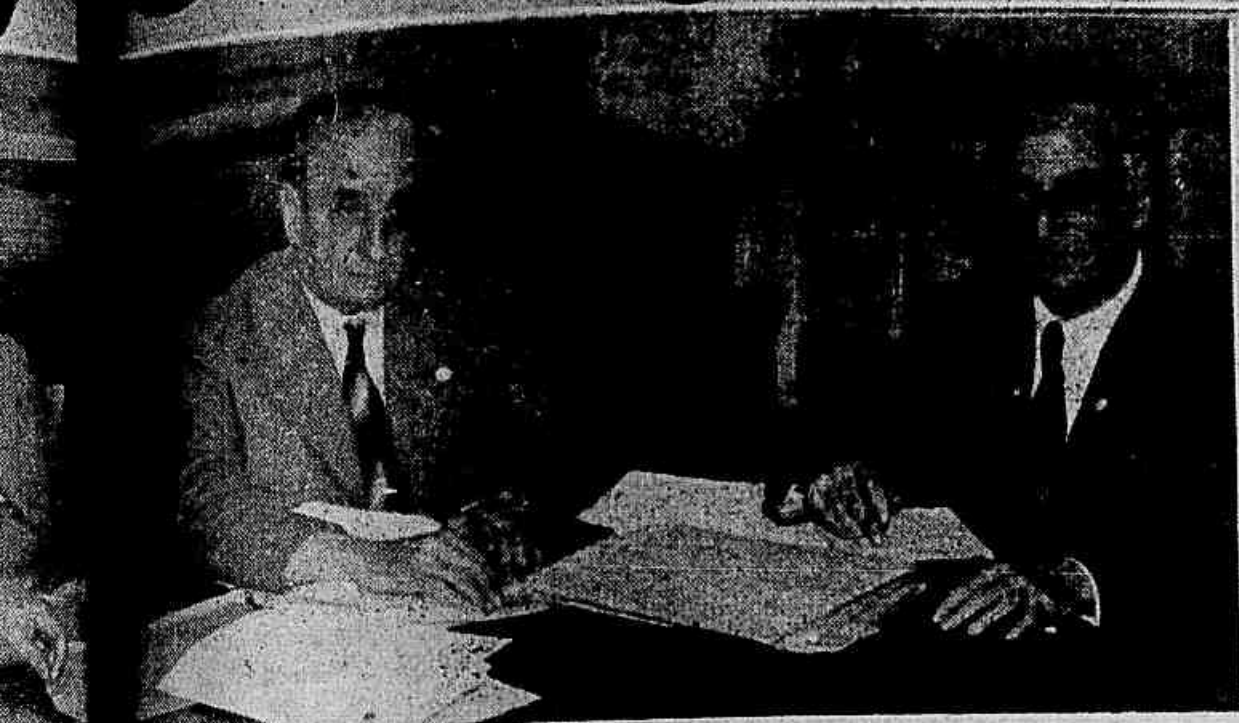


COMISSÃO DE ENSINO DO DIREITO — reuniu-se a comissão de Ensino do Direito.



REVERENCIANDO A MEMORIA DE RUI BARBOSA — tivas homenagens à memória do grande advogado, entre elas, a realizada no Largo da Carioca, tendo a esta solenidade o sr. prefeito municipal, o sr. Jordão e pessoas de nossa sociedade.

Congresso Jurídico Nacional



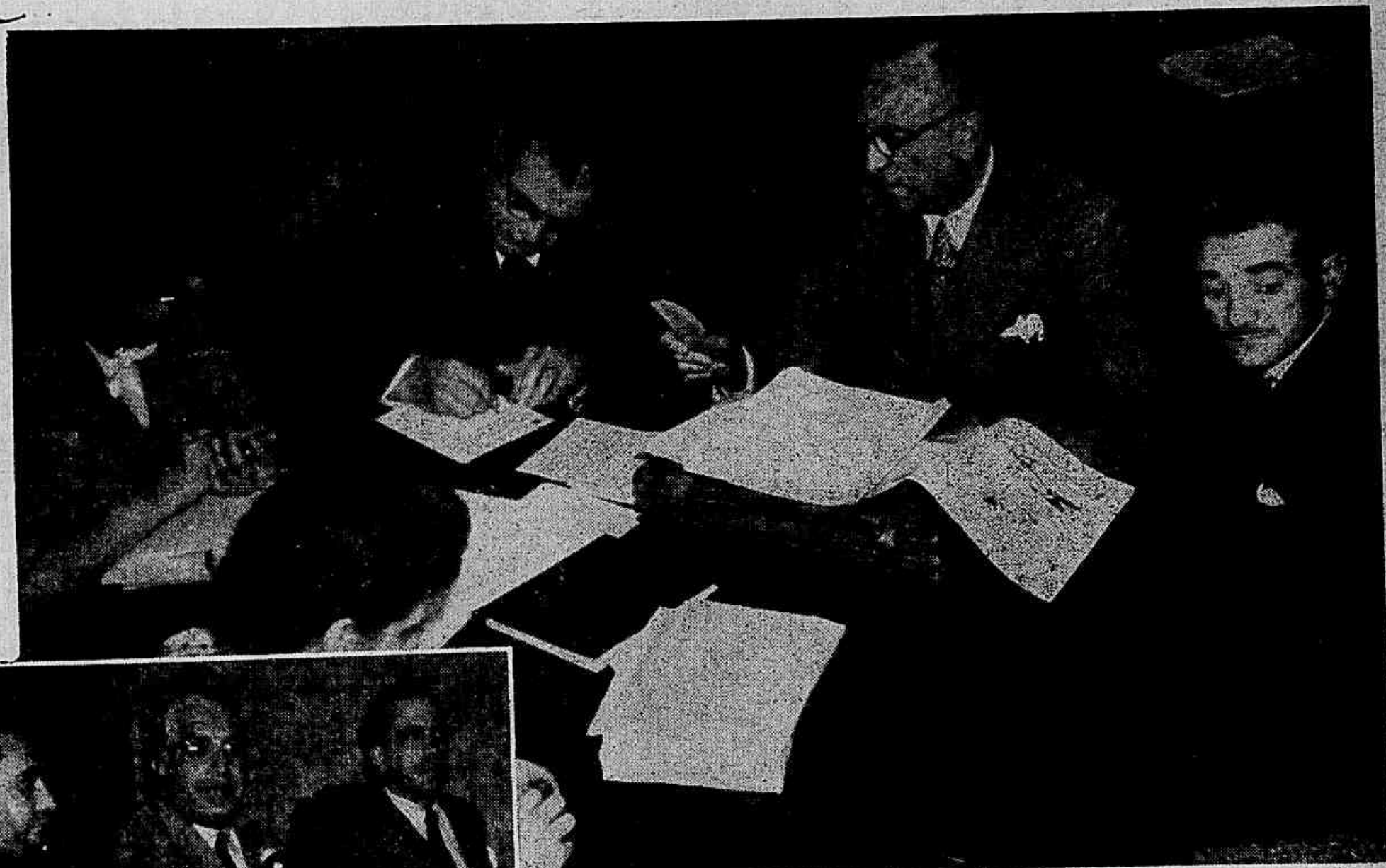
DE CAÇA
endo-se
— Flagrante de uma das reuniões desta
Rego Lins, Rodrigues Neves e Nestor



COMISSÃO DE DIREITO ADMINISTRATIVO E FISCAL — Coube a presidência dos trabalhos desta comissão ao ministro Rubens Rosa, secretariando-a os Drs. Mario Acioli e Bilac Pinto.



DIREITO — sob a presidência do professor Pedro Calmon
Ensino do Direito, tendo a secretariá-la o dr. Pedro Pal-



COMISSÃO DE DIREITO CIVIL — Reunião da Comissão de Direito Civil, presidida pelo professor Benedito Costa Neto, secretariada pelos srs. Rui Azevedo Sodré e Raul Barbosa.



COMISSÃO DE DIREITO RURAL — Reunião da Comissão de Direito Rural, integrada pelos srs. dr. Luciano Pereira da Silva, presidente, dr. Joaquim Luiz Osorio e dr. J. Murilo Silveira.

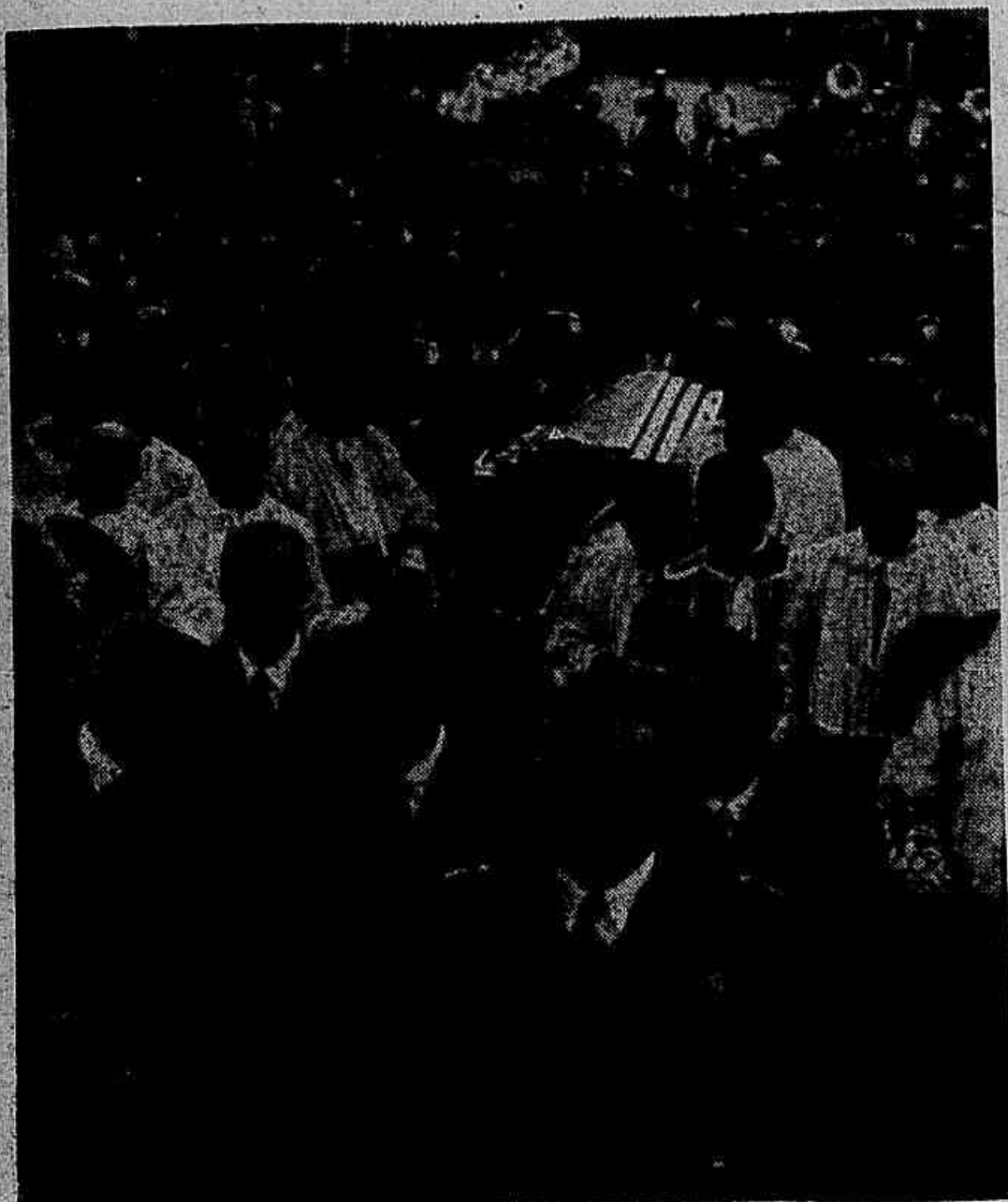


DE RUI BARBOSA — Os congressistas prestaram significativa do grande brasileiro. Rui Barbosa, destacando-se, onde falaram vários oradores. Compareceu, dr. Henrique Dodsworth, dr. M. randa sociedade



VOLTA REDONDA — Os membros do Congresso Jurídico Nacional estiveram em visita a Volta Redonda onde tiveram oportunidade de apreciar a grandiosidade da obra ali realizada. Da visita é o "clique" que publicamos

De São Paulo



O clichê" mostra, em sua comovente grandiosidade, o que foram os funerais do saudoso arcebispo D. José Gaspar.



O Nuncio Apostolico, o interventor Fernando Costa e personalidades do governo paulista quando da saída do feretro do arcebispo D. José Gaspar.

Ainda permanece bem viva a dolorosa emoção causada pelo tragico acontecimento da queda do "Rio de Janeiro", no momento da sua descida na capital do país. O povo que é bem o coração da Pátria, nesse momento em que vidas preciosas foram roubadas à família e à coletividade, numa sincera e comovedora solidariedade, prestou aos que tombaram a homenagem das suas lágrimas.

D. José Gaspar na Câmara Fúnebre arriada na Igreja de Santa Efegénia.



Quando fôr a São Paulo

... não deixe V. S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Successora de MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. É a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o crême de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afiar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e casperezas e a tendencia para a pigmentação.

Q. viço, o brilho de uma pele viva e sã volta a imperar com o uso do Crême de Alfaca "Brilhante". Experimente-o.

INSTITUTO ROENTGÊN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

Figuras de destaque do governo e da intelectualidade de São Paulo, quando do enterro do jornalista dr. Casper Libero.

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Papéis
BANKETS

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Belg. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Pode servir-se pessoalmente!

Senhoras!
CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUACÃO
APR. PELA CUTIS SAUT. N. 88-7-5

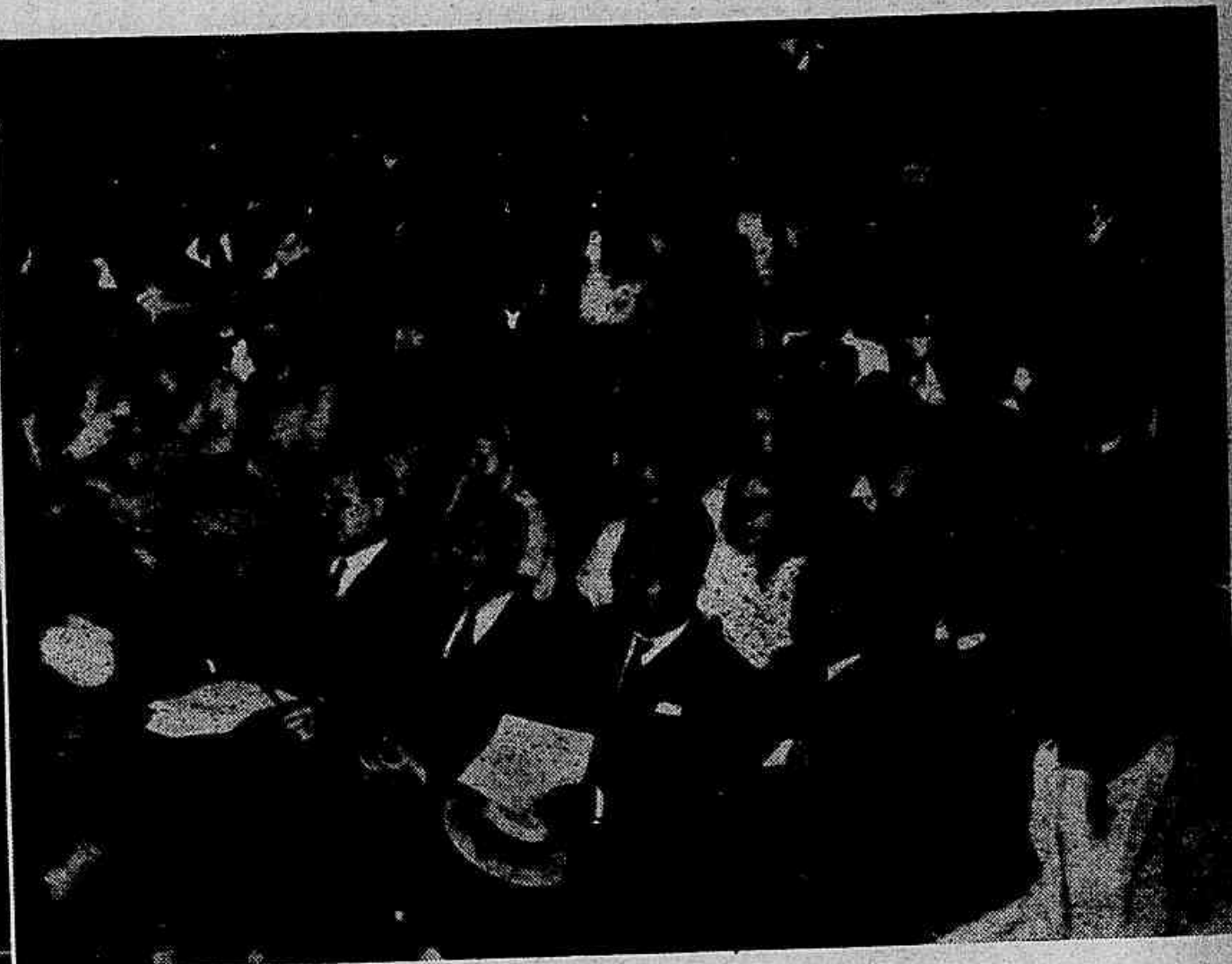


res Figueira de Almeida e Ney Palmeira, membros da banca examinadora. EM BAIXO, à esquerda, alunos do Instituto La-Fayette Joracy Camargo "Independência ou Morte"; e à direita, aspecto parcial da assistência, onde figuram os representantes da Caixa Econômica e os membros da banca examinadora do concurso inter-colegial.

O programa dos novos

Por iniciativa da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro e da Divisão de Educação Extra-Escolar do Ministério da Educação, foi criado o Programa dos Novos, irradiado semanalmente pela P R A 2 daquele Ministério, diretamente do auditório de cada colégio do Distrito Federal. É uma idéia feliz que vem congregar os estudantes de curso secundário de todo o Brasil, num intercâmbio de cultura e de fraternidade.

É da última irradiação, que se fez do auditório do Instituto La-Fayette, que a nossa objetivação abrangeu os aspectos que aqui figuram. À ESQUERDA — Grupo de alunos que tomaram parte no programa, que muito agradou; vê-se entre os mesmos o dr. Jacques Salles, representante da Caixa Econômica, o professor La-Fayette Côrtes e os professores (cursos clássico e científico), na peça radiofônica de



A economia particular coopera no esforço de guerra



Do Norte ao Sul e do Litoral ao Interior, numa compreensão exata de dever patriótico, os brasileiros estão adquirindo Obrigações de Guerra.

Em afirmação inequívoca de inteiro apoio ao Governo e às Forças Armadas do País, que lutam ao lado das Nações Unidas para salvaguarda dos princípios democráticos e restauração do Direito nas relações internacionais, os filhos do Brasil, sem distinção de classes, desde o modesto operário ao abastado industrial, — todos cooperam.

A fotografia acima focaliza a Gerência do Banco do Brasil em São Paulo, no momento em que era ultimada, pela Caixa Geral de Empréstimos, uma compra de Obrigações de Guerra, no valor de quinhentos mil cruzeiros. Nela vemos os srs. Ruy Dantas Bacellar, Gerente do Banco do Brasil; Izalco Sardenberg, Sub-Gerente; Flavio De- lamare Nogueira da Gama, Chefe da Seção de Bonus de Guerra; Maurice Demolein, Diretor-Geral da Caixa Geral de Empréstimos; Paulo Toledo Tomassini, Procurador da mesma Caixa; e outros funcionários do Banco do Brasil, encerrando uma das muitas transações diárias que constituem largos passos a caminho da vitória.

Homenagem das classes conservadoras ao sr. Pedro Brando



Transcorrendo no dia 4 do corrente o aniversário natalício do Sr. Pedro Brando, superintendente da Organização Henrique Lage, os seus amigos e admiradores ofereceram-lhe um almoço, que teve lugar na Associação Comercial e ao qual compareceram os elementos mais destacados do mundo político, econômico, financeiro e jornalístico.

A foto que aqui reproduzimos fixa um aspecto da mesa, quando falava o Sr. Pedro Brando, agradecendo a homenagem que lhe era prestada pelas classes conservadoras.



O JOCKEY CLUB Murdano

Reproduzimos nesta pagina cinco instantaneos obtidos pela reportagem fotografica da REVISTA DA SEMANA durante o "meeting" turfistico de domingo ultimo na Hipodromo da Gavea. Por eles o leitor pode ter uma ideia do que foi esta parada de distincão e elegancia, na qual não faltou o entusiasmo esportivo dos aficionados do turf que assistiram ao desenrolar das carreiras, todas elas cheias de lances imprevistos e emocionantes.



A DINAMARCA SE REBELA



RIBBENTROP COMUNICA aos correspondentes dos jornais neutros em Berlim a agressão do Reich à Dinamarca e à Noruega.

País peninsular e de ilhas numerosas, ocupando uma área de 41.300 m², área essa que foi acrescida depois da grande guerra com a volta ao seu domínio do Schleswig-Holstein, até essa época em poder dos alemães, a Dinamarca com seus 3.500.000 habitantes acaba de rebelar-se contra o jugo dos prussianos.

O rei Cristiano abdicou e todos os membros do governo dinamarquês se demitiram. A situação é considerada gravíssima, estando toda a população e os membros das forças armadas em franca revolta contra o exército de ocupação. As forças navais dinamarquesas afundaram os seus navios para que deles não se servisse o inimigo.

Quando soar a hora sagrada da libertação os dinamarqueses se levantarão por certo, formando ao lado das Nações Unidas, para vingar a pátria conspurcada pela ocupação nazista.

Enquanto aguardam o momento propício os patriotas aumentam a resistência e a onda de sabotagem cresce transformando todo o território do país num objetivo potencial dentro do plano de invasão dos aliados.



O REI CRISTIANO DA DINAMARCA faz seu primeiro passeio através de Copenhague ocupada.



NO CAIS DE COPENHAGUE, por ocasião do desembarque de tropas alemãs, ciclistas armados estabelecem um cordão de isolamento.

UMA GRANDE INDUSTRIA



Dinamicos, devotados, empreendedores, os diretores da grande empresa brasileira, Drs. Galeno Gomes e Newton Tatsch não se limitam ao trabalho de gabinete. Estão sempre em todas as seções, nas oficinas, na fábrica, vigilantes, animando com a sua presença e o exemplo do seu entusiasmo o punhado de brasileiros que, na Casa Lohner, trabalham no esforço de guerra da nossa Patria. Este instante surpreendeu os Drs. Galeno Gomes e Newton Tatsch em plena atividade, no seu trabalho da inspeção diaria.

novos metodos de trabalho dentro de um espirito de sadio e objetivo nacionalismo. Renacionalisaram-na totalmente. E' com justo orgulho pois que, o Brasil assiste a esta arrancada nova da grande empresa que, enquadrada no nosso esforço de guerra, constitue sem duvida uma garantia do exito proximo da nossa Patria, em face da Vitoria dos Aliados.

O acervo de serviços prestados pela Casa Lohner á coletividade nacional é enorme. Mantem, em quase todas as capitais estaduais, bem instaladas filiais, com as respectivas oficinas de concerto e conservação, alem de numerosas agencias nas cidades menores do interior.

Através essa enorme e bem organizada rede comercial, o publico brasileiro se beneficia com um ótimo serviço especializado, capaz, util e de comprovada eficiencia.

Tudo que é necessario para a instalação de hospitais, clinicas, institutos fisioterapeuticos de quaisquer especies, as Fabricas Lohner produzem em grande escala e com prestesa.

Agora mesmo, o Exercito Nacional, a Marinha e a Aeronautica, através de seus serviços de saúde, se suprem em grande parte da produção vertiginosa e continua das Fabricas Lohner.

E' esse espetaculo uma lição pratica da eficiencia da propria industria brasileira que, engajada na guerra, contribue para a melhor equipagem das nossas gloriosas forças armadas.

E no dia da Vitoria, os soldados da retaguarda e entre eles os operarios, os cooperadores, os técnicos da Casa Lohner, tambem terão o orgulho de haver cumprido o seu dever de patriotismo, tal como os herois da frente de batalha!

Ha poucos anos atrás, aparelhos dessa natureza vinham do estrangeiro. Nada se fabricava no Brasil. Hoje, tudo é feito entre nós, com materia prima nacional e engenheiros, técnicos e operarios nacionais. E o pioneiro da industria de aparelhagem de electricidade medica, cirurgia e fisioterapia é a Casa Lohner que, vanguardando o progresso, vale para o Brasil, como marco intemerato de nossa independencia industrial e economica. A fotografia no extremo é eloquente e fala por si mesma, revelando aos brasileiros um conjunto de aparelhos de alta e custosa fabricação.

A industrialização do Brasil é a preocupação maxima do Governo Nacional e do Presidente Getúlio Vargas.

Como si o Paiz fosse de improviso solicitado a esforços sobrehumanos, estamos vivendo a hora febril da maquina e da fabrica, do técnico e do industrial.

A grande industria emerge de suas matrizes e por toda a parte do territorio nacional surgem as usinas, os diques, as fabricas, num trabalho revolucionario que ha de nos libertar, definitivamente, da epoca agro-pecuaria em que temos vivido, desde as origens da nacionalidade.

E com a instalação da era da industria, já surgem dentro dela as especializações que, em ultima analise, constituem a riqueza e o esplendor de uma Nação com capacidade creadora.

Pioneira dessa tarefa renovadora e entrozada nesse espirito de brasilidade, está a Casa Lohner que, com suas fabricas e oficinas tecnicas, já constitue no Brasil uma grande unidade de produção do nosso parque industrial, especializada no genero de electricidade medica e aparelhagem de cirurgia e odontologia.

Tudo nessa grande empresa, direção, materia prima, técnicos e operarios é genuinamente nacional o que põe em relevo o espirito construtivo e creador do homem brasileiro.

Ha vinte anos fundada por um medico suiso, a Casa Lohner foi, recentemente, adquirida por dois illustres medicos patricios, Dr. Galeno Gomes e Dr. Newton Tatsch, que lhe deram



A SERVIÇO DO BRASIL

COMO A CASA LOHNER
SE ENQUADRA NO
NOSSO ESFORÇO
DE GUERRA

A' esquerda:

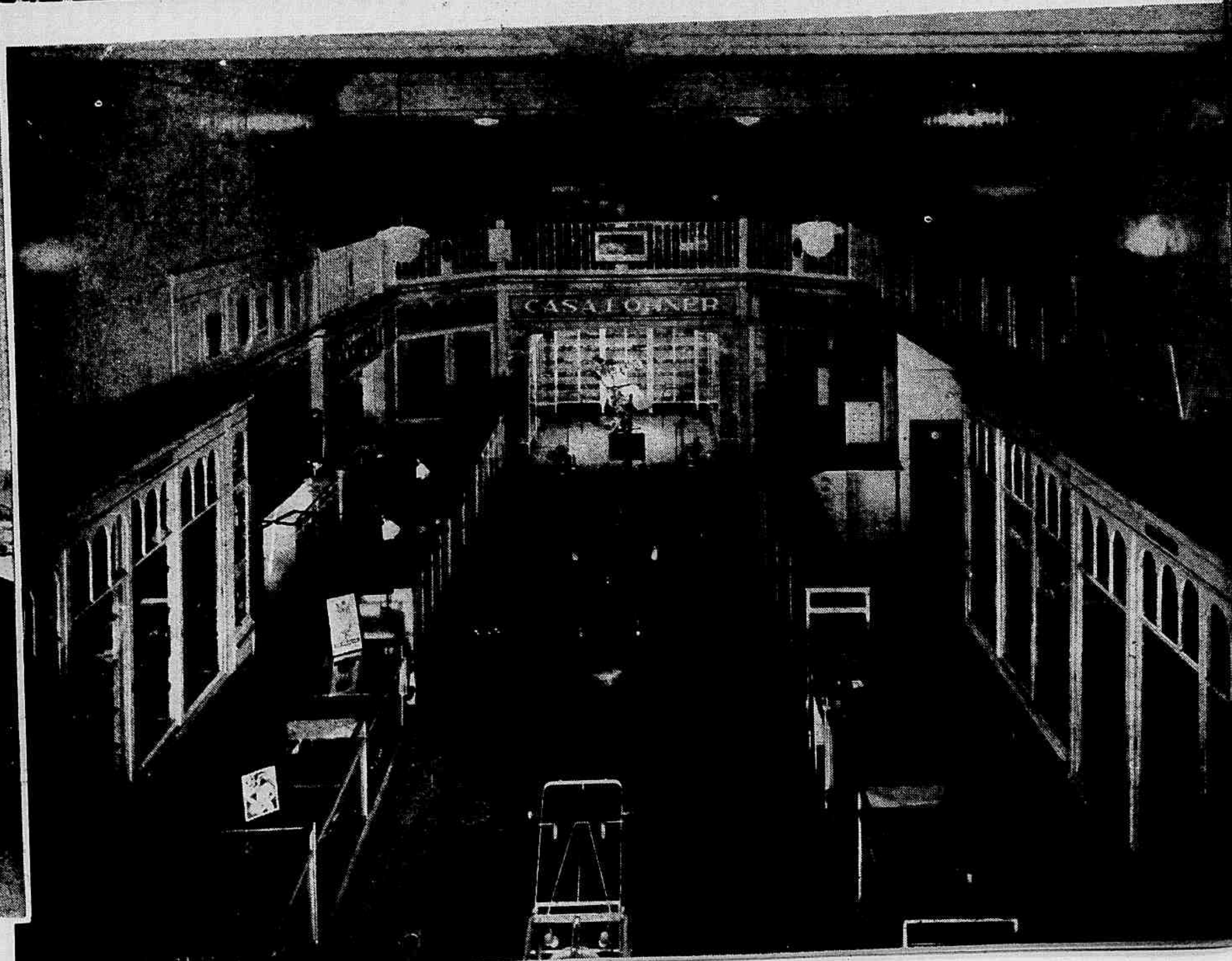
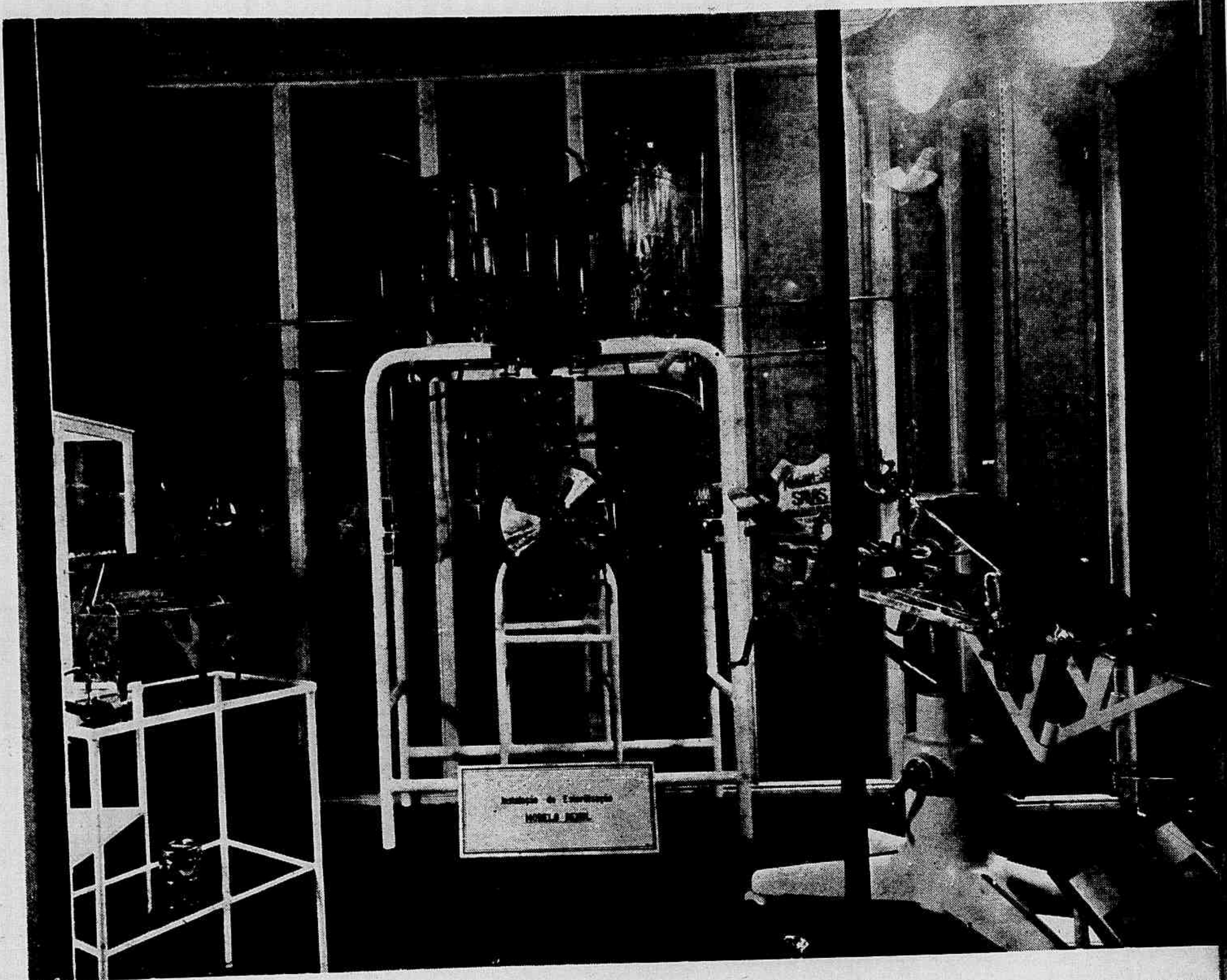
O ultimo modelo do aparelho de Radiografia sistema Dr. Manoel de Abreu, feito pelas Fabricas Lohner com exclusividade de patente. Este aparelho, que revolucionou o mundo medico, constitui uma grande conquista da ciencia brasileira, pois veio permitir o estudo toraxico de grandes multidões, com economia de tempo e de custo, sem prejuizo de eficiencia. Adotado em todos os países civilizados, o sistema Dr. Manoel de Abreu, na verdade, marca uma etapa evolutiva na vida da Radiologia. Para os países do Prata e para varios outros do Hemisferio Americano, a Casa Lohner envia, a meude, esses delicados aparelhos, que vão atestar, além fronteiras, a capacidade técnica da nossa industria especializada. Essa é, sem duvida, a verdadeira propaganda de que carece o Brasil e na qual a grande empresa nacional se empenha com todo o seu esforço e com todo o seu espirito de brasilidade. Iguais a este aparelho, existem muitos, montados em caminhões e em lanchas que percorrem o Alto e Baixo Amazonas, além de um que acaba de ser recentemente instalado em um "wagon" da Leopoldina Railway para atender ao serviço de recenseamento toraxico da população de toda a Zona da Mata, no Estado de Minas Gerais.

A' direita, em baixo:

Uma filial da Casa Lohner. Iguais a esta, existem muitas no Brasil. Esse esforço, essa preocupação de dotar as suas filiais de todos os recursos e da sobriedade elegante e necessaria ao seu genero de comercio, caracteriza a conduta invariavel da grande Empresa nacional que, hoje, é verdadeiramente um patrimonio do nosso País. Esta foto fixa um aspecto das secções de venda de uma filial da Casa Lohner.

Em baixo:

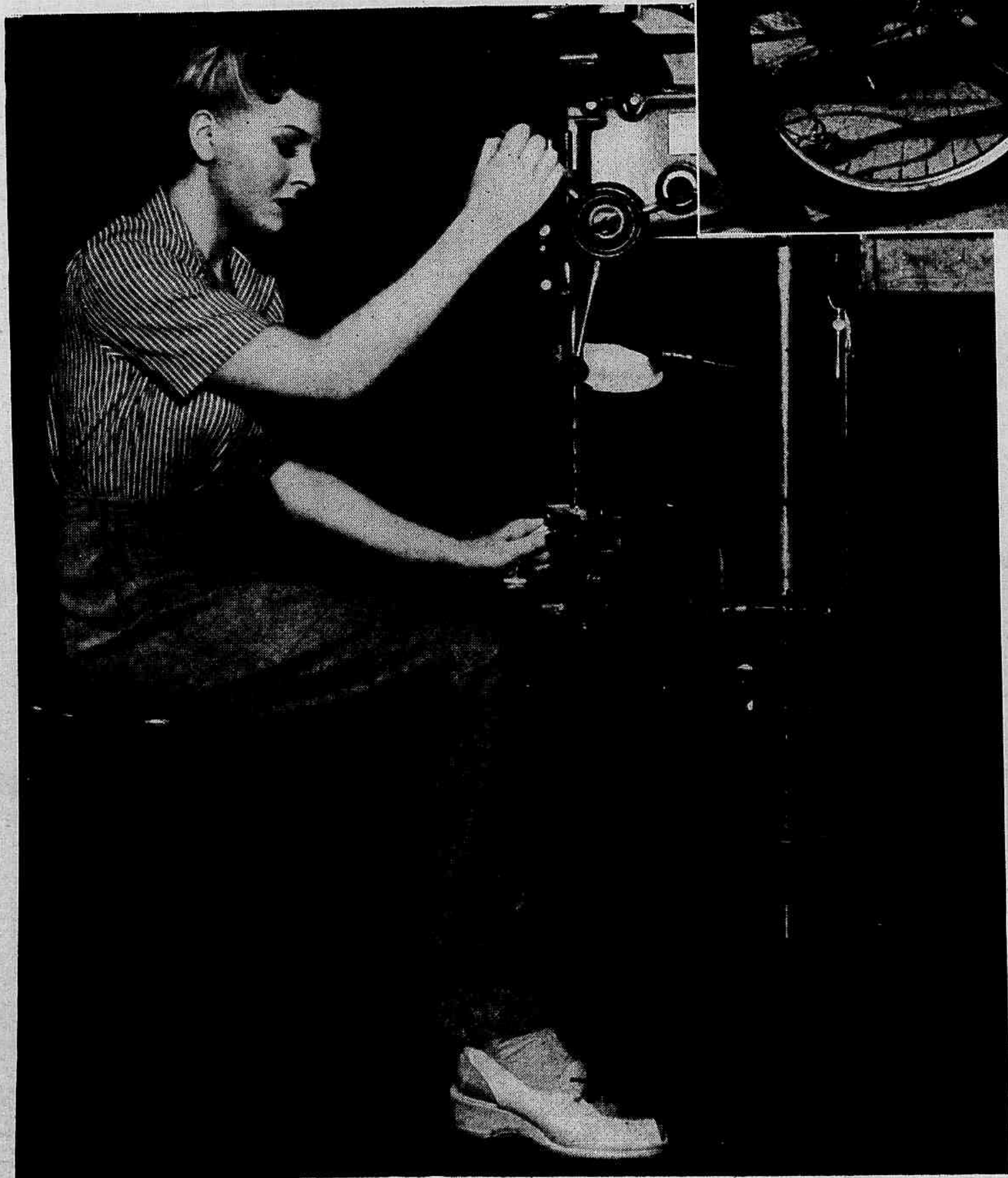
Uma vista parcial da gigantesca capacidade realizadora das Fabricas Lohner, em São Paulo. São "equipes" odontologicas do ultimo modelo, juntas para ser enviadas para todos os recantos do Brasil, como uma demonstração objetiva e eficiente da capacidade realizadora do homem brasileiro, no mundo da industria.



F
O
T
O
S

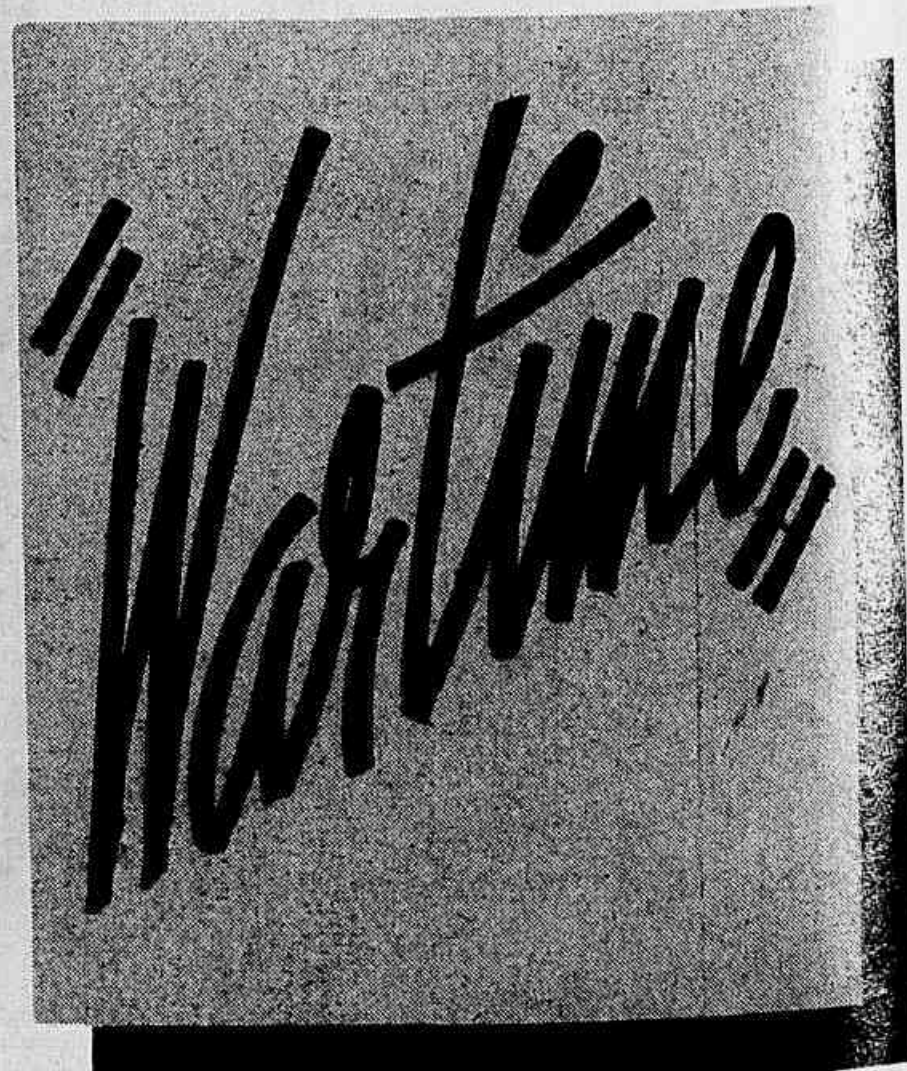
D
A

U
N
I
V
E
R
S
A
L



O racionamento dos tecidos a favor da super-produção bélica exige a simplificação do vestuário e a consequente adaptação do mesmo, aos trabalhos de guerra. Daí o uso dos *slacks* nos grandes centros produtores. Evelyn Ankers também contribui para a vitória das nações unidas, quer trabalhando nas oficinas ou substituindo o automóvel pela bicicleta.

Quanto a Jane Freeze (que boa vida, hein?) também adota as calças compridas mas...de fino tropical havaiana que, combinando com a blusinha e os sapatos, fizeram um sucesso louco em Miami.



Noturno

Observando essas duas fotos, ficamos sem saber o que mais admirar: se a inspiração dos figurinistas ou se a prodigiosa imaginação do fabricante de tecidos dos nossos dias.

Sim, porque esta belíssima fazenda com "estrelinhas" ou "quadrados" de cristal oferece o mesmo climax artístico que nos vem quando ouvimos um noturno de Chopin executado por mãos de mestre numa noite espectral.

Quer Deanna Durbin (Universal) em blanc et noir como Irene Hervez (Universal) brilhando através da sua beleza e dos seus diamantes, surgem como duas das mais belas aparições, possivelmente entrevisas por Shakespeare no seu "sonho de uma noite de verão"...



Premunícios

(Por SUSAN — FOTOS DE TOM SHERE)

Setembro chegou... e, com ele, vem a primavera... Árvores e jardins recobrem-se de flores e talvez o ar, impregnado de perfumes sutis, seja o causador da enfermidade tão difundida no mundo inteiro que alguns cientistas denominaram *spring fever*...

Spring Fever é uma espécie de mal de amor: uma doença que, em geral acomete a mocidade e, não raro, conduz ao altar. Por isso mesmo as igrejas apresentam-se festivas, iluminadas e os fiéis escutam, inúmeras vezes ao entardecer, os primeiros compassos da Marcha Nupcial de Mendelssohn na estranha sonoridade do órgão e do violino.

Setembro chegou e, com ele, vieram cartas das



Vestido em *marquise* e rendas cujo decote permite aparecer o *clip* de diamantes num fio de platina, oferecido pelo noivo. No catelo, prendendo o véu, duas verdadeiras margaridas africanas. O vestido de *demoiselle d'honneur*, combinando com o feitiço do vestido da noiva, é executado em *chiffon* rosa. *Bouquet* de margaridas africanas.

Vestido em *voile* suíço com *pois* bordados. O corpete em estilo basco é enfeitado com babados de renda engomados que combinam também com os babadinhos do toucado. Este conjunto é uma reminiscência dos dias dos nossos avós.



Primavera

noivas de todo o Brasil — mensagens amáveis com um pedido encantador:

"Susan, você poderia publicar nas suas páginas alguns modelos para noivas? Com a guerra é tão difícil obter figurinos, não?"

Certamente, noivas da primavera! Mas talvez, quem sabe? a amiga Susan seja um tanto mágica. Por isso e com a promessa de publicar outros conjuntos para o *wedding day* nos três números subsequentes, apresento essas *fotos* que ainda me humedecem as mãos de tão recentes — enviadas como exclusivas para REVISTA DA SEMANA pelos grandes costureiros novayorkinos.



Belíssimo conjunto em rendas, com ligeiro decore feito para mostrar a tradicional cruz de brilhantes. Não tem cauda, mas a riqueza do material e a elegante simplicidade do feitiço garantem um resultado excepcional. A *demoiselle* aparece em *marquissette* com mangas e corpete de renda. O *bouquet* é de boca de leão.



Em *organdi* enfeitado com *eyelet*. Vêu de *organdi* até os ombros e mangas *bouffantes* compridas, justas nos pulsos.





Uma de luvas pretas e outra de luvas brancas. Mas todas duas prontinhas para sair, com vestidos estampados e chapéus de palha. Deanna Durbin (Universal) num modelo de duas peças e Alexis Smith (Warner) com elegantíssimo vestido de saia franzida. Dos chapéus, nem se fala : são verdadeiras obras primas. E agora, quem é que pode com a vida dessas garotas ?

Dois garotas de estampado



POR
Lucienne
de
Paris

HA dias recebi uma carta de Michele na qual me informava que, numa sensacional reportagem levada a efeito pelo *New York Magazine*, Sophie Gimbel — uma das grandes ditadoras da moda do U. S. A. — declarara textualmente: “Embora pensando nas restrições naturais que a guerra impõe, oponho-me a uma tendência qual seja a dos vestidos curtos e decotados para a noite.

Nenhuma das mulheres verdadeiramente ele-



No teatro da moda

gantes gostaria de mostrar, a um só tempo, os ombros e os joelhos.”

E, positivamente, Sophie Gimbel está com a razão.

Todos nos lembramos perfeitamente bem do terrível estilo que originou os vestidos de *post 1918* e culminou na ridícula figura da *melindrosa* de 1927. A *melindrosa* de cabelos cortados *à l'homme*, saias curtíssimas e cintura comprida, de andar saltitante e campeã do *charleston*, que fumava em longas piteiras e pintava os lábios em forma de *coeur*, era bem o reflexo da confusão e do desajustamento, da loucura da guerra e da crise financeira de Wall Street.

Porisso mesmo fugia ao equilíbrio e andava muito distante dos domínios da Elegância.

Portanto não vamos pecar pelos extremos aceitando outra vez essa *tendência* dos vestidos curtos e decotadíssimos, simultaneamente.

Repare, por exemplo, esses modelos de Maria Montez (Selvagem Branca). O rosa, em tafetá e crepe *rayon* com original saia franzida e o lilás — evocação do crepúsculo sobre jardins mediterrâneos — e oponha, a esses, um vestido de noite curto e decotado.

Depois, responda sinceramente: você teria coragem de preferir este último?

O Lar e o problema do living-room



Se não me engano, Oscar Wilde afirmou que a Arte é um produto da ociosidade. Mas da ociosidade de quem artista, é claro.

Entretanto se, nas suas horas de lazer você não pode criar obras de arte, pelo menos deve preparar, para o seu ócio, um ambiente artístico.

Uma estante com bons livros (estes que a gente relê sempre com a mesma emoção), uma escrivaninha para a sua correspondência, um rádio, um pequeno bar combinando com poltronas confortáveis e fina tapeçaria, eis um living-room perfeito.

Anita Louise, a leura estrela das mãos esculturais, resolveu o problema de maneira notável dentro do conceito moderno e de um estilo misto anglo-americano.

Repare a elegante simplicidade das cortinas na poltrona em selim listrado grenat e bege, o sofá em tecido gobelin estampado, tudo disposto maravilhosamente.

E agora, amigo, confesse: você não precisa redecorar o seu living?

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MÓVEIS AVISOS - NEM FISCALIS

AS FLÔRES DE GLAIS

Conto do poeta provençal FRÉDÉRIC MISTRAL

Por uma linda tarde, na estação da colheita do trigo — ainda eu usava saias, contava quatro ou cinco anos — depois de bem me haver reboiado, como tanto gostam as crianças, sobre a palha nova, fui me encaminhando, sozinho, para a ribanceira.

Já, dias antes, as belas flôres de glais tinham começado a aparecer; e não me saía da cabeça a idéia de ir colher alguns daqueles adoráveis ramos de ouro.

Chego à ribanceira. Devagarinho, vou descendo até à beira d'água. Estendo a mão para agarrar as flôres... Como, porém, elas estejam um pouco longe, debruço-me, adiantando o corpo e catrapús! fico com água até ao pescoço.

Grito. Acode minha mãe, que me tira do ribeiro, me dá algumas boas palmadas, me faz marchar, encharcado como um marreco, até casa.

— E tu que volles para a ribanceira, grande maroto!

— Ia colher umas flôres de glais...

— Pois sim! Repete a travessura e eu te darei as flôres de glais, meu patife! O que tu não sabes é que está lá uma cobra escondida nas ervas e que tanto pega os pássaros como os pequenos da tua idade...

Tirou-me os sapatinhos, as meias, a blusa; e, para dar tempo a que a roupa e o calçado secassem, vestiu-me o fato de dormir, dizendo:

— Agora, vê lá... Toma bem cuidado para não te sujares.

Volto à eira; dou mais algumas cambalhotas na palha cortada de fresco; avisto uma borboleta que vai dansando na luz... Corro atrás dela. Os meus cabelos flutuam ao vento, fugindo por baixo do boné... E bumba, lá estou eu outra vez na ribanceira!

As lindas flôres amarelas... Parecem chamar por mim, dentro d'água... E vai a coisa a ponto que não posso resistir. Desço devagarinho até junto da corrente; abalo-me, estendo o braço alongo o corpo... e, catrapús, no charcol!

Ai, ai, ai! Ao redor de mim, vejo a água ondear, borbulhar. Penso nas cobras de que minha mãe me falou; julgo até ver algumas, coleando ao lume d'água... Nesse momento, alguém grita na eira:

— Minh'amal! Venha depressa! Parece que o menino tornou a cair no ribeiro!

Minha mãe acode logo, tira-me, todo negro, do lodo fedorento e, antes de mais nada, zás! trás! trás! uma série de palmadas que se não de ouvir a distância:

— Toma! Toma! Ainda queres voltar às flôres de glais? Vejam, uma roupa nova, novinha, em que estado ele a pôs! Monstro! Ainda acabas matando-me de desgostos, bandido!

Volto para casa chorando, de cabeça baixa. Despem-me de novo: e agora é o vestuário dos grandes dias, dos dias de festa. Que beleza! Ainda o estou vendo, de veludo negro, às listas, com enfeites que parecem de ouro.

Uma vez vestido, pergunto a minha mãe:

— E agora? Que vou eu fazer?

— Vai guardar as galinhas... responde ela — para evitar que vão para a eira. E cuidado contigo, hein? Fica do lado da sombra, que é melhor.

Cheio de solicitude, corro para as galinhas que rondam em volta do trigo, bicando alguma espiga que o ancinho tenha deixado para trás. Eis, porém, que uma franga, das de poupa — coisa mais engraçada — desata a perseguir — sabem o que? — um gafanhoto, dos que tem asas vermelhas e azues... Lá vamos os três saltando por ali fora, eu com uma vontade doida de ver de perto o gafanhoto — até que chegamos à ribanceira.

E as flôres lá estão, mirando-se n'água e ao mesmo tempo me chamando... Sinto uma vontade louca de as apanhar. Tão louca que esqueço os dois merquinhos e as palmadas que elas me custaram.

— Ah, mas desta vez... a mim mesmo me asseguro — não hei de cair! Não hei de cair!

Desço o barranco com mil cautelas; agarro-me bem a um pé de junco; e é com a maior prudência que me inclino, estendo o outro braço, avanço com a mão para as flôres de glais... Mas nisto, que desgraça! quebra-se o junco; e caio de cabeça para baixo no ribeiro. Ergo-me como posso, grito com quantas guelas tenho. Toda a gente que trabalha na eira e na terra acode, alvoroçada.

— E' ainda este diabrete que cá na ribeira. Espera um pouco e vais ver o que tua mãe te faz!

Pois não, senhores. Minha mãe vem correndo, mas sem nenhuma vontade de me bater:

— Meu Deus do Céu! Talvez ainda fosse pior tê-lo castigado. Este menino não é como os outros. Ninguém pode com ele. Quando se lhe mete uma coisa na cabeça tem que ser por força. Perde quanto brinquedo lhe dêem. Não há meio de o fazerem ficar socegado. Tem a mania de andar pelos campos, apanhando flôres... Que se lhe há de fazer? A terceira roupa que lhe visto hoje... E olhem para isto! Três vezes num dia! E ainda graças a Deus que não se afogou!

Voltamos para casa chorando ambos. Mais uma vez a santa criatura me despe, me enxuga o melhor que pode. Depois, com medo da alguma doença, por causa dos sutos que apanhei, fez-me tomar uma colherada de remédio para as lombrigas. E aconchega-

Continua na pag. 52

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS em português DOS EE.UU. PARA O BRASIL

Transmitindo simultaneamente das seguintes estações:

WCBX - 17.83 Mgs. (Faixa de 16 ms.) das 18.00 às 20.45 ★
" " 9.49 " (Faixa de 31 ") das 21.00 às 24.30
WRCA - 15.15 " (Faixa de 19 ") das 18.00 às 24.30 ★
WGEA - 11.85 " (Faixa de 25 ") das 18.00 às 24.30

Domingo
18:00 Sintonia de NBC
18:15 O Mundo Hoje
18:30 Resumo dos Programas
19:15 Melodias de Broadway
19:30 A Vida em Hollywood
19:45 Seleções de Óperas
20:00 Rádio Jornal
20:15 Salão de Concerto
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:09 Música de André
21:15 Música de André
21:45 Bandas Militares
22:00 Notícias
22:15 Oligo Coelho e Trio Chorro Gil
22:30 Renaldo Henriques e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Orquestra de Nova York
23:30 Resumo das Notícias
00:00 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Segunda
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Vozes Famosas
18:45 Sintonia Tropical
19:00 Notícias
19:15 Seleções de Ópera
19:45 Dinah Shore - canções
20:00 Rádio Jornal
20:15 Contrastes Musicais
20:30 Aviação Americana
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Concertos de Jazz
22:00 Notícias
22:15 Eileen Farrell e a Orq. de CBS
22:30 Renaldo Henriques e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:30 Música de Manhattan
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Quarteto Golden Gate
00:30 Encerramento

Terça
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Canções das Nações Unidas
18:45 Resenha Literária
19:00 Notícias
19:15 Chopiniana
19:30 Conheça Nova York
20:00 Rádio Jornal
20:15 Enoch Light e sua Orquestra
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias Desportivas
21:45 Música por Tucci
22:00 Notícias
22:05 André Kostelanetz e sua Orquestra
22:30 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Trio Chorro Gil
23:30 A Ópera Municipal de St. Louis
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra Panamericana
00:30 Encerramento

Quarta
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Vozes Famosas
18:45 Sintonia Tropical
19:00 Notícias
19:15 Seleções de Ópera
19:45 Dinah Shore - canções
20:00 Rádio Jornal
20:15 Contrastes Musicais
20:30 Aviação Americana
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Concertos de Jazz
22:00 Notícias
22:15 Eileen Farrell e a Orq. de CBS
22:30 Renaldo Henriques e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:30 Música de Manhattan
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Quarteto Golden Gate
00:30 Encerramento

Quinta
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 O Clube do Swing
18:30 Música Norte Americana
19:00 Notícias
19:15 Orquestra "Tops" de Boston
20:00 Rádio Jornal
20:15 Enoch Light e sua Orquestra
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias Culturais por Gaspar Coelho
21:45 A América do Norte Canta
22:00 Notícias
22:15 Oligo Coelho
22:30 Eva Garza, Trio Chorro Gil e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Trio Chorro Gil
23:30 Banda da Marinha dos EE. UU.
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Sexta
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Momento Musical
18:45 Revista Cultural
19:00 Notícias
19:15 Música do Novo Mundo
19:45 Música de Dança
20:00 Rádio Jornal
20:15 A Página Feminina
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Cartas em Revistas
21:45 Alma de Minha Pátria
22:00 Notícias
22:05 Pelos Sendeiros da Música
22:30 Comentário
22:35 R. Henriquez e Orq. Panamer.
23:00 Notícias
23:15 Trio Chorro Gil
23:30 Orq. de Concertos CBS e Solistas
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Paul Barron
00:30 Encerramento

Sábado
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Resumo dos Programas e Notícias
18:45 Oração de Alfred Wallenstein
19:00 Notícias
19:15 Chopiniana
19:30 Música Popular
20:00 Rádio Jornal
20:15 Caravana Tropical
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Bandas Militares
22:00 Notícias ou Comentário
22:45 R. Henriquez e Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Orquestra de Variedades
23:30 Música de Hoje e Ontem
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Harry James
00:30 Encerramento

TRANSMISSÕES EM "ONDAS DIRIGIDAS" PARA O BRASIL.

As 10 estrelas e a ginástica

Entre as dez regras preconizadas por cientistas americanos para a conservação da saúde e da beleza durante a primavera e o verão, está a de meia hora de exercício ao ar livre, todos os dias.

As estrelas de Hollywood, para conservarem a elegância e a juventude do corpo, seguem-na religiosamente. E Ann Gwynne (*Universal*) como não quer perder seu prestígio de pequena do "outro mundo" demonstra, na plenitude de suas formas, a eficácia da medida.



PERGUNTE às Sras. de bom gosto...

NÃO causa inveja a mulher sedutora? A mulher que sempre se veste com bom gosto — que nunca deixa de parecer sadia e encantadora, em qualquer situação — e que traz sempre consigo a impressão indescritível de bem estar? Observe-a atentamente. Verá que o cuidado esmeroso dos dentes é uma de suas primeiras preocupações. O brilho natural de dentes como pérolas, em gengivas rosadas e saudáveis, torna possível esse sorriso radiante — realça a personalidade e o encanto! E' por isso que tantas mulhe-

res inteligentes usam o Creme Dental Squibb. Elas adoram a maravilhosa sensação de frescor que lhes produz na boca. O hálito purifica-se, os dentes não só *parecem* mais limpos, mas, *estão* mais limpos. O Creme Dental Squibb passa por 100 rigorosas provas de pureza antes de ser posto à venda. Nada contém que possa arranhar o esmalte ou irritar as gengivas. É, também, feito com um eficaz *anti-ácido* — o Leite de Magnésia Squibb. Porque a senhora não experimenta este puro e delicioso dentífrico?

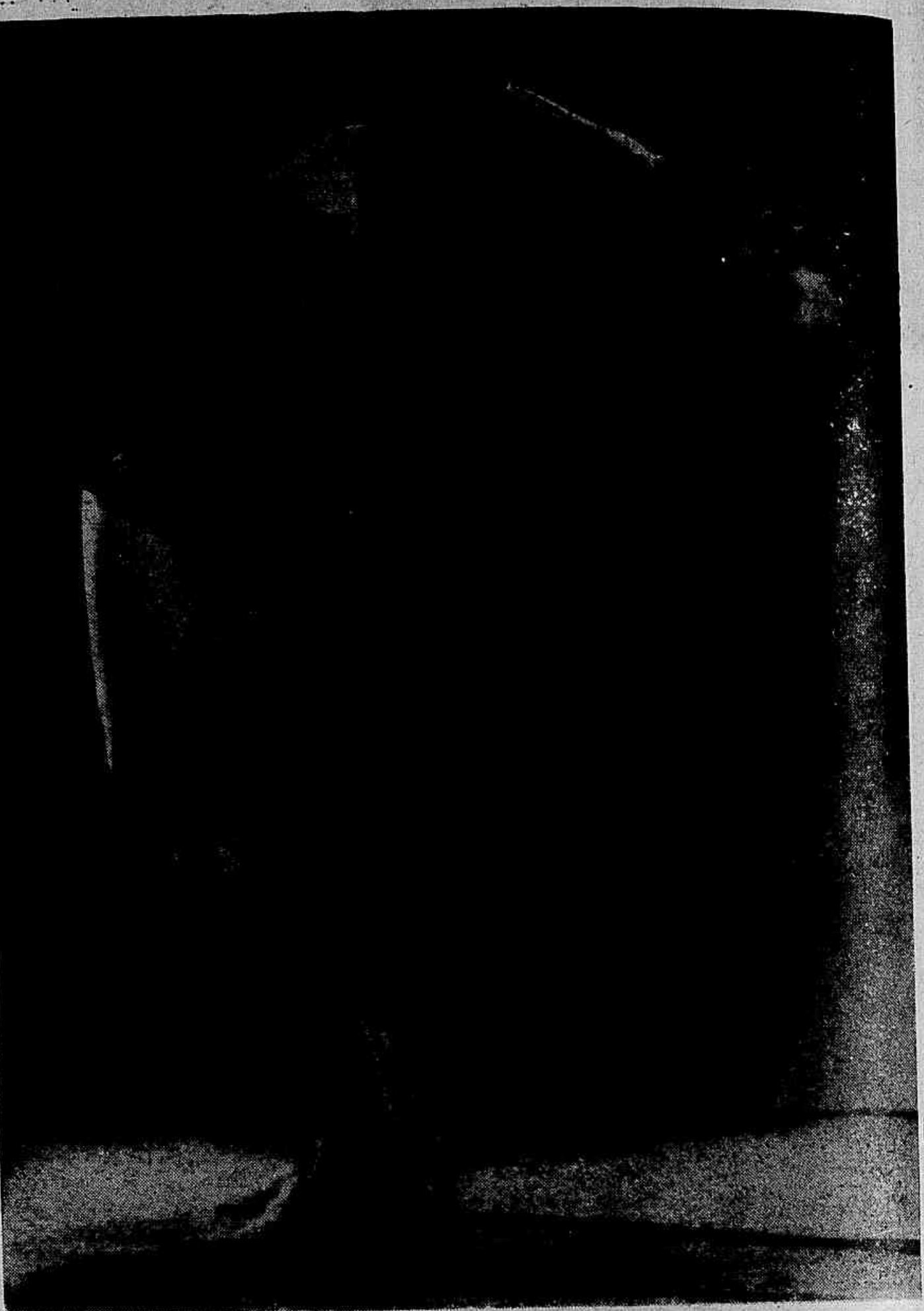
Creme Dental Squibb



ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios de mais alta qualidade — eficientes — duráveis.

TOOTHBRUSH





GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



DÔRES
de CABEÇA

TRANSPIROL

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

parecem dizer essas duas meninas. De fato, estão mesmo engraçadinhas; a primeira com um vestidinho de voile suíço bordado com pois e enfeitado com dois babadinhos e gola de rendas e a maiorzinha, num modelo em voile vermelho com pois branco e gola branca e redonda orlada de rendas. O avental é branco; com babados de taise.



Vão-se os últimos dias do inverno... A chuva fina, o vento frio e as manhãs nubladas serão substituídos pelo sol alegre e dourado de Setembro. As mulheres deixarão de parecer gatinhas friorentas para se converterem em sereias morenas incapazes de resistirem ao convite verde das águas mansas ou à terrível fascinação das praias que se estendem kilometros e kilometros na zona sul da "cidade maravilhosa".

Os costumes continuarão em grande moda mas com um caráter leve e tropical. Nos vestidos — mesmo os de *toilette* — existirão detalhes esportivos. E desta fase de transição é que GOULART apresenta seus modelos.

Vestidos e Peles
PASSEIO, 42

Lebelson Modas

Sempre Novidades
TELEFONE 22-4617



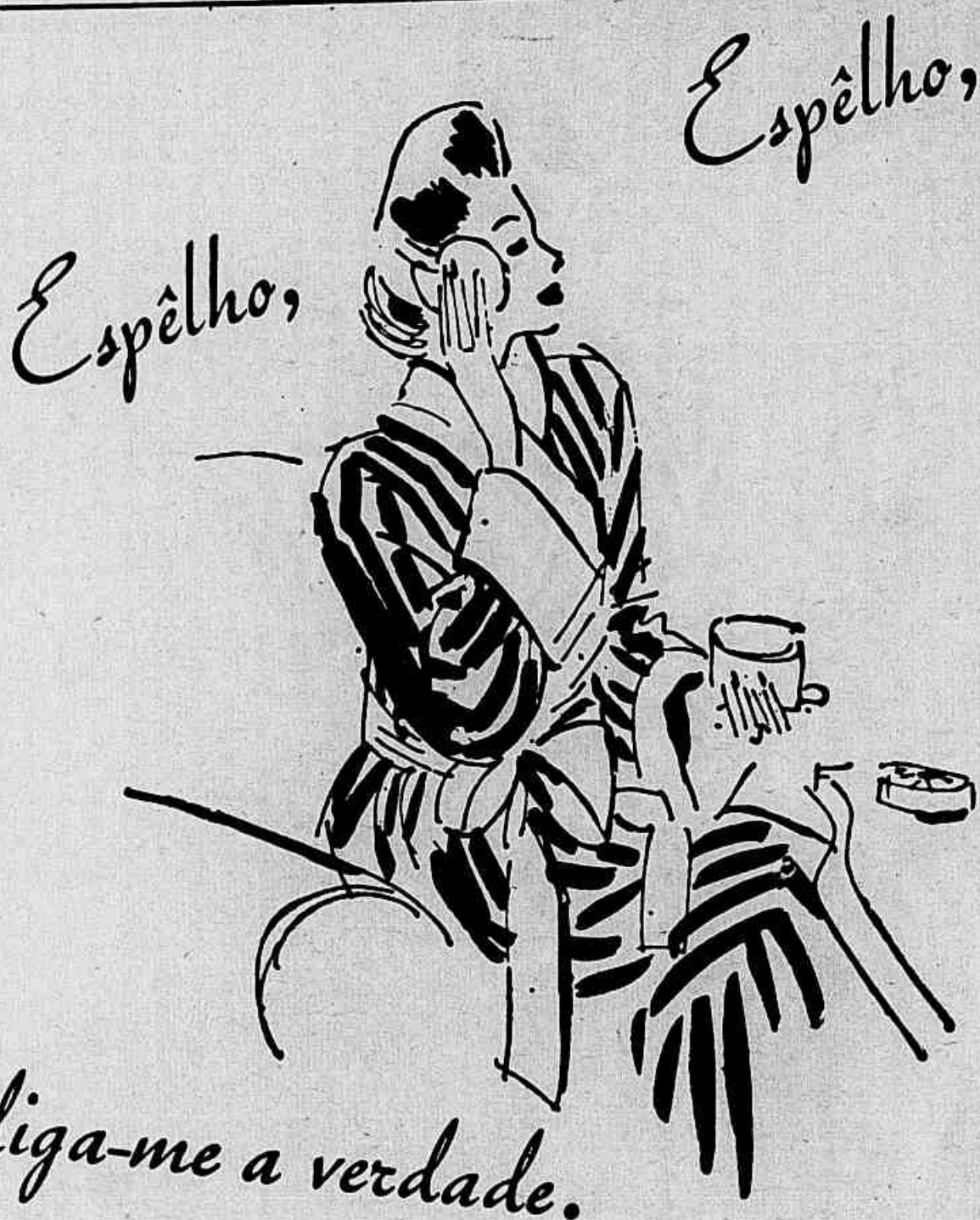
"Hoje comprei estes chapéus..."

Além um original de Hattie Carnegie com bolso para colocar lenços que combinam com o vestido. Em xadrez marron e branco, copa alta e abas enormes garante a proteção contra o sol e a beleza dos seus olhos, na sombra.

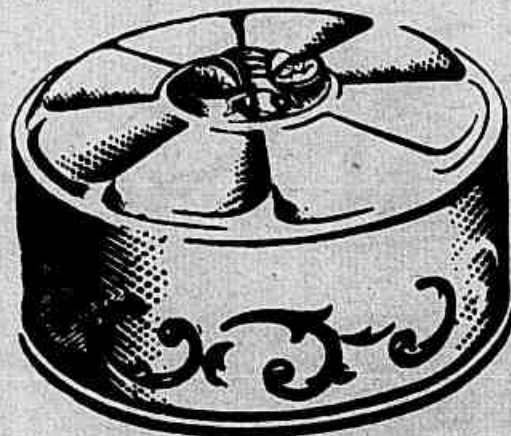


AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

Entretanto gostei mais deste modelo de O'Connell, em piqué branco com véu marinho, apanhado dos lados como asas e que tem a grande vantagem de poder ser usado com qualquer tipo de penteado.



Acaricie a sua cutis com pó de arroz Bond Street, de Yardley, e o seu espelho lhe dirá quanto você se torna adorável! Tonalidades tão sutis, de consistência tão encantadora e fina, misturam-se artisticamente com o seu colorido natural, dando-lhe um novo e admirável esplendor.



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Talco Lavender. Assim, veja se obtém o seu quinhão.

11 OLD BOND STREET - LONDON - ENGLAND

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO
iencarelli

Noticiário Elegante

ANIVERSARIOS

dia 11:

Senhora Carmelinda Hora Sche-
tino.

Senhorinhas: Nice Silva e Mano-
elita Machado Paim.

Senhores: prof. dr. Henrique Cas-
trioto; desembargador Auto Fortes e Hugo
Mosca, nosso colega de imprensa.

dia 12:

Senhorita Nair de Freitas Tinoco.
Senhores: general de divisão José
Pessoa Cavalcanti de Albuquerque; ge-
neral de brigada Colatino Marques; dr.
José Pires Rebelo e França e Silva.

dia 13:

Senhora Vindinha Aranha, espo-
sa do dr. Oswaldo Aranha, ministro das
Relações Exteriores.

Senhores: dr. Orlando Ribeiro de
Castro; João da Costa Ramos e Mauro
Barcelos, nossos colegas de imprensa.

dia 14:

Senhora Emilia Rocha, viúva do ge-
neral João Justiniano Rocha.

Senhores: dr. Antonio Wanderley
de Araujo Pinho; dr. Julio Brandão e
Paulo Guimarães.

dia 15:

Senhoras: Germaine Carvalho Aze-
vedo e Lidia Melichio Lourenço.

Senhores: prof. dr. Clementino Fra-
ga; dr. Yedo Fiúsa; Rubens Mota e mon-
senhor Gonçalves de Rezende.

dia 16:

Senhoras: Dulce Simões Sodré; Ma-
riana Horta Porto e Aurora Costa.

Senhores: capitão de corveta José
Paraguassu de Sá e dr. Artur Bernardes
Filho.

dia 17:

Senhora Carmela Leite Dutra, es-
posa do ministro Gaspar Dutra.

Senhores: dr. Henrique Dodsworth,
prefeito desta capital; dr. Jesuino de Al-
buquerque e dr. Luiz Correia e Castro.

CASAMENTOS

Realizou-se a 1 de Setembro o enlace
matrimonial da senhorinha Iza Gon-
çalves Cavalcanti de Albuquerque, filha
do falecido Dr. João Pessoa e de sua
esposa, D. Maria Luiza Gonçalves
Cavalcanti de Albuquerque, com o
Sr. Antonio Gurgel de Lima Valente,
filho do Sr. Argemiro Gurgel de Lima
Valente e de sua esposa, D. Julia Gur-
gel do Amaral Valente.

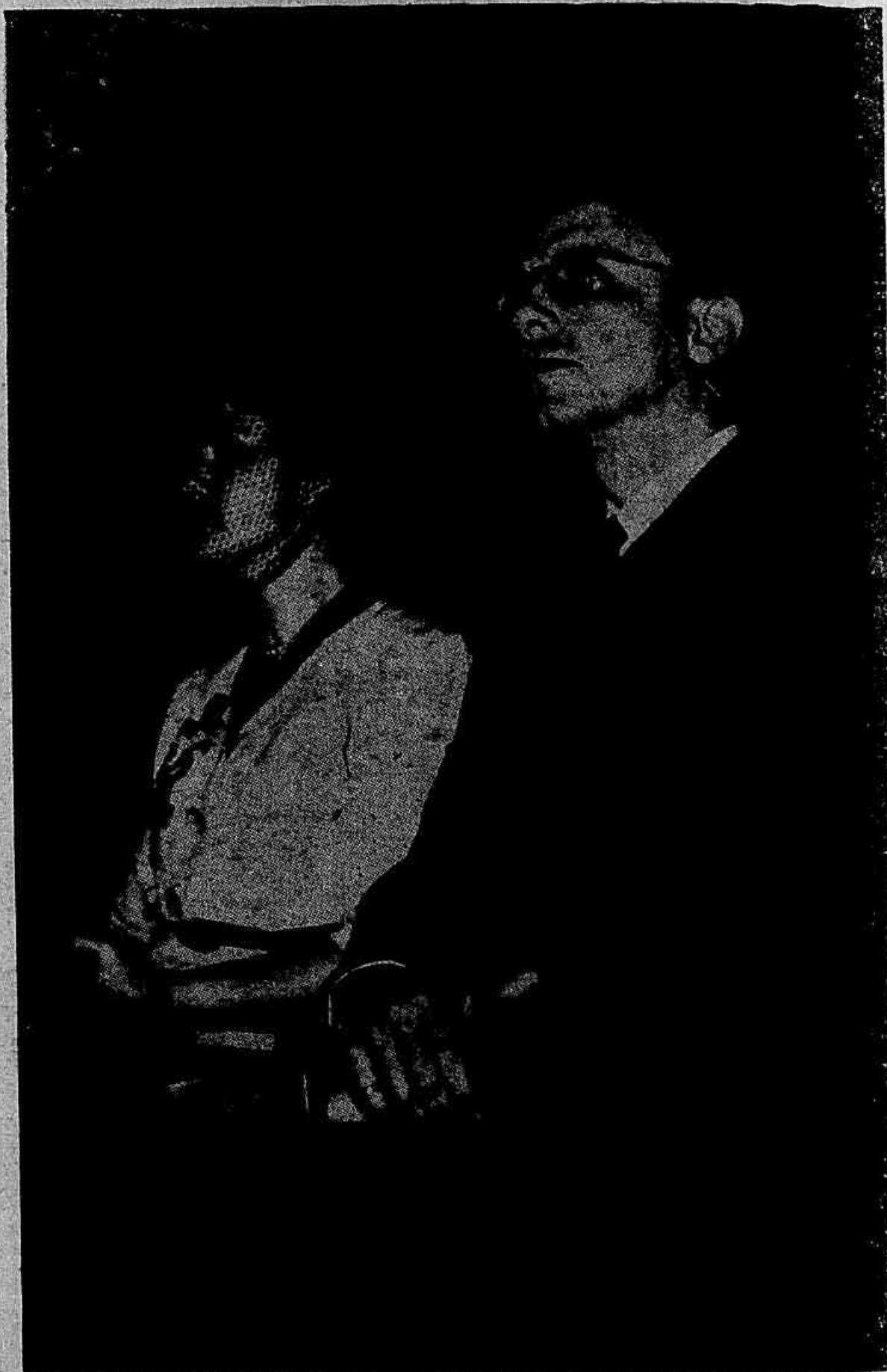
No ato civil, na residência da noiva,
foram testemunhas, por parte da noiva,
o Presidente da República, Sr. Dr.
Getulio Vargas, e sua esposa D. Darcy

Vargas e o Sr. Ministro Francisco
Tavares da Cunha Mello; e, por parte
do noivo, o Comandante Ernani do
Amaral Peixoto e sua esposa, D. Al-
zira Vargas do Amaral Peixoto e o Sr.
Ministro da Educação, Dr. Gustavo
Capinema.

No ato religioso, realizado na igreja
do Sagrado Coração de Jesus, à rua
Benjamim Constant, às 17.30 horas,

serviram como padrinhos da noiva sua
mãe, a viúva João Pessoa, e o Sr. Jório
Pessoa Cavalcanti de Albuquerque; e
do noivo, o Embaixador Dr. Luiz Ave-
lino Gurgel do Amaral e sua esposa D.
Daisy Lorena Gurgel do Amaral.

Após a cerimônia religiosa, na resi-
dência da viúva João Pessoa, os noivos
ofereceram uma recepção às pess-
as de suas relações.



BODAS DE PRATA. — O casal Amoroso Lima comemorou no dia 2 de agosto o 25.º aniversário de casamento. Em regosio por tão auspiciosa data fizeram celebrar missas em ação de graças, tendo comparecido à cerimônia elementos de grande destaque da nossa sociedade. Terminada a missa o casal Amoroso Lima recebeu em uma das salas da Igreja os cumprimentos dos seus amigos.

"Home, sweet home"

Irene Dunne (Metro) é bem um exemplo da esposa ideal.

Aquela que, ao lado da vaidade natural, cuida perfeitamente do conforto da sua casa e consegue o máximo de bem estar dentro de um sentido de economia que faria inveja a qualquer estudioso das doutrinas económicas. Seus objetos inseparáveis: a tesoura, o telefone (para encomendar as compras e marcar a hora da manicure), o caderninho de notas, os livros e um ambiente de limpeza e distinção. E agora respondam sinceramente, qualquer marido feliz, reconhecendo sua esposa através dessa fotografia não perguntaria como o poeta argentino: Para qué más se nosotros no podemos tener menos?"

Ai vão alguns conselhos para as boas esposas:

LIMPEZA E POLIMENTO DE MOVEIS — Duas vezes por ano sua mobília necessita de cuidados especiais — isto é, limpeza e polimento para restaurar a superfície. Uma das grandes autoridades de economia doméstica de Cornell arranhou uma fórmula ideal que dá à superfície envernizada um brilho de espelho. Misturam-se 2/3 de óleo de linhaça e 1/3 de terebentina numa vasilha de metal. Esta combinação serve



**Aparelhos
de jantar
Cristais e
artigos para
presentes**

Vendas
a
prazo

Mesbla

Rua do Passeio

**VISITEM NOSSAS
EXPOSIÇÕES INTERNAS**

simultaneamente para limpar a superfície entranhada e enriquecer a madeira com o brilho do verniz. O embaciado e os arranhos superficiais também desaparecem, com este processo.

A aplicação é feita com um pano macio e o excesso é tirado com outro pano limpo. O polimento é feito com flanela esfregada na direção das fibras de madeira até que esta fique completamente seca e as marcas dos dedos desapareçam.

REMOVEDOR DE MANCHAS DA-GUA — Outro tratamento de mobília sugerido por Cornell é o uso da

canfora ou da hortelã pimenta para remover manchas brancas da madeira envernizada. Esfregue o lugar manchado levemente com um pedaço de flanela humedecida numa dessas essências, e a seguir (depois de alguns minutos) faça uma aplicação com a fórmula descrita anteriormente.

CONSERVAÇÃO DO COURO — Para conservar o couro isento de mofo, basta limpá-lo de tempo em tempo com água rás. Serve também uma solução de 5% de naxalina em benzina. Depois esfregue o couro com pano humedecido e deixe secar.

MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente seção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.



*Crêmes e
Casadinhos*

CREME DE ESPARGOS

Separam-se as pontas de 2 maços de espargos, cozinhando-se os talos em água e sal, passando-se a seguir por peneira. Adicionam-se ao caldo 1 litro de leite, 2 gemas, 2 colheres, das de sopa, de manteiga e 3 colheres, das de sopa, de Maizena Duryea, cozinhando-se nesse creme as pontas de espargos.

CAMARÃO AO CREME

Faça um refogado com 1 quilo de camarão, 6 tomates, sal, pimenta e salsa. Em seguida, adicione 1 xícara de leite de coco, até ficar de consistência grossa.

Junte 2 colheres, das de sopa, de Maizena Duryea, dissolvida em $\frac{1}{2}$ litro de leite, 3 gemas, sal e 2 colheres, das de sopa, de queijo ralado. Leve ao fogo, até formar um creme na consistência de mingau. Adicione 1 colher, das de sopa, de manteiga. Em seguida, arrume, em forminhas, uma camada do refogado, outra de creme, outra das claras em neve. Salpique queijo por cima. Leve ao forno, até ao momento de servir.

CREME DE MILHO VERDE

Derrete-se numa panela, 1 colher, das de sopa, de manteiga, juntam-se 4 xícaras de caldo de carne e $\frac{1}{2}$ xícara de leite ou creme. Tempera-se com sal e pimenta, à vontade. Ralam-se 1 ou 2 espigas de milho verde e deixam-se ferver durante 15 minutos. Engrossa-se o creme com $\frac{1}{2}$ colher, das de sopa, de Maizena Duryea, dissolvida em um pouco de leite frio.

CREME DE CHANTILLY

Tome meio litro de nata e deite em tigela. Coloque-a dentro de uma vasilha com água gelada. Bata a nata no mesmo sentido. Quando tomar consistência, junte 3 colheres, das de sopa, de açúcar (deite aos poucos para não desandar o creme). Continue batendo e junte uma colher de sopa de licor de cacau.

Logo que armar formando um suspiro não bata mais.

CASADINHOS

Faça massa de pão de ló com cinco claras em neve, juntando as cinco gemas, 100 grs. de açúcar, uma colher de essência de abacaxi e 125 grs. de farinha peneirada com uma colherinha de fermento.

Tabuleiro untado e forrado de papel também untado.

Forno brando.

Parta o doce ao meio, passe geléia e cubra com a outra metade. Com o auxílio de um cálice corte rodela, e cubra-as com glacê. Enfeite com confeitos.



EIS O CAMINHO
PARA UMA SAÚDE

"SUPER"



Mamãe, papai e todos os filhos vão tirar grande proveito de um prato diário da deliciosa aveia Quaker Oats. A aveia Quaker Oats é um cereal de grão integral, três vezes mais rico em Thiamina (vitamina B1), em ferro, fósforo e proteína. Pela sua riqueza em energia alimentícia — nutre, revitaliza e concorre para dar força e saúde. A aveia Quaker Oats não é remédio, mas um alimento delicioso para ser apreciado diariamente por todos.

"SUPER" benéfico

A Aveia Quaker Oats é um dos alimentos mais nutritivos — muito mais nutritivo que o arroz. Suas proteínas desenvolvem os músculos, o fósforo fortalece dentes e ossos, a Thiamina fornece energia e combate a fadiga.

"SUPER" econômico

A Aveia Quaker Oats é um dos alimentos mais econômicos. Prepara-se com facilidade de diversas maneiras. Compre hoje mesmo uma lata de aveia Quaker Oats e comece a gozar melhor saúde.



Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker — a original e legítima — identificada sempre pelo nome e pela figura do Quaker. Rejeite substitutos.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



GOVERNANTE

(continuação da pag. 8)

as compras de passagem pela cidade e deixar os embrulhos na cozinha, quando fosse para o estúdio.

No dia seguinte, Dora meteu-se na cama e passou assim uma semana. Kirstie começou a pensar que a mulher de Bart era um mito: nunca haveria de vê-la. No interim, sua amizade com Helena aumentou. Havia qualquer coisa extremamente atraente no olhar de Helena direto e grave e na sua calma maturidade. Se ela fosse a mulher de Bart, não poderiam, naturalmente, tornar-se amigas; Kirstie teria sentido que estava sendo uma serpente entre a relva. Mas, desde que ambas eram espectadoras, achavam-se em igualdade de termos. Não havia razão para que não viesse cedo, pela manhã, para ajudar um pouco a Helena antes de ir para o estúdio, posar para o retrato, e pela mesma razão vinha também à tarde. As crianças não eram antipáticas e Helena era maravilhosa com elas. Fazia todo o trabalho da casa, cozinhando, lavando e varrendo e nunca parecia notar que criatura única ela era. Seria capaz de ficar sentada a noite toda, remendando as meias de Bart, se Kirstie não se tivesse oferecido para levá-las para casa e remendá-las.

Um dia em que Kirstie estava muito ocupada às voltas com o ferro de engomar, uma mulher que ela não tinha visto antes chegou e lhe sorriu.

— Miss Fortescue? — disse Dora. — Como está? Eu lhe sou muito grata. Tem sido tão bom. Não sei como a pobre Helena teria podido arranjar-se sem você.

— Absolutamente — murmurou Kirstie, apertando a mão que lhe era oferecida. — Espero que esteja melhor.

— Oh, sim, — disse Dora. — Muito melhor.

Sentou-se na poltrona e ficou diante de Kirstie. Não era fácil formar nenhuma impressão definitiva a seu respeito. Parecia magra e desbotada, como acontece frequentemente com as pessoas que estão convalescendo de um ataque gástrico. Kirstie, depois dum momento de indecisão, continuou a passar a ferro.

— Seu retrato que Bart fez é muito bom, — disse Dora, olhando-a de cima a baixo. — Não acha?

Kirstie disse que não podia julgar.

No primeiro encontro que imaginava ter com a mulher de Bart, o retrato tinha representado sempre uma parte muito significativa. Naturalmente seria mencionado e muita coisa subentendida no que ela e Dora dissessem. O retrato definiria sua situação na casa. Mas nunca supusera que estaria curvada, passando a ferro as camisas de Bart, enquanto a mulher de Bart ficasse tranquilamente olhando. Agora que Dora estava boa de novo devia procurar retificar essa ambigüidade. Imaginava que Helena não precisaria mais de muita ajuda.

Mas não foi tão fácil como havia pensado. Dora parecia supor que ela viera para ajudar Helena. Helena parecia pensar que ela viera para ajudar Dora. Ambas foram pródigas em agradecimentos pela sua bondade e nenhuma das duas parecia disposta a prescindir dela, em benefício da outra. Kirstie viu-se tão ocupada como antes. Nem eram compensadoras as horas passadas na companhia de Bart, no estúdio. Ele tinha tomado tanto interesse pelo retrato que parecia querer passar o tempo todo pintando. Ele era ainda o mundo inteiro para ela. O sonho ainda continuava. Porém começava realmente a indagar de si mesma aonde isso a levaria. Um dia, quando ia empurrando pela rua o carrinho do bebê, encontrou duas matronas de Porthkerran. As duas pararam para admirar a criança. Quando se afastavam ouviu uma delas dizer, ainda ao alcance da voz:

— E' de fato um prazer ver hoje um pequena tão domesticada.

— Eu estou enganado — perguntou Bart — ou nós combinamos que você viria às dez horas? Em meu relógio falta um quarto para as onze.

Kirstie arrancou o chapéu e o jogou de lado.

— Sinto estar atrasada — disse de mau humor — mas aconteceu que as lojas estavam hoje muito cheias.

— As lojas?

— Eu fiz todas as suas compras, como faço todos os dias. Tenho carregado toneladas de embrulhos por esta colina acima. Doutra vez, se quiser que eu seja pontual, é melhor que venha me ajudar.

— As compras? Que compras?

— Seu almoço. Você pensa que ele sobe a ladeira sozinho?

— Realmente eu não... Eu pensava que os armazéns mandassem entregar.

— Então estava pensando errado. Não entregam. Só entregam depois do meio dia.

Dora, Helena ou eu temos de ir buscar os gêneros.

— Isso parece um mau sistema — observou ele.

Kirstie explodiu.

— Você não tem consideração... você é tremendamente egoísta. Nunca dá uma ajuda. Fica aí sentado, criticando e esperando que os outros sejam seus escravos. Por que há de ser assim?

— Sim, de fato, — disse ele. — Por que? Eu nunca pedi a ninguém que carregasse meu almoço pela colina acima.

— Não. Você espera que essas coisas sejam feitas sem ter mesmo de pedir, muito menos de agradecer. Já lhe ocorreu alguma vez que Dora tem cinco filhos e não tem criada? Já lhe ocorreu alguma vez que ela tem uma vida bem dura?

— Não creio que isso a preocupe.

— Meu Deus! Se eu fosse Dora, haveria de fazer você dar um jeito.

— Você não é Dora. Dora tem todo o direito de me dizer o que quiser, se assim entender. Mas você não. Se você tem prazer em carregar embrulhos subindo a ladeira, muito bem, goze com isso. Se não gosta, não carregue.

— Oh... você... é... o maior...

Kirstie arrebatou o chapéu e se precipitou para fora do estúdio. Bart encolheu os ombros e começou a limpar a palheta. Cenas como essa não eram desconhecidas no harem de ajudantes que habitualmente o rodeavam. Uma vez por outra uma se revoltava e lhe atirava uma torrente de censuras. E, coisa estranha, todas o acusariam de falta de consideração com Dora. Ao que ele sabia, Dora era mais do que capaz de cuidar de si mesma.

Helena estava na cozinha, picando sebo.

— Que é que há? — perguntou quando viu a cara de Kirstie.

— Oh, tive uma briga horrível com Bart. Ele é impossível. E' estupidamente considerado.

— Sim, — concordou Helena. — E' mesmo.

— Por que nós todas nos escravizamos a ele deste modo quando ele... por que fazemos isto?

— Esta — disse Helena, pensativamente, enxugando o facão — é uma pergunta que cada uma de nós tem de responder por si mesma.

Olhou para Kirstie cara a cara. Kirstie corou e disse:

— Você sabe... o que há entre mim e Bart?

— Creio que sei.

— Eu acho que você... pensa mal de mim?

— Oh, não. Eu não poderia pensar assim.

Helena pôs o facão de lado e lavou as mãos. Depois disse, com um esforço evidente:

— Parece que você não sabe nada a respeito de mim e de Bart.

— De você? — gritou Kirstie. — De você... com... Bart?

— Sim.



SEGredo DO PERFEITO MAQUILLAGE

diz

helena rubinstein

— Base CIDADE E CAMPO — torna invisíveis as imperfeições e linhas e conserva o maquillage fresco e encantador durante muitas horas. Cr\$ 25,00 e 35,00.

— O PÓ DE ARROZ de Helena Rubinstein, de tonalidades que combinam com o colorido natural da pele, dá ao rosto a suavidade de uma pétala de rosa. Cr\$ 40,00 e 55,00.

— Os BATONS de Helena Rubinstein mantêm os lábios macios e brilhantes, dando ao seu maquillage o toque final de sedução. Cr\$ 30,00. Sobressalente 10,00.

— O maquillage adquire todo o seu valor quando a pele é sadia e impecável. No Salão Helena Rubinstein, a HORA DE BELEZA é o tratamento que dará à sua cutis a frescura e a maciês da juventude. A Hora de Beleza se adapta a cada caso especial e satisfaz a todas as necessidades da pele. Todas as possibilidades latentes de sua beleza serão despertadas, sua personalidade aparecerá sob um encanto até agora não conhecido. Marque sua hora: 42-1442.

Helena Rubinstein

SALÃO NO RIO: EDIFÍCIO BRASÍLIA
Avenida Rio Branco, 311 — Tel. 42-1442

O MAU HALITO

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

ERGUE BARREIRAS SOCIAIS...

A pessoa portadora de mau hálito geralmente ignora o mal de que é vítima e constrange mesmo os mais íntimos... Previna-se contra esse grande inconveniente, fazendo bochechos e gargarejos com uma solução

de Odorans. Pelo seu alto poder antisséptico e germicida, o dentifício medicinal Odorans impede a fermentação — causa mais comum do mau hálito — e evita as infecções bucais, como piorrêia, gengivites, etc.

— O que? Quando? Eu não compreendo. Eu pensava que você fosse amiga de Dora.
— Sou agora. Não fui sempre.
— Quando foi?
— Há cerca de cinco anos — disse Helena tranquilamente. — Durante... três meses.
Depois... Bart se passou para outra.
— Helena! Não pode ser verdade. **Você!**
— É verdade.
— Dora sabia?
— Oh, sim. Nós nunca conversamos sobre isso. Porém ela sabia perfeitamente. Quer dizer... em certo tempo... eu... eu o quiz tomar dela. Mas ninguém pode fazer isso, você sabe, Kirstie.
— Helena! Eu não posso acreditar. Por que você me diz isto?
— Porque — disse Helena — eu acho que é uma pena que você estrague sua vida por causa dele. Você é uma menina boa. Eu gosto de você. Não posso ver você martirizando seu coração por uma ninharia. Você ainda não afundou muito. Poderia acabar facilmente agora. Que é que lhe ficará disso senão uma miséria?
Dora surgiu na cozinha. Olhou para Kirstie e Helena, de pé, vibrantes, de cada lado da mesa, e sorriu com o seu sorriso indolente e indulgente.
— Que é que vocês estão fazendo? — perguntou.
— Estou cozinhando, — disse Helena. — E Kirstie vai para casa daqui a pouco. E você acho que está limpando a banheira, não é?
— Já limpei, — disse Dora, que realmente conseguia fazer um bocadinho de coisas à sua maneira própria — eu pensei em sair com as crianças se você não quizesse ajuda aqui.
— Não — disse Helena. — Nós não queremos ajuda, obrigada.
Dora saiu vagarosamente.

— Mas, Helena, — disse Kirstie — não é a mesma coisa para você? Uma miséria? Por que você se sujeita? Por que não vai embora?
— Oh, não! Para mim é muito diferente. Quando se arrisca tudo o que se tem, numa certa empreitada, não se pode voltar atrás. Eu amo Bart.
Por um momento seu rosto irradiou na luz que devia envolvê-lo naqueles breves meses antes de Bart lhe despedaçar o coração.
— Eu conheço todos os defeitos dele, porém isso não faz nenhuma diferença. Ele é tudo para mim, embora eu não seja nada para ele. Não posso suportar nenhuma vida longe dele. Acho que sou dessa espécie de mulheres que nascem para terem apenas um amor em toda a vida. Faz muito tempo que abandonei a última esperança... qualquer sonho maravilhoso de o ver voltar para mim. Não é isso que me traz aqui. Eu passei uma fase horrível antes que pudesse chegar a abandonar esses sonhos, mas agora estou conformada. Se não fosse assim, se eu fosse começar a esperar de novo, isso estragaria o que eu consegui... estar perto dele todos os dias... e cuidar dos filhos dele, embora não sejam meus filhos. Dora sabe disso e me deixa. Você sabe, embora ela seja a única mulher que pode realmente conservá-lo, não gosta mais dele e eu o amo.
Havia uma espécie de serena humildade na sua voz, ao dizer as últimas palavras. Kirstie sentia que tudo era inteiramente verdade e que fazia muito tempo que ela deixara de querer alguma coisa para si. Depois de tudo o que passara, o encantamento, o choque da desilusão, a agonia perplexa, as lutas, as vãs esperanças e as decepções íntimas, viera o lento desabrochar da sabedoria, uma dura disciplina, uma final consecução de paz. Nada de ardente ou de vital no seu sentimento por Bart fora sacrificado: salvara tudo isso à custa da felicidade.
— Eu... eu não poderia fazer isto, — disse Kirstie, como arquejante de escalada tão íngreme e tão tenebrosa.
— Não, — concordou Helena. — Você não poderia. Portanto não experimente. Esqueça-o. Acredite em mim, que é mais fácil.

Partiu alguns ovos numa vasilha e começou a batê-los. Kirstie ficou a contemplá-la com uma expressão de atarrado respeito.

— Você... — começou Kirstie.
Mas o barulho do batedor de ovos apagou-lhe a voz e ela não podia, na verdade, gritar uma pergunta daquelas. Além disso, uma expressão fechada invadira o rosto de Helena. Havia acabado as confidências. Havia falado apenas pelo bem de Kirstie, e Kirstie agora sabia o que devia fazer.

Dominando o barulho do batedor de ovos, Kirstie perguntou:
— Mas como você e Dora se arranjarão, se eu não vier mais aqui?
— Oh, daremos um jeito. Agora já estamos acomodadas. E Dora pode produzir muito mais do que produz, se for obrigada.

E então, depois de Kirstie ter esperado um momento mais, Helena fez-lhe um aceno e disse:

— Adeus!
— Oh, Helena! Isso parece tão injusto...
— Se você espera que as coisas sejam justas neste mundo — disse Helena — não irá muito longe. Adeus.
Kirstie achou-se do lado de fora da casa, andando, sem saber se havia retribuído ao adeus de Helena.
Não se sentia infeliz. Estava triste, triste. Até então, não tinha sabido que houvesse qualquer diferença entre esses dois estados da alma.

Os Dois Mundos

(Continuação da página 13)

novo dia seja pior que o anterior; imaginar que a civilização é uma película delgada pronta a romper-se a qualquer momento. Depois, os homens julgaram que seus semelhantes tivessem sido permanentemente civilizados, que a sociedade nunca sofreria maiores convulsões, e que os indivíduos tivessem apenas de preparar-se para sua segurança privada num mundo onde a segurança privada podia ser considerada como coisa garantida.

Zweig não idealizou exatamente essa primeira idade. Bem percebeu os seus aspectos feios e o fato de que nem todos os cidadãos gozavam de paz e prosperidade, embora imaginasse que haveriam de goza-las cada vez mais à medida que o "progresso" avançasse. Mas quem não vivesse naquela época não poderia dizer que espécie de felicidade seria essa.

As flôres de Glais

(Continuação da pag. 43)

me no meu leito de criança, onde, cansado de tanto susto e tanto choro, não tardo a adormecer.

Querem agora saber com que sonhei? Está visto: com as flôres de glais! Numa corrente muito clara, muito linda, que nos dava volta à casa, via uma porção de ramos subindo da água, como num conto de fadas, e do amarelo mais puro. Libélulas em quantidade desciam sobre as flôres, espalhando as asas de seda azul. E eu nadava na água sorridente. E apanhava as flôres de ouro às mancheias, às bragadas... E quanto mais eu apanhava, mais flôres surgiam na água cor do céu.

De repente ouço uma voz chamando:

— Frederil!

Acordo... E que vejo? Um grande ramo de glais cobrindo-me o leito.

Foi o senhor meu pai em pessoa que trouxe as flôres da minha tentação; e foi minha mãe tão linda que as colocou sobre o meu peito.

SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.

O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNEA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPANHA PARAMÉS & IMAO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.



REVISTA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Recebemos o numero 2, da segunda fase, da Revista da Cruz Vermelha Brasileira, da qual são diretores os Drs. Sudá de Andrade e Oscar Soares.

Está uma edição interessante, com materia variada — gravuras e texto.

REVISTA DO INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTORIA MILITAR

Recebemos o n. 3 do ano 3.º da Revista do Instituto de Geografia e Historia Militar do Brasil.

E' o numero referente ao 1.º semestre de 1943 e traz materia interessante fartamente ilustrada.

MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO"

Recebemos o volume III do tomo XXII, correspondente a Junho de 1943, do Mensario do Jornal do Comercio com artigos de interesse geral.

Primeiro indício!..

Não perca tempo quando sentir os sintomas de uma constipação — o descuido pode custar-lhe caro. Aplique logo Mentholum no peito, na garganta e nas fossas nasais. Mas exija o legítimo



MENTHOLATUM

Jogo para banho

Uma das peças principais de toda casa é o quarto de banho: por isso devemos tê-lo sempre limpo e alegre. Nesta página apresentamos dois jogos de toalhas, uma bolsa que se coloca atrás da porta para guardar meias e lenços sujos e um pano de enfeite.

As toalhas são em linho ou tecido esponjoso e os demais trabalhos em fazenda lavável, bordados em fio mercerizado branco ou a côres.



PILSENER

Numa festa produz



UM PRODUTO DA

ANTARCTICA



A. 601

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferencia ao dentifricio mais completo para higiene e conservação dos dentes.



OUTROS RIRAM



— A senhora está em casa?
— Sinto muito, mas muito, dizer que não.
— E por que sente tanto assim?
— Porque não gosto nada de mentir.



— Passe o relógio, depressa!
— Mas o senhor mesmo m'o roubou ha oito dias...
— E ainda n'ô comprou outro.
Sujeito sem vergonha!



O 'R' da Rhodia é a MARCA-SÍMBOLO dos PRODUTOS de VALOR

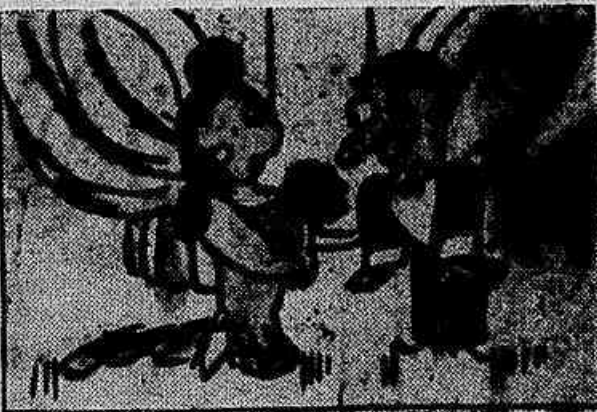
O resfriado comum, que nada mais é do que o primeiro sintoma da gripe, pode ser facilmente combatido com um ou dois comprimidos de RHODINE, tomados a qualquer hora do dia. Se, porém, a gripe já se manifestou, o meio mais simples e eficaz de combater radicalmente o mal é tomar, ao deitar-se, um ou dois comprimidos de RHODINE com um chá-de-canela bem quente. Transpirando, a gripe desaparece. RHODINE é a boa enfermeira que não deixa o resfriado progredir, nem a gripe vencer!



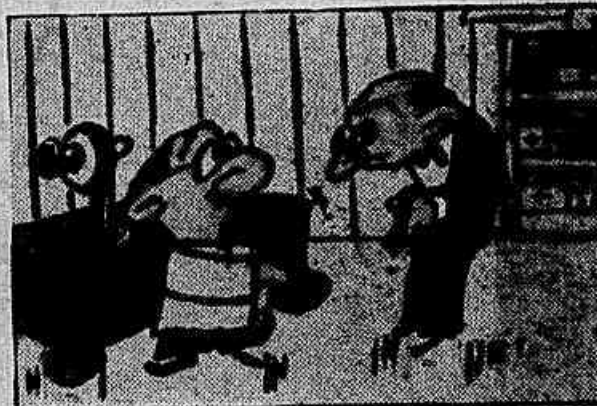
RHODINE

CAFFINADA

PANAM



— Antigamente os homens eram mais delic'os com o belo sexo.
— Talvez também o belo sexo fosse mais moço...



— O senhor precisa de levar uma vida muito metódica: deitar-se cedo, deixar de beber, de fumar...
— Já sei. O doutor falou com minha mulher!



— E se eu fosse para longe continuaria a amar-me, Arthur?
— Juro-lhe, meu bem: Quanto mais longe você estivesse, mais eu gostaria de você!

MARAVILHAS



DE TRICÔ • CROCHÊ

★ Torne-se uma artista das agulhas, fazendo maravilhosos trabalhos de lã. TRICÔ e CROCHÊ, revista especializada em trabalhos de lã, lhe trará mil e uma receitas esplêndidas, com gráficos, fotografias e tôdas as explicações sobre os trabalhos.

RECEITAS DE TRICÔ • CROCHÊ

★ Em cada número da revista TRICÔ e CROCHÊ, há uma boa quantidade de receitas minuciosas de agasalhos, adornos, roupinhas de lã.

FOTOGRAFIAS DAS PRENDAS JÁ FEITAS

★ Cada receita vem acompanhada da fotografia do trabalho terminado, para que a leitora forme sua impressão, antes de começar.

GRÁFICOS

Para evitar enganos e perda de material e tempo, TRICÔ e CROCHÊ publica gráficos que esclarecem as receitas.

TRICÔ • CROCHÊ CONTÉM AINDA: NOVELAS, CONTOS, POESIAS, CINEMA E MUITOS OUTROS ASSUNTOS DE INTERESSE FEMININO

TRICÔ • CROCHÊ - NO. AVULSO CR. \$ 6,00
À VENDA EM TÔDAS AS BANCAS

PRISÃO DO VENTRE?



Pílulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS INTES-

TES DO VENTRE-LÓC.



O MUNDO DA MULHER

DOROTHY SAINSBURY

Réplica a um artigo de John Erskine, publicado no TIMES, onde concluiu que após a guerra "O MUNDO PERTENCERÁ À MULHER".

As mulheres sempre governaram o mundo! Papai pode ter rosnado e bramido na era vitoriana e Mamãe pode ter aparentado ser um camondongo. Mas a literatura e o diário familiar testemunham que muitas, se não a maioria das idéias de Papai lhe eram timidamente sussurradas por mamãe depois que permanecera insone toda uma noite ou que levava duas semanas planejando-as.

Era apenas um sussurro, enquanto atava uma fita nos bandós, tão baixo e macio que muitas vezes nem papai o percebia. Para ele era apenas o reflexo de seu próprio pensamento — pois Papai sempre teve em alta conta o seu ego — e quando desposou a mulherzinha os pensamentos desta tornaram-se dele tão seguramente quanto ela própria. Mamãe concedia que era melhor assim. Ninguém falaria a respeito e Papai continuaria a crer que era o gato do ferro.

Por acaso julgam Mr. Erskine e os pessimistas perpétuos de seu próprio sexo que nos crimes de Macbeth houve apenas uma coincidência de feitiçarias na qual Lady Mac não tomou parte? Si assim foi, porque lamentou ela seus feitos? Ele cita Elizabeth, a que morreu sem esposo e de quem qualquer historiador honesto conta que elaborava suas decisões mais de um ponto de vista masculino que de um feminino. Censurava seus ministros pelos erros que cometiam? Desde quando foi virtude dos reis e príncipes assumir a responsabilidade dos atos cometidos que pesavam sobre os ombros de seus conselheiros? Citem-me um imperador, ou um presidente! Não importa que fosse grego, romano ou americano. Si for servido por uma esposa ou amante ninguém conseguirá provar que um décimo de um por cento de suas idéias virá de seu próprio cérebro obtuso.

Uma mulher poderá orgulhar-se de sua política de bastidores, mas ela tem olhos para ver, ouvidos para ouvir e o espírito necessário para somar dois e dois. Por felicidade ou desgraça ela também possui uma língua. Mais cedo ou mais tarde ela deixará cair uma palavra. Seu pobre esposo muitas vezes esperou esta palavra durante meses. Ele a abraça, guarda com seu peito aquele precioso pensamento. Si trabalha, torna-se seu. Si fracassa, sua memória oportuna recorda-lhe que o pensamento foi de sua companheira e não de sua cabeça. Tal como os reis e os príncipes ele censura-a alegremente pelo erro.

Talvez P. T. Barnum estivesse certo. O Público gosta de ser divertido — e Papai aprecia-o em particular. Talvez goste de fechar aquele olho percuciente que vigia a portinhola de seu cérebro. Talvez no dia das eleições ele goste de lechá-lo e de imaginar que vota apenas no homem — no marido — cujo nome aparece na lista de candidatos. Certamente nunca o abre até chegar a um nome indicado por Miss ou Mrs. É uma coisa misteriosa — o medo do homem por uma mulher política. Ele confia seu lar, seu filho, sua fortuna à esposa e seus negócios à sua secretária. Mas seus interesses políticos têm de ser entregues nas mãos de um homem mesmo que este seja um ladrão e um patife.

Voltemos, porém, a Mr. Erskine. Com perversidade feminina concordemos com ele em que a Elizabeth, rainha da Inglaterra, agiu de uma maneira inteiramente feminina. E por isso que seu reinado representa a Idade Aurea das letras inglesas, que a paz predominou nessa época, que as grandes explorações foram financiadas. De fato, maiores viagens foram feitas em seu reino do que nos de seus dez antecessores masculinos. O fato é que as duas maiores eras do progresso da Inglaterra parecem ter coincido com as vidas de dois chefes de estado femininos. Coincidência, talvez, mas não imaginação. No segundo exemplo refiro-me ao reinado da Rainha Vitória.

Hoje, Mamãe está trabalhando e ganhando dinheiro, talvez pela primeira vez em sua vida. Seu lar pode estar sendo um pouco esquecido. Mas ela sabe que a primeira palavra de seu filho que é soldado ao voltar será: "Quando é que almoçamos, mamãe?" e ela tornará a voltar a seu lar. Mamãe é bastante patriota para acorrer quando sôa a



QUE OS BEIJOS AVIDOS PROCURAM...

...ao simples toque do BATON COLGATE!

OS homens gostam de lábios que provocam vontade de beijar... Dê aos seus lábios o mágico tom de exotismo tropical com que o Baton Colgate torna seus lábios mais ardentes... mais atraentes e... muito mais *beijáveis*! O Baton Colgate importado da América é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas! Use desde hoje, Baton Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda: Vermelho Amazonas: exclusiva de Colgate!

O coração bate...
com BATON COLGATE



Quero bom trato!

TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

SABÃO TIMBORÓL
A BASE DE TIMBO USO VETERINÁRIO

Onde a dança mora

(Continuação da pág. 27)

posso queixar da vida de artista. A arte é cheia de alegrias e desilusões. Apesar de tudo, porém, o artista vive a alegria criadora que é a maior da terra. A poetisa Gilka Machado previu os sofrimentos que a filha experimentaria, mas não imaginou as deliciosas compensações que o ato criador traria a Eros. Demais, ninguém muda seu destino e Eros já nascera artista. Só tinha que obedecer à voz oculta que a mandava dançar.

E que pensa você da poetisa Gilka Machado? Sou suspeita... Mas arrisco-me; é a maior poetisa que conheço.

Fiz uma pausa e acrescentou:

É a melhor mãe do mundo!

Voltando-nos agora para seu trabalho nobilíssimo de formadora de novas bailarinas a quem transmite a chama sagrada que abraçou sua vida.

Meu desejo é que se tornem grandes bailarinas. Mais do que eu...

Percorremos com os olhos extasiados o corpo

de alunas. Os corpos tinham a perfeição das colunas antigas que outrora tivessem animado o sopro de um deus. Em movimentos ritmados arrancavam do vácuo formas imortais e criavam figuras de beleza.

— Já conseguiu triunfos com suas alunas?

— Sim, quando o Ministério da Educação promoveu, há algum tempo, uma temporada de arte coreográfica, apresentei um corpo de baile que obteve sucesso.

Eros fala-nos das dificuldades que enfrenta todos os dias. Lastima o sacrifício das alunas, que não dispõem de recursos para devotar-se inteiramente à dança. "Sacrificam-se ou desistem".

— Quem sabe si uma subvenção resolveria o problema?

— Acho que sim. Eu poderia então formar um corpo de dançarinas que de fato honrasse nossa terra. Além disso já provei que o posso fazer. Atestam-no as dançarinas que foram minhas discípulas e que já se tornaram famosas.

Cita-nos então Isette Dias, Lurdes Menezes, Léa e Raquel Lazzeri, Iolanda e Luiza Santoro, Lurdes Dellino, Isis Martins, Carmen Dávila, Any Guaiaba, Peggy Zaccari, Josefina André, Silvio Fernandes, Maia, Deomar, Sebastião Araujo, etc., etc.

— Quais são os seus valores atuais? — Léia Naldi é a mais destacada. É a grande revelação do bailado clássico. Tem músculos e alma de dançarina. A fama já lhe acena do horizonte. Há também Saly Loretti, um anjinho de oito anos que será uma revelação e, dentro em breve, uma dançarina.

Eros Volusia fala-nos de suas produções que todas elas têm como tema primordial o encanto, o mistério e a graça da terra. O centro da arte de Eros é o Brasil. Em *Rio Rita* opôs-se tenazmente a dançar qualquer outra coisa que não fosse a dança brasileira. Nosso bailado graças a ela triunfou. A produção de Eros é grande. Não contente em plasmar criações folclóricas, como em *Sertaneja*, *Lamento*, *Negro*, *Tico-Tico no Fubá*, *Macumba*, *Boi Bumba*, etc. ela foi buscar inspiração nos poemas de Gilka Machado *Árvore Azul*, *Ajonia da Saudade*, *Labareda*, *Oração*, *Nocturno*, *Última folha do outono*, etc.

Já era tempo porém de findar a entrevista. E com pesar abandonamos novamente Eros Volusia ao seu senhor absoluto e imperioso: o genio do bailado que logo a tomou em seus braços poderosos e a levou num rodopio para os mundos distantes onde se revela a alma eterna das formas criadoras.

